

CECÍLIA COLÔNIA

UMA AVENTURA ANARQUISTA NA AMÉRICA

AFONSO
SCHMIDT

COLÔNIA CECÍLIA

UMA AVENTURA ANARQUISTA
NA AMÉRICA

Afonso Schmidt

COLÔNIA CECÍLIA

UMA AVENTURA ANARQUISTA
NA AMÉRICA



2025

Copyright: Espólio de Afonso Schmidt

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Welington Ribeiro Borges

REVISÃO DE TEXTO
Francisco Rodrigues Torres

FOTOGRAFIA E TRATAMENTO DE IMAGENS
Dilson Silva Mato Grosso

IMAGEM DA CAPA E ILUSTRAÇÕES
Morellos Assessoria e Comunicação Digital

PRODUÇÃO FINAL DA CAPA
Morellos Assessoria e Comunicação Digital

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Morellos Assessoria e Comunicação Digital

Instituto de Desenvolvimento Econômico
E Social Afonso Schmidt
acesse: <https://portalafonsoschmidt.com.br>

*Si la veritá ti fa paura, non
leggere, perché questo libriccino
per te è pieno di paura
Dr. Giovanni Rossi*

Apresentação

O Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social Afonso Schmidt nasceu em 9 de maio de 2002 sob a denominação de Sociedade Amigos da Biblioteca e Arquivo Histórico de Cubatão. A entidade é responsável pela realização do “Sarau do Sambaqui”, o qual ocorre todos os meses nas escolas do município e em outros pontos da cidade, espaços onde contadores de histórias, poetas e cantores recebem o devido apoio.

Em 2017, por necessidade de atualização estatutária, a diretoria da entidade, em assembleia, decidiu pela ampliação de suas atividades no apoio à pesquisa acadêmica, à difusão da cultura e do fazer cultural. Dessa forma, alterou seus estatutos criando um instrumento que permitisse uma maior possibilidade de atuação no município de Cubatão e em todo território nacional. O nome da entidade foi alterado para homenagear o grande escritor cubatense e valorizar sua vasta obra por meio da publicação de seus livros.

Nesse sentido, o Instituto Afonso Schmidt desenvolveu a “Coleção Afonso Schmidt”, na qual, as obras passaram por atualização gramatical completa e a devida reimpressão. Finalmente, consideramos que a grande homenagem que podemos prestar ao escritor é fazer sua obra conhecida novamente. Assim, a publicação de seus principais livros é uma maneira não só de homenagear o autor, mas acima de tudo, incentivar a leitura e despertar os leitores sobre a importância de Afonso Schmidt no cenário cultural e literário do país.

Nalva Leal
Presidente do Instituto Afonso Schmidt

Prefácio

Os estudiosos de sociologia estão comemorando o cinquentenário da Colônia Cecília. Foi essa uma curiosa experiência social levada a efeito em terras do Brasil. Malograda por diversos motivos, sobre ela caiu, durante tanto tempo, a poeira do esquecimento. Tem-se a impressão de que seus amigos possíveis inimigos desejavam apagá-la da História com o intuito de poupá-la à crítica das gerações que se sucedem.

No entanto, apesar do presumido acordo, o silêncio não tem sido completo; ouvem-se de longe a longe vagas referências à famosa iniciativa. Sabe-se que, mediante entendimentos havidos nos últimos anos da Monarquia, entre o Dr. Giovanni Rossi e o Sr. D. Pedro II, essa comunidade de sonhadores foi fundada nas vizinhanças das localidades de Palmeira e Santa Bárbara, na então Província do Paraná.

Essa concessão de terras poderá parecer estranha aos que só hoje dela se inteiram, desconhecedores da situação e das preocupações daqueles dias. A verdade é que pelo Brasil ainda ecoavam as festas de 13 de Maio. O problema do braço para a lavoura era absorvente; os escravocratas, a fim de prolongar os benefícios do trabalho servil, tinham feito a campanha ameaçando-nos de ruína econômica pelo abandono das fazendas. Esse temor levara o governo, com antecipação, a tomar extraordinárias medidas. Multiplicavam-se as colônias. Ali perto, em Santa Bárbara, já se havia estabelecido o “mir” dos alemães do Volga. O “mir” é uma forma de socialismo agrário. que mal haveria, pois, em ceder terras, na mesma zona, a anarquistas italianos, num tempo em que a estabilidade social ainda não oferecia perigos imediatos? O governo, fazendo tal concessão, pensou inteligentemente que a terra acabaria por absorver as preocupações ideológicas. E o governo agiu com acerto. Os fatos lhe deram razão. É o que se conta nesta reportagem.

Assim estudado, o ato do governo monárquico perde muito de sua estranheza. Com esse espírito, foi concedida licença para o estabelecimento da Colô-

nia Cecília, modesta experiência de uma sociedade ácrata, sem lei, sem religião, sem propriedade individual e principalmente onde a família fosse constituída de forma mais humana, no entender de seus pioneiros.

Por outro lado, tais iniciativas estavam em moda. Não representavam grande novidade na América, como nos outros continentes. A época era propícia a semelhantes cogitações. E como nenhuma delas tivesse alcançado êxito, as classes conservadoras não lhes davam crédito, levando-as à conta de devaneios líricos de filósofos e poetas. De nada valia o clamor dos arautos, nos congressos, nos livros, nos jornais, por toda a parte.

Os acontecimentos de Paris, vinte anos antes, enchiam a literatura e escaldavam os cérebros. Era o tempo do niilismo russo, dos congressos internacionais que abalavam o mundo, das grandes demolições e das vertiginosas construções. Nietzsche, com a alucinação da força, havia soltado entre os homens o demônio de um pensamento que, meio século depois, deveria inspirar os ditadores de toda casta. Por outro lado, teoristas como Marx, Engels, Kropotkin, Bakunin e tantos outros, cada um absorvido na sua obra, mostravam caminhos novos para a humanidade, ensanguentada, talvez esquecida de Deus.

Não se pode, pois, julgar a Colônia Cecília uma experiência que incluía o amor livre - designação que, por sinal, não satisfazia ao seu fundador - sem conhecer a inquietação característica da época. Ao Congresso Operário realizado em Bruxelas, no final de 1891, compareceram muitas das maiores personalidades da Europa, numa afirmação de socialismo. O socialismo daqueles dias ainda era uma vasta nebulosa a fragmentar-se em mundos novos de concepções. Desse Congresso saíram muitas coisas, entre as quais o Primeiro de Maio como data internacional, afirmativa da luta de classes. Saiu também "a igualdade completa dos dois sexos, assegurando à mulher os mesmos direitos civis e políticos concedidos aos homens. Como esposa, como mãe de família, como trabalhadora, a mulher é tão interessada como o homem na confecção das leis."

Depois desse Congresso houve uma mudança na mentalidade da Europa. Dois anos após, no Congresso de Zurique, o circunspecto Benoit Malon escrevia:

"O casamento na antiguidade era fundado sobre o desprezo e a escravidão da mulher; o casamento cristão tinha por princípio a inferioridade e a servidão da mulher; o casamento burguês atual baseia-se sobre a única conveniência dos interesses mercantis e, ainda, na subordinação da mulher. Pela primeira dessas formas matrimoniais o filho era para o pai uma simples coisa; pela segunda, o seu servo, e pela terceira quase se pode dizer que ainda hoje continua sem direitos. É indispensável libertar a mulher e conceder direitos aos filhos. O casamento futuro terá como condição a escolha revogável dos interessados, escolha livre e baseada unicamente nas afinidades intelectuais, morais e físicas".

A ideia de uma sociedade nova, fundada sobre novas concepções, pairava

no céu intelectual. Na Itália, que mais nos interessa no presente caso, homens do relevo de Enrico Ferri prognosticar que o próximo século, que já alumia o horizonte, traria consigo uma sociedade diferente, com alicerces na justiça e na liberdade. E pelo mundo multiplicavam-se as experiências. Nada mais natural que o imperador do Brasil, um homem inteligente e culto, muito acima da mentalidade geral que o cercava, sentisse uma viva curiosidade por esse problema. Ele havia mostrado outras curiosidades que ficaram históricas. Encorajou Pasteur e deu a mão a Graham Bell. Tinha paixão dos poetas, dos inventores, dos iluminados. O Dr. Giovanni Rossi era o cientista social, aplicando às relações entre os homens os mesmos processos que, na Escola de Agronomia, observara entre as plantas. uma página de sua lavra, sobre a poligamia entre as flores, é admirável. Daí, o curioso folheto intitulado “*Il commune in riva al mare*”; daí como consequência, a colônia experimental. No seu sonho aquilo não devia ser uma colônia, mas um canteiro. Ele sonhava e Deus sorria...

Essa tentativa levada a efeito no Paraná, como tantas outras surgidas no Continente, veio a extinguir-se depois de três ou quatro anos de angustiosa existência, é verdade que nos Estados Unidos subsistem ainda núcleos desse gênero, em plena atividade experimental. Encontramo-los ali de diversas cores, notadamente de fundo religioso. Mas os fatos demonstram que, mesmo nos de caráter místico, ao abolir-se a propriedade privada, eles tomam imediatamente caminhos libertários, interessando logo a constituição da família. A interdependência de tais fenômenos torna-se, assim, evidente ao observador.

Mas a existência de tais colônias, mesmo na América do Norte, é quase sempre precária. São edifícios construídos com materiais retirados de ruínas. Não se faz uma sociedade nova com homens emprestados de uma sociedade velha. Por isso, ao que sei, das sociedades experimentais ali instaladas em grande número no século passado, muitas já desapareceram de envoltas com as cinzas das desilusões. Nem sabemos de quantas se desvirtuaram, levadas na voragem de uma agressiva concorrência já em vigor naquelas terras privilegiadas, abertas a muitos aventureiros, tanto aos românticos sonhadores de uma humanidade perfeita como aos práticos lutadores em prol do próprio enriquecimento.

Depois da Colônia Cecília, no Paraná, que durou, como dissemos, de três a quatro tormentosos anos, surgiu a Colônia Cosmos, em Santa Catarina, fundada por um libertário chegado da América do Norte. E, ali, por 1930, a Colônia Varpa, em Quatá, Estado de São Paulo. Esta última é constituída por letões, tem absorvente cunho religioso e prolonga sua existência vegetativa através das imensas dificuldades da hora presente. Poderíamos acrescentar que no município da capital de São Paulo já houve, também, uma tentativa de colônia ácrata, mas, apesar das animadoras primícias, não teve melhores resultados em consequência de acontecimentos com que ninguém contava, de todo alheios à

vontade de seus organizadores.

O Dr. Giovanni Rossi, que no nosso trabalho será chamado pelo seu pseudônimo de Cárdias, em 1939 ainda vivia em Pisa, Itália, sua terra natal. Deve contar para mais de 85 anos. Se ele quiser dizer o que fez e o que viu no Brasil, de 1889 a 1894, em que esteve à frente de sua colônia, poderá escrever um grande livro. entretanto, porém, ele não o faz, nós, jornalista, procuraremos fazê-lo com o carinho com que escreverfámos uma reportagem sentimental.

Na sua mocidade o filósofo italiano escreveu um folheto e depois, como dissemos, resolveu pôr em prática a sua utopia. Insistimos na palavra utopia. Aí está uma palavra que alguns de meus leitores, com certeza, só conhecerão no sentido sorridente que lhe é emprestado. Há uma velha tendência para dar-se a certos termos uma significação pejorativa, a fim de malsinar o pensamento que lhes representam. Anarquia, por exemplo, que apenas quer dizer negação de autoridade, é repetida a cada passo como sinônimo de desordem. Casa de tolerância, cuja interpretação mais comum é a de todos conhecida, referia-se inicialmente à loja maçônica, onde todas as ideias superiores deviam ser respeitadas, onde havia tolerância para todos os credos. Aqui mesmo no Brasil durante a Monarquia e depois dela, a palavra república serviu para designar casa de estudantes, assim como quem diz Casa de Orates...

O mesmo se deu com utopia. Essa palavra grega (“u” negação e “topos” lugar) ou seja, lugar, terra que não existe, serviu de título a um romance de Thomas Moore, nos princípios do século XVI. Na primeira parte, o autor ataca a sociedade inglesa, o despotismo das monarquias, o servilismo dos áulicos, o luxo dos nobres e poderosos, a injustiça das leis, a mania das conquistas, e acaba por denunciar como origem de todos os males - a propriedade particular ilimitada. na segunda parte, o romancista conta pretendido naufrágio numa ilha desconhecida, a que deu nome de “Utopia.” Ali encontra uma sociedade diferente. Nada de propriedade individual: a terra e seus produtos pertencem a todos. Desse princípio decorre uma existência comunista, no sentido mais antigo do termo.

É bom lembrar que Thomas Moore, como ministro de Henrique VIII, e tido na conta de “homem mais honesto da Inglaterra”, foi um dia levado aos tribunais e aí condenado à pena de morte, não por ser comunista, mas por não reconhecer no seu rei a qualidade de chefe da Igreja Anglicana, isto é, foi decapitado pela sua intransigente fidelidade à Igreja Romana, de que é um dos mártires.

É ainda curioso observar como a expressão comunismo está ligada à doutrina cristã, ou melhor, à “pregação nazarena do Reino do Céu.” Encontramo-la por toda parte: entre os essênios, entre os critãos primitivos, nos Evangelhos, nos ensinamentos dos apóstolos e de São Paulo, na organização monástica, na obra dos doutores da Igreja, a começar por São Gregório, o Grande, cujas palavras em certos passos lembram as objurgatórias de Proudhon: no abade de São

Pedro e, muito atenuada, em Leão XIII. O Cristianismo, na sua essência, foi, inicialmente, um movimento socialista, no sentido mais largo da palavra. Daí um fenômeno bem atual: as ditaduras totalitárias, que se dizem fundadas contra o comunismo, estão sendo levadas a combater o espírito cristão onde ainda se encontra um fundo suavemente comunista. Nesse ponto, as referidas ditaduras são, ao menos, coerentes.

O nome do trabalho de Thomas Moore foi estendido a todas as novelas que daí para o futuro trataram de uma sociedade imaginária na qual se tivesse sob nova ordem social, tida pelo autor como melhor do que a presente. São utopias: a “Cidade do Sol”, “A Terra Livre”, “Viagem para Icária” e tantas outras. Entre elas, como dissemos, o livrinho do Dr. Giovanni Rossi. Mas com uma diferença apenas: Platão, Campanella, Moore, Jean Grave e outros se mantiveram no puro domínio da ficção, enquanto o filósofo italiano, nas últimas páginas do opúsculo, fazia um apelo às pessoas bem intencionadas que desejassesem acompanhá-lo a qualquer parte da terra, muito distante, a fim de realizarem experimentalmente as ideias contidas no livro. Encontrou companheiros. Realizou uma empolgante aventura que ficará para sempre na história do coração humano.

Um pouco da vida dessa ilusão, ou dessa desilusão, é o que se vai ler. Para contá-la recorri aos escritos do próprio Dr. Giovanni Rossi, através das citações de que disponho, às pesquisas de Alexandre Cerchiai e as informações de pessoas que, antes de mim, se interessaram pelo curioso assunto. E com isso poderei contar às novas gerações, que no Brasil de 1889 a 1894, num período de transição entre a Monarquia e a República, com permissão do Sr. D. Pedro II, se realizou uma experiência, embora frustrada, de um velho sonho da humanidade. Estudando tal obra, observa-se este fenômeno: as facilidades que a Monarquia ofereceu aos pioneiros da Colônia Cecília, os idealistas da República suprimiram logo depois, comprometendo assim o futuro de uma experiência em vias de realização.

É verdade que a iniciativa do Dr. Giovanni Rossi deixou de vingar, não apenas por esse motivo; muitos outros colaboraram no seu malogro. Em cinquenta anos de pesquisas e estudos da ciência sociológica, aprendeu-se muita coisa. Erros cometidos naquela época, hoje, com certeza, seriam evitados. Mas o conhecimento atual, que nos parece ainda tão frágil, foi amassado com a observação de experimentos iguais a esses, praticados por aí fora. É Alexandre Cerchiai quem escreve de Palmeira, diante do pouco que ainda pôde encontrar da Colônia Cecília: “Em última análise, o que aqui se deu foi vasta experiência “in corpore vili”, rica de ensinamentos negativos.” E tinha razão. A teoria ensina o que se pode fazer, mas a prática, uma prática dura como aquela, serve para ensinar, principalmente aquilo que não se deve ou não se pode fazer. A ciência sociológica saiu, pois, enriquecida, das taperas da Colônia Cecília.

Índice

I - Numa noite de primavera	17
II - O filósofo e o imperador	25
III - Os pioneiros	31
IV - A colônia	39
V - A vida na colônia	47
VI - Têm a palavra as personagens	59
VII - Melancolia	69
VIII - A intimação	75
IX - O homem misterioso	83
X - O trabalho	91
XI - A colheita	99
XII - O drama	105
Epílogo	111
Notas do autor	115

I.

NUMA NOITE DE PRIMAVERA

I NUMA NOITE DE PRIMAVERA

O conferencista concluiu:

“- Para nós, o Amor, quando verdadeiro ou quando simulado, é a expressão ou patológica ou quixotesca do afeto; é aquela forma congestional que arrebata o adoscente por entre as nuvens luminosas da adoração platônica, onde Dante viu passar Beatriz “benignamente d’umiltá vestita”, ou então é o dilacerante martírio de Leonardi, é o suicídio, é o crime dos incontáveis desconhecidos, quando não é dissimulação de outros sentimentos, a profanação de uma nobre loucura em comédia vulgar, que visa a conquista de um corpo, de um dote, de uma posição social. Querer bem é a forma fisiológica normal, comum do afeto.

Querer bem está entre os 20 e os 80 graus centígrados do termômetro do amor; mais para baixo, é o capricho, a preferência de um dia, de uma nova hora talvez que - leve e gentil - chega, beija e passa; mais para cima é a loucura sublime ou a estupidez ridícula. Querer bem é feliz e apetitosa mistura de volúpia, de sentimento e de inteligência, em proporções que variam segundo as pessoas que se querem bem. Concluindo: “Querer bem parece-nos o suficiente para a felicidade efetiva da espécie humana.”

Terminando a conferência, inclinou a cabeça numa ligeira vénia e retirou-se da mesa. Escassas palmas se fizeram ouvir no salão obscurecido pelo fumo dos cigarros, dos charutos baratos, até mesmo dos cachimbos. A sala estava tomada por espectadores rudes, saídos das mais humildes profissões. Os homens conservavam o chapéu na cabeça, discutiam, pitavam com ânsia, tudo isso calculadamente, para que a reunião não se parecesse com as da sociedade. As mulheres, vestidas de sarja verde e colete de veludo, tinham atirado para o alto da cabeça as franjas da “veleta” que, ordinariamente, lhes sombreava os olhos de treva úmida.

Ao descer do estrado, o conferencista encontrou diversas pessoas, umas para felicitá-lo, outras para cobri-lo de amargas críticas. Acolhia-as soridente, com a mesma flegma. No fundo, havia em tudo aquilo uma grande melancolia.

Há mais de cinquenta anos, esta cena era comum na Casa do Povo, em Milão. Suas portas estavam sempre abertas a quem quisesse expor um pensamento à crítica de centenas de ouvintes, filiados às correntes mais em voga na época. Cárdias, que nessa noite havia subido à tribuna para expor o seu ponto de vista

filosófico, era um belo tipo intelectual, ainda na casa dos vinte. Seu nome já era conhecido no meio.

Nascera em Pisa, ali por 1860, de uma família de músicos. Ele próprio, se o quisesse, teria feito carreira como “virtuose” do piano. No entanto, talvez por força das preocupações que desde muito cedo o atormentavam, encaminhou-se para os estudos práticos, chegando mesmo a formar-se em Agronomia. De posse do diploma, dedicara-se às preocupações filosóficas e ao jornalismo. Em Bréscia, fundou e dirigia um periódico cujo programa estava no título: “Lo Sperimentabile.” Aplicava a sociologia nascente o processo utilizado pelas outras ciências. Propunha-se estudar as relações entre os homens com a mesma segurança com que penetrava na vida íntima das espécies vegetais. Os mais ortodoxos criticavam-no acerbamente...

Quando ia a Milão, hospedava-se em casa de um parente, o Maestro Rossi, professor do Conservatório. O velho tinha um fraco pelo rapaz. Tratava-o bem, ouvia-lhe as longas dissertações, mas incluía-o na conta dos malucos. Daí o bom sorriso com que o via nas raras vezes em que esse prazer lhe era dado. É que Cárdias não esquentava lugar. Hospedado no “villino” de Corso Sempione, passava os dias e as noites na cidade; visitava amigos, frequentava as redações dos periódicos românticos, nas soffite de Via Madonina, perambulava ao longo do naviglio e, à noite, era certo encontrá-lo na atmosfera da Casa do Povo.

Como dissemos, naquela noite de primavera ele também se abalancara a fazer uma conferência sobre o tema que mais o atraía: o Amor. A assistência era a de sempre: ferroviários, sapateiros, tecelões, cigarreira, cocheiros, operários da iluminação, limpadores de chaminés, vendedores de hortaliças no verzière. Estavam mais ou menos filiados às diversas correntes socialistas da época. Orgulhosos com o desabrochar de uma primeira ideia, tornavam-se irredutíveis, desconfiados, por vezes truculentos. Aquela figura de artista, cabelos revoltos, chapéu de abas largas, mãos finas e brancas, era apenas tolerada no seu meio. Depois, a suas ideias sobre o amor, criando problemas em que a maioria só encontrava um acidente da organização social, acabou por concorrer para a sua desestima. Poucos acompanharam Cárdias na sua inquietação. Alguns camaradas foram ao encontro do conferencista e lhe fizeram perguntas. Tinham apreendido o pensamento nas suas linhas gerais, desejavam detalhes. O rapaz, ali mesmo, cercado de homens e mulheres, em cujas fisionomias se estampavam contraditórios sentimentos, teve, por assim dizer, de improvisar nova conferência.

Foi um dos últimos a sair da Casa do Povo.

A noite estava clara, os ares frescos, as ruas silentes. Um cheiro de jardins orvalhados deliciou-o. Os casarões iguais, de cinco andares, enfileiravam-se à sua frente, de um lado e de outro. Às vezes, uma janela iluminada. Uma vigília. Amor? Estudo? Trabalho? Agonia? Ah! o mistério das janelas iluminadas a

horas mortas! Músicas perdidas pelas cantinas, sombras oscilantes, de carabinieri caminhando dois a dois, de mãos para trás, nos bairros de má nota.

Os bastiões estavam adormecidos. Os lampiões pareciam equilibrar os halos luminosos. As velhas árvores, de folhagem fina, permaneciam imóveis. Nenhuma aragem, nenhum pássaro acordado. Adiante, nas proximidades de Porta Venezia, uma voz feminina se fez ouvir na sombra, chamando-o. Ele aproximou-se e segurou-lhe a mãozinha magra:

— Que tens?

A mulher riu sem responder. Ele esvaziou a bolsa nas suas mãos. E a pobre, escondida na sombra, repetiu o chamado, mas o noctâmbulo já não podia ouvi-la, ia longe, perdido nas suas meditações. Entrou pelo Corso, chegou à praça. O Duomo ao luar era uma nuvem branca, feita de pedra, pousada sobre a terra. Ali pelas imediações havia algum movimento. Carros de aluguel seguiam a passo, à espera de fregueses. Grupos saídos das caixas dos teatros e das confeitorias boêmias conversavam pelas esquinas. De quando em quando, reforçando argumentos, garganteavam trechos de ópera. Outros contavam anedotas. As mulheres afogavam o pescoco em peles claras.

Viu-se em San Pietro All'Orto. Era uma rua estreita e velha, ladeada de casas de três andares. Alguns portões ainda estavam abertos; de passagem, lobrigou os cortile escuros e desertos com a lámpada fumarenta nas embocaduras das escadas que grimpavam para os andares superiores.

Distraído, esbarrou em um outro distraído que saía de casa. Era um homem de sobretudo, cabeleira, chapéu pequeno e redondo, uma ponta de charuto esquecida no canto da boca. Morava ali. Ao entrar, porém, deu pela falta de charutos, e se pôs a mastigar queixas contra a memória.

— Boa noite, Gomes!

O homem voltou-se.

— Ah! É você... Boa noite!

Era um grande músico brasileiro. Já se tinham encontrado várias vezes no vilino de Corso Sempione. Começara por escrever uma ópera-cômica com o nome de “Si sá minga...” em dialeto milanês, que obteve êxito no Dal Verne. A seguir compôs uma ópera de valor e a Itália inteira cantava sua canção “Una piccirella...” Mais tarde, “Il Guarany” lhe dava renome universal. E, naquele momento, contava ele, entregava-se de corpo e alma à partitura de “Lo Schiavo.” Andando, confidenciou a Cárdias que tinha o hábito de trabalhar à noite, quando a cidade estava adormecida. Fora para a casa com tal propósito... mas esquecera os charutos toscanos e não sabia produzir sem a mucchia no canto da boca...

Seguiram juntos em direção ao Corso, onde havia um estanco. Iam a passos lentos, conversando. Gomes entrou de falar de sua ópera, da sua terra.

— Pedro II está doente, vem aí. Já foram tomados aposentos no Hotel de Milão para S. Majestade e a escassa comitiva. É um rei sábio, um pai para o nosso povo, as grandes personalidades da Europa o estimam e admiram-no. Vitor Hugo chamou-o de “neto de Marco Aurélio”. É amigo dos inventores, dos músicos e dos poetas. Nós, artistas brasileiros de Milão, vamos oferecer-lhe um concerto.

Cárdias não tinha o menor entusiasmo pela grandeza dos reis.

Mas Gomes continuou:

— Talvez eu execute um trecho da minha ópera, em primeira mão... Estacou diante do amigo e, brandindo a bengala, batendo um pé, pôs-se a reger imaginária orquestra.

Depois, caiu em si, sentiu-se vexado pelo entusiasmo e quis explicar aquilo:

— Vocês aqui, prisioneiros das cidades, das ruas que parecem prateleiras de estante, das casas que lembram sarcófagos, não podem fazer ideia da minha terra! É grande como um mundo. A Europa inteira caberia lá dentro. Cortam-na imensos rios. Cobrem-na florestas onde homem civilizado jamais pisou. Essas florestas são harmoniosas pelas vozes dos ventos, das águas, dos animais, das aves e dos insetos. Há quedas de águas cujo nevoeiro escurece o dia. E o sol é ardente, vivo, como uma chama! E a luta é clara, transparente, prateando as árvores, as casas e os caminhos.

Gomes, falando da pátria, se transfigura. Mas o espírito de Cárdias, diante daquela descrição, já havia criado asas. E se esse “neto de Marco Aurélio” quisesse interessar-se pelo seu grande sonho... No periódico “Lo Sperimentale” ele havia escrito uma utopia à moda do tempo, que, logo depois, aparecera em folheto. Tratava-se de uma colônia de filósofos ácratas. Sua ideia era realizar de fato essa colônia, já não à beira-mar, como havia escrito, mas no Uruguai. No entanto, as lutas entre “blancos” e “colorados” se eternizaram. Sua imaginação voltava-se agora para essa terra admirável de que o músico falava com tanto entusiasmo, onde as divisas eram os horizontes e os homens ainda guardavam na lama um pouco de pureza das selvas pré-colombianas.

Chegando ao Corso, o músico se pôs a correr em direção da reggia privativa que estavam fechando as portas e ainda conseguiu um punhado de charutos. Cárdias fez-lhe um vago sinal de despedida e tomou o comprido caminho que devia levá-lo ao Corso Sempione, do outro lado da cidade.

A casa do professor Rossi estava dissimulada na neblina. Do jardim subia uma umidade cheirosa. Ao primeiro sinal, o criado abriu-lhe a porta, levando-o ao quarto, onde acendeu as luzes. O moço despiu-se vagarosamente e deitou-se, preocupado com uma ideia. Abriu um livro de cabeceira para depois fechar. Logo em seguida abriu outro. E outro.

Sem poder conciliar o sono, saltou da cama, sentou-se à escrivaninha, escolheu um papel velino, quadrado, e começou a escrever comprida carta. Levantou-se,

andou de uma lado para outro, repetiu baixinho determinadas frases. Falava consigo mesmo, ensaiando argumentos. Terminado o trabalho, leu-o. Hesitou. Cerrou o sobrecenho, depois sorriu... Deu de ombros. Foi buscar um envelope, molhou a pena no tinteiro e ficou a pensar nas dificuldades do endereço. Por fim, afoitamente, na sua melhor caligrafia, desenhou duas linhas sobre o envelope; “Alla Sua Maestá Don Pietro II — Magnânimo Imperatore del Brasile”.

Fechou a carta e deixou-a encostada ao castiça. A seguir apagou as luzes e deitou-se, cobrindo a cabeça para poder dormir. Como se isso não bastasse, encolheu-se todo. Virou para o canto... É que a primeira claridade da manhã já batia nos vidros da janela. Fora, os carros passavam à disparada, os sinos cantavam nas torres, os vendedores ambulantes se esgoelar diante dos portões do vilino. A cidade acordava precisamente na hora em que ele, o filósofo, o poeta, se dispunha a dormir...



II. O FILÓSOFO E O IMPERADOR

II

O FILÓSOFO E O IMPERADOR

A carta ficou esquecida na escrivaninha durante alguns dias. Só saiu daí quando os jornais noticiaram, com alegria, a chegada de S. Majestade o Imperador do Brasil. O filósofo correu ao Corso Sempione, pegou o envelope. Meteu-o cuidadosamente no bolso e dirigiu-se ao Hotel Milão. Não esperava ser imediatamente atendido, contentar-se-ia nessa primeira visita em saber as formalidades a que teria de submeter-se para ser recebido por Sua Majestade. Caminhando, imaginou o hotel tomado militarmente, bandas de música, bandeiras e guirlandas... Nada disso. Chegou mesmo a duvidar das informações dos jornais. Subindo a escada, perguntou a um criado que descia:

— O Imperador do Brasil está hospedado aqui?

— Está. No segundo andar.

Subiu e esperou; outro criado veio atendê-lo.

— Quero falar a alguém da comitiva do Imperador.

Dois minutos depois, apareceu um senhor alto, de sóbria elegância, que acolhedoramente se pôs à sua disposição.

— Sou o médico de S. Majestade.

Cárdias contou-lhe a que vinha e entregou-lhe a carta. O Conde de Mota Maia explicou-lhe que era hábito do Imperador receber toda a gente sem grandes formalidades, mas que, justamente naquela ocasião, as audiências, as audiências se haviam tornado mais difíceis, não por vontade do Imperador, mas a conselho dos médicos; S. Majestade viajava por doente. No entanto, ia mostrar-lhe a carta em momento oportuno e estava certo de que o velho Imperador a tomaria na devida consideração. Voltasse dentro de alguns dias.

Agradeceu e despediu-se. Na rua, não pode deixar de sorrir. Afinal, a história de sempre. Não voltaria. E não pensou mais nisso. Aconteceu, porém, que, uma tarde, se achou diante da porta do hotel, e, tomado de súbita inspiração, entrou no estabelecimento. Havia ali um vaivém desusado. Viu o Dr. Achile, de Pádua, e cumprimentou-o. Esse explicou logo: o Imperador fora atacado por uma infecção na pleura e naquele momento ia sair, em maca, para Aix-les-Bains.

Contra a expectativa de muitos, o Imperador ainda daquela vez, recuperou a saúde. Mas não era homem que se submetesse à vontade dos médicos. O pró-

prio Conde de Mota Maia teve de apelar para a Princesa Isabel, solicitando-lhe os seus conselhos, a fim de que seu ilustre pai não se desmandasse em viagens e visitas. Mas tudo foi baldado. Logo depois, voltava ele a Paris, ao seu mundo de cientistas, filósofos e poetas...

Visitou as escolas, as grandes livrarias e os humildes alfarrabistas do cais Malagueiras. Ele, de impecável roupa preta e vastas barbas brancas, mais parecia um professor de Estrasburgo, que um rei de país americano. Na rua, o Imperador e o Conde de Mota Maia, que geralmente o acompanhava nesses passeios, não se faziam notar entre os transeuntes, e isso lhes dava um grande prazer.

O mais culto e democrático dos monarcas daquele tempo permitia-se gastar longas horas en bouquinant entre estudantes e literatos inéditos, nas caixas de vendedores de livros velhos que se alinhavam ao longo da margem direita do Sena. Foi numa dessas inspeções que suas mãos encontraram, num monte de in-fólios a dois soldos, aquele curioso opúsculo intitulado “Il commune in riva al mare”. Adquiriu-o num lote de obras excêntricas...

— Já li este nome.

O Conde debruçou sobre o folheto.

— Cárdias... Sei quem é... É um moço de Milão, que escreveu uma carta a Vossa Majestade, pedindo concessão de terras para uma colônia experimental.

O Imperador lembrou-se vagamente. E nunca mais pensou naquele opúsculo.

Nunca mais, é exagero. No seu regresso ao Brasil, num ambiente carregado, o velho monarca não perdeu os hábitos antigos de leitura e meditação. Numa dessas horas, o cabuloso livrinho lhe caiu nas mãos e ele o leu de uma assentada, com a curiosidade de homem inteligente, amigo dos livros e das ideias que sempre desabrocham por aí, como flores sem nome no canteiro espiritual da humanidade. Leu, gostou, interessou-se pelo assunto.

Era assinado por um pseudônimo: “Cárdias”. Mas na última página, em seguida a incisivo apelo para formação de uma colônia experimental, que fosse o núcleo inicial de uma sociedade nova, vinha o nome do autor, que era o jovem Dr. Giovanni Rossi, nascido em Pisa, redator em Bréscia de um semanário socialista intitulado “Lo Sperimentale”, em que escreviam desde niilistas até ponderados reformistas.

Naquele tempo, a palavra socialista constituía ainda uma espécie de nebulosa, dentro da qual se agitavam todas as ideologias que procuravam uma diferente expressão para as relações entre os homens. Só com os anos, graças a tumultuosos congressos, essas tendências deveriam emancipar-se, tornando em alguns casos rumos opostos. Quem se dizia socialista, sentia-se obrigado a explicar ao interlocutor em que ponto estava situado, pois a designação ainda era usada tanto para o reformismo de Turati como para o niilismo de Bakunin, tanto para o coletivismo de Karl Marx como para o individualismo de Max Stirner,

pai de Sorel, avô dos fascistas, nazistas e tutti quanti. Dizia ele: “O que tiverdes a força de ser, tereis também o direito de ser”. “Assiste-me o direito de fazer tudo o que tenho a força de fazer”. “Se alguém tiver a força de arrebatar a terra, terá o direito de possuí-la; é sua”. “Quero e posso, logo é justo”. Quando se lêem as suas páginas comprehende-se que muitos discursos de Roma e Berlin não são mais do que o eco de palavras proferidas há precisamente, um século....

O Sr. D. Pedro II não teve dúvidas. Homem excepcional, que tanto animara os sonhos de Bell e Pasteur, habituado a falar a linguagem da inteligência incomprendida, mandou que escrevessem a Cárdias. Felicitava-o pelo trabalho e ao mesmo tempo oferecia-lhe a terra para essa colônia experimental em um Brasil longínquo, quase lendário, onde a imensidate do horizonte dá vertigens, onde ao sul, numa província chamada Paraná, o clima é ameno, a temperatura corresponde à do sul da Europa e, certamente, a produção é igual à daquelas zonas privilegiadas. Cárdias recebeu a carta e desde aquele instante estabeleceu-se uma correspondência entre os dois filósofos, isto é, entre o socialista e o imperador. Logo depois, nos últimos meses da Monarquia, fundou-se a Colônia Cecília, em Palmeira, Província do Paraná.

Cárdias esperava iniciar ali um núcleo de filósofos, artistas e poetas, tirando da terra, mediante escassos trabalhos, o necessário para a subsistência. Mortos a propriedade, o compromisso, a sansão, o preconceito, imaginou uma colônia de trabalho livre, de amor livre, de vida livre.

Seria uma humanidade nua, à claridade do bosque. Sim, nua. Sem o hábito de vestir-se, aceito por grande número. Dizemos grande número, porque apenas 500 milhões de homens se vestem completamente, como nós outros; 750 milhões se contentam com uma simples tanga e 250 milhões andam inteiramente nus, por onde se vê que nós, os de civilização vestida, não podemos invocar a nosso favor nem ao menos a desculpa de sermos a maioria... Também não seguimos o hábito mais antigo, porque o homem nu é anterior ao homem vestido. E para combater esse pensamento, adiantamos que o pudor subentendido geralmente pelas vestes não é sentimento inato, visto que as crianças só chegam a senti-lo depois de longa educação. Ainda mais, as raças que não se vestem experimentam à vista da indumentária o mesmo sentimento de vergonha que um homem de civilização vestida manifesta ao ser apanhado em flagrante de nudez. Uma bugra de soutien gorge fugiria envergonhada para o mato; um congolês, surpreendido de casaca, morreria de vergonha. Há um pudor para a China e outro para a Turquia, um para o Japão e outro para a América do Norte. Melhor: em nossa terra, como nas demais, há um pudor para o salão e outro para as praias. A moda é regulada pelos interesses da Associação Internacional dos Fabricantes de Tecidos.

Entre outras coisas, a Colônia Cecília deveria ser precursora dos formosos oásis nos quais vive feliz uma população que se rebelou inteira ou em parte

contra o “hábito imoral de cobrir a nudez com pedaços de pano”.

Até 1930, como os outros apóstolos, os da vida natural eram perseguidos. Muitas pessoas ainda se lembrarão de ter lido telegramas na imprensa falando de diligências policiais nos bosques da Alemanha, Suíça, França, Itália e outras terras nas quais eram presos homens, mulheres e crianças que se haviam insurgido contra a vida dos centros urbanos mergulhando nas escassas florestas desses países, a fim de viverem de acordo com a lei da natureza. Em poucos anos a ideia venceu, tornou-se “legal” e o mundo já conta numerosos núcleos de pessoas que vivem e trabalham nuas, expostas ao ar e ao sol.

Dizia São Paulo que para as almas puras todas as coisas são puras. Só os corrompidos poderão achar que a nudez, por si mesma, é imoral.

Os argumentos de Cárdias eram singelos. Dizia ele que o homem é um animal preguiçoso por instinto. Daí o desejo de tirá-lo do meio em que vive, dando-lhe cenário natural de árvores, de campos, de plantações fáceis, onde possa fazer tudo que desejar, principalmente não fazer nada que não desejar. A vida primitiva. Simples e fácil. Sem cansaço, sem preconceitos, sem sanções. E com amor. Sim, com o Amor. Esses homens tocados pela nova filosofia deveriam fugir às populações das cidades velhas, onde a vida tem um ranço característico, e estabelecer-se em núcleos perdidos nos campos de outros continentes. Homens e mulheres. Nenhuma barreira para o amor, a não ser a vontade de cada um. E esse sonho encontrou uma humanidade cansada, triste, que acreditou nele, não porque fosse lógico, mas porque era doce acreditar. Um pouco de trabalho e longas horas de amor. Era só estender o braço amorosamente e, das sombras das palmeiras, sairiam as mulheres amadas. Canções, idílios, as artes cultivadas ao infinito.

O filósofo “viu” no horizonte a floresta harmoniosa, aquela de que o músico lhe falara uma noite, no silêncio da Via San Pietro All’Orto. Árvores velhas como o mundo. Suas franças se diluíam no céu, ressoantes de aves e de insetos. Embaixo, a relva macia, pontilhada de corolas. Miríades de borboletas de todas as cores dançavam loucamente ao redor das moitas. E sobre esse quadro o firmamento puríssimo, um sol cálido, apetecível como uma carícia...

Nesse mundo de sonho viveria uma gente feliz. Passaria parte da manhã entregue ao amanho da terra, a fim de tirar o necessário para a existência frugal. O resto do dia seria consagrado ao descanso, à cultura das artes e das ciências, ao amor e à educação dos filhos da coletividade. A mulher seria livre, não para ser de todos, mas afinal, para ser de quem ela própria escolhesse. Em torno dela, o estímulo de todas as horas. Uns, entregando-se aos esportes, outros, às danças, outros ainda, ao apuro do gosto nas palavras e nas emoções. Onde não há coação econômica, o amor é logo transformado numa flor muito alta, que obriga a subir para colher!



III

OS PIONEIROS

III OS PIONEIROS

No dia 20 de fevereiro de 1890 zarpou de Gênova o vapor “Cittá di Roma”, conduzindo na proa alguns homens e uma mulher que se destinavam ao Brasil, a fim de aqui fundar uma colônia socialista experimental.

O “Cittá di Roma” era da Companhia de Navegação Ítalo-Brasileiro e, segundo os anúncios que se liam nos jornais daquela época, “fazia serviço postal e comercial entre Lisboa, Marselha, Gênova e o Rio da Prata”. Era seu comandante o Capitão Tiscornia, de longo curso. Apesar de navio postal, como se depreende das publicações do agente em Santos e São Paulo, Sr. Domenico Levero, durante o segundo semestre de 1889 parece que só passou uma vez pelo nosso porto, com destino à Europa. Assim mesmo, com a partida anunciada para o dia 5 de dezembro, só chegou a Santos a 9 ou 10 do mesmo mês, de onde zarpou, ao que se lê no movimento marítimo publicado nos jornais, no dia 13, o que demonstra uma certa irregularidade nos seus serviços.

Foi precisamente na viagem seguinte a essa (a da qual não conseguimos notícias) que embarcaram em Gênova os pioneiros da futura colônia.

Quem seriam esses abnegados pioneiros? Um conhecemos nós, o Dr. Giovanni Rossi, que figura nestas páginas com o pseudônimo literário de Cárdias. Mas há outros, muitos outros ... Áí está o Gioia — “Gioia Aristide, para o servir ...”

“Lo Sperimentale” era um jornal feito para meia dúzia. Apesar disso, a notícia daquela iniciativa correu mundo. Nas vésperas da partida do primeiro grupo de emigrantes, a sua redação recebeu a visita de muitos pretendentes. Eram operários das fábricas de Bréscia, modestos profissionais e empregados no comércio, gente que, as mais das vezes, não estava a par dos intuintos de tal empresa. Isso sem falar dos intelectuais, sempre dispostos a partir, partir fosse para onde fosse ...

Uma dessas visitas interessou particularmente a Cárdias. Era um velhote pálido, estufado por longa vida sedentária. Ao primeiro olhar, parecia bem posto: roupa lustrosa mas escovada, vincada, botinas espelhantes, punhos, colarinhos e peito postiço ainda com o anil da lavadeira, plastrão impecável, uma flor murcha a alegrar-lhe a lapela. Era meticuloso nos gestos e nas palavras. Sabia pegar convenientemente no castão da bengala, dizer frases bonitinhas e,

naquele humilde escritório, onde homens desavisados sentavam nas pontas das mesas, procedia como se estivesse no âmbito de uma repartição pública. Apresentou-se assim:

— Li o seu jornal. Interessei-me por essa colônia. Vim dizer que estou disposto a acompanhá-los.

Cárdias, que atentamente o estudava, não pode deixar de sorrir.

— Meu caro... Esta aventura é para uma dúzia de idealistas endurecidos na luta, dispostos a realizar uma grande experiência social, nunca para pessoas como o senhor, que parece enquadrado no seu tempo, satisfeito consigo mesmo e com os que o cercam.

O intruso passava nervosamente a mão pelo queixo azulado.

— Deixe-me falar de mim mesmo. Estou cansado disto. Ontem tentei suicidar-me, mas a corda era barata e arrebentou. Então saí de casa disposto a tomar outro caminho. Quero ir para a América, para a África, para o fim do mundo; quero encontrar qualquer coisa de novo. Não faz mal que seja pior; o essencial é que seja diferente...

— Como se chama?

— Gioia.

— O senhor me parece triste demais para chamar-se Alegria!

— Gioia Aristide, para o servir. sou toscano como o senhor. Há trinta e tantos anos que trabalho num escritório. Levanto, visto o roupão, calço as chinelas, vou para o banheiro. Mas o banheiro está sempre ocupado. Depois de altercar com a moça magra que trabalha na perfumaria, ou com o moço de cabeleira que há vinte anos conheço como estudante, chega a minha vez. Mas nessa altura o relógio assinala as sete e meia e eu sou obrigado a fazer, às pressas, a colação. Vejo diariamente as mesmas caras deprimentes, ouço as mesmas conversas, os mesmos prognósticos, as mesmas queixas. Não há mudança em nada, nem sequer nos padres e nos mendigos. Chego no escritório, só a vista daquela casa me deixa doente. Olhe como eu fico arrepiado ao lembrar-me daquela porta, do corredor, da sala, dos livros grossos, das confidências e das gracinhas dos que trabalham ao meu lado. E o chefe? Usa óculos redondos deste tamanho, fixa-os sobre mim durante todo o trabalho; se me distraio num pensamento, ele toma uma notinha discreta num bloco de papel. Espiona-me. Enche de calúnias o ouvido do patrão. Este, quando me vê, fica abstrato, tenho a impressão de que ele pergunta aos seus botões: "Que faz a angina-pectoris que não estrangula este velhaco? ..." E o gerente? E aquele maldito relógio que intervém na vida da gente, como se fosse o patrão de todos, o patrão do patrão? Veja como eu fico! — e passava as mãos pálidas pelo crânio úmido, que aparecia debaixo do cabelo ralo, cor de aniagem.

Cárdias pensava. Como convencer aquele neurastênico de que a Colônia

Cecília não era uma estação de cura? Arriscou uma frase?

— Mas o seu caso não é nosso, é um caso mais simples, mais comum. Por que não experimenta uma estação de repouso nas montanhas? Agora, na Primavera, a altitude e o descanso lhe farão muito bem.

O homem se pôs a rir, a rir nervosamente.

— Altitude? Repouso? Boa pilhérica! Mas eu sou um mendigo em traje de baile. Ganho para viver, vivo para trabalhar. Veja isto. (Levantou a perna e mostrou que as botinas espelhantes já quase não tinham sola; o pé encostava no chão). É isto ... (O colarinho, os punhos e o peito postiços, de uma brancura anilada, eram de celulóide). Ganho uma miséria, sem a mais leve esperança de aumento. Ao contrário, com a velhice que se aproxima, ameaçando-me com o olho da rua. Moro num quarto de ínfima classe, com mais dois banheiros. Entro muito tarde e saio muito cedo para que não vejam o mecanismo da minha elegância. Um dos meus sócios no quarto chega bêbado às sextas-feiras e domingos, pela madrugada. Às sextas-feiras contenta-se em azeitar o revólver, apontando o cano para os que dormem; aos domingos, vai mais longe, lava o quarto com uma mistura de vinho e grão de bico. O outro é mais quieto, no entanto sonha, e quando sonha fala. Alta noite, escuto-o a rilhar os dentes e a dizer impropérios contra uma pobre Terezina, que ele conheceu na terra natal... E a comida da pensão? Sei com três meses de antecedência o menu que me será oferecido em determinado dia do ano. O mundo para mim já tem o cheiro daquelas costeletas queimadas. Li algures que de sete em sete anos o homem se refaz completamente, torna-se aquilo que comeu e bebeu. Repare em mim; eu já não sou um homem, sou uma costela ambulante...

Cárdias começava a aborrecer-se. E continuou:

— Sei o que o senhor está pensando. Está dizendo lá consigo que eu poderia, pautar a vida de acordo com os vencimentos. Poderia ter-me casado, como toda gente. Mas tudo isso é impossível. Ganho menos do que um carregador de estação e tenho de apresentar-me daquela maneira a que os meus chefes chamam de “decente”. Daí esta amargura acumulada durante trinta e tantos anos. Estou cansado. Sou uma bexiga de fel. Ou embarco com os pioneiros, ou estouro numa eaquiuna...

Cárdias mostrou-se inflexível. O visitante saiu cheio de mesuras, mas triste, muito triste. Grande, pois, foi a sua surpresa quando no dia da partida do “Cittá di Roma”, os emigrantes foram encontrá-lo na proa, de cache-nez, luvas esgarçadas e um sobretudo no fio, de gola muito ensaboadas. Tinha estendido o lenço branco sobre um monte de correntes e ali sentara, com alarmante serenidade, a princípio Cárdias não quis reconhecê-lo, temeroso de avir-se com um doido. Três dias depois o homenzinho ainda lá estava na mesma atitude. Na semana seguinte ainda lá continuava, indiferente a tudo, os olhos tristes fixados na ponta

do nariz. Então o filósofo condoeu-se e foi falar-lhe:

- Parece que o conheço...
- Eu sou o Gioia. Gioia Aristide, para o servir.
- Vai viajar?
- Vou consigo.
- Ao menos sabe o que o espera?
- Não importa.
- E se não for melhor?
- Será melhor...
- Mas por que melhor?
- Porque não pode ser pior.

Cárdias coçou a cabeça. Que fazer com aquele teimoso? Então tirou um livrinho do bolso, o opúsculo que publicara meses antes e deu-lhe:

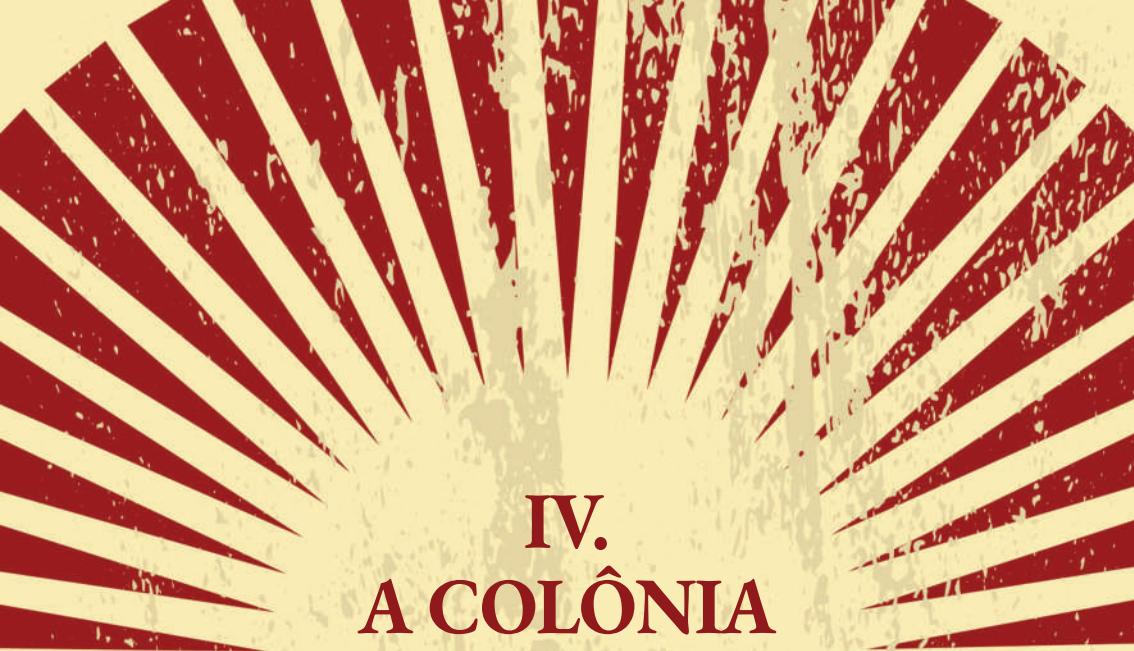
— Nosso programa está mais ou menos resumido neste trabalho. Procure enfronhar-se nele.

Gioia tomou o livro e, sempre naquele lugar, chovesse ou fizesse sol, permaneceu de olhos grudados nas suas páginas. Estaria mesmo a ler? quem sabe lá... Chegou-se ao Equador. A temperatura começou a subir. E ele, de sobretudo e de cache-nez, no seu posto. É de luvas escarapeladas nas pontas dos dedos. Lendo sempre. Devia estar louco. Na verdade, o Gioia era triste aquisição para uma colônia que ia servir de experiência para uma sociedade nova. A princípio, a sua figura estranha despertara curiosidade entre os passageiros, sempre ávidos de interessar-se por qualquer coisa. Depois, cansaram-se de observá-lo. Toda gente já o conhecia. os companheiros submeterem-se à sua presença e começaram a tratá-lo com carinho. Mas ele não queria falar. Uma palavra ou outra. Não queria aborrecer-se, nem aborrecer a ningüém.

Os pioneiros eram intelectuais, professores, médicos, engenheiros, ou operários de Milão e camponeses da região lombarda, afeitos ao amanho de uma terra, há milênios cultivada, e ao trato das pereiras, dos trigos e dos campos de beterraba. Mas não iam além dessas culturas. Havia também dois homens a quem o cronista se refere individualmente nos seus relatórios: um velho abúlico — svegliato — com quem não se poderia contar para coisa alguma, e um sujeito baixo, espesso, de testa fugidia e braços que batiam para baixo do joelho. Forte, alegre e brincalhão. Chamavam-no de Ciccio. Era uma dessas conversões feitas no cárcere, nos dias amargos em que os presos políticos eram atirados para as cadeias atulhadas de criminosos comuns.

Ciccio, tendo cumprido longa pena por crime de morte e frequentes reclusões por furtos e roubos, aderira ao anarquismo e pusera ao serviço desse ideal a energia que até aquele momento havia empregado no crime. Fôra dos primeiros a atender ao apelo publicado em alguns semanários, contribuindo para isso com

uma soma que levara meses a ganhar como amassador de uma padaria do corso Loreto. Sentia-se nele a ânsia por uma vida nova e limpa, numa sociedade diferente. Sua dedicação à causa era profunda. Não tomava resoluções com medo de errar, mas sempre que lhe mostravam o caminho, ia até o fim, custasse o que custasse. “Era — escreve Cárdias — o mais hábil, o mais forte, o mais voluntarioso trabalhador do grupo”. a única mulher que viera com os pioneiros parece ter-se limitado a seguir o companheiro; era simples, suave, não deixou traços de sua passagem pela colônia. Durante um ano ela, sentada à porta da cabana, contava e recontava, avaramente, os minguados haveres da coletividade. Era a caixa da colônia. Ela, que tinha pelo dinheiro a mais gélida indiferença.



IV. A COLÔNIA

IV A COLÔNIA

Teriam eles desembarcado em Santos, fazendo transbordo para algum navio costeiro que os conduziu a Paranaguá? Ou ainda — o que é pouco provável — o “Cittá di Roma” teria tocado em porto paranaense para ali deixar os passageiros que trazia da Itália? Paranaguá não era porto da sua escala habitual, mas o mesmo se poderia dizer relativamente a Santos, onde tocou diversas vezes sem, contudo, figurar no itinerário anunciado.

De um modo ou de outro, aqueles viajantes cujos escassos recursos haviam sido obtidos mediante subscrição aberta nos periódicos libertários, entre os seus leitores, conseguiram chegar a Ponta Grossa. Depois de curta demora para os preparativos necessários ao empreendimento, se transportavam para Palmeira, com suas trouxas e instrumentos de lavoura.

Não eram os primeiros imigrantes europeus. As colônias já estavam em moda. Umas morriam, outras vingaram. Ali por 1877, havia começado para aquela mesma região uma corrente imigratória dos alemães do Volga. Eram teutos que se haviam fixado na segunda metade do século XVIII, na Rússia, onde se constituíram num grande núcleo, e, graças a certos privilégios que o governo imperial lhes concedeu, conseguiram conservar a língua e muitos dos seus costumes. Esses teutos-russos — conta-nos o professor Emílio Willen — trouxeram para o Brasil uma instituição rural que chamavam de “Mir”. Nesse regime somente a comunidade possui terras. Toda a pessoa masculina participa, em proporções iguais, da terra para usufruto temporário. De dez em dez anos ou de doze em doze anos, as terras são medidas e repartidas de novo, mediante sorteio. Nessa remediação os usufrutuários falecidos não são contemplados e o seu lugar é ocupado pelos filhos nascidos durante tal período. Ninguém pode ingressar por compra na participação da propriedade; somente os descendentes primitivos usufrutuários podem tomar parte na redistribuição. Apenas a comunidade está em contato com o Estado. Este sistema deveria vigorar até 1906.

Mas voltemos aos passageiros do “Cittá di Roma”. Sua chegada àquelas terras se deu nos primeiros dias de abril.

A porção de terras que lhes havia sido doada pelo agonizante governo do Sr. D. Pedro II ficava situada entre Palmeira e Santa Bárbara. Eram terrenos

absolutamente incultos e desertos; pradaria empolada de colinas, cercada de bosques, numa altitude elevadíssima sobre o nível do mar.

O comprido carretão de quatro rodas, como se usava em regiões de pinheirais, ajustado para o transporte, deixou-os em meio dos campos, à beira de um córrego esperto, sombreado de arbustos. E o carroceiro, um teuto cor de ferrugem, com olhos muito azuis, depois de receber a importância combinada, regressou a Ponto Grossa sem olhar para trás. Naturalmente, em caminho, pensando na pobre gente que havia ficado ao sol da campanha, teve um sorriso de incredulidade pelo êxito que a esperava. Aqueles homens e a mulher haviam chegado de um modo diferente do habitual e, segundo se falava em certas rodas, pretendiam realizar uma empresa estranha cuja importância ele, o pobre carroiro teuto, tisnado pelo sol da campanha, não compreendia muito bem.

Durante alguns dias, tanto em Ponta Grossa como nas localidades próximas de Palmeira e Santa Bárbara, a chegada dos viajantes foi assunto de conversas, — tendo algumas pessoas manifestado um certo temor pela sua presença. Houve até quem os confundisse com ciganos desses que à porta dos ranchos, soldam panelas furadas, tiram buena dicha e, quando podem, fazem mão-baixa nas galinhas que encontram pelas estradas. Formou-se, portanto, ao redor dos pioneiros da Colônia Cecília, um ambiente que não era dos mais simpáticos, embora não oferecesse perigo para eles, pois os paranaenses são de natural muito pacíficos e a sua hospitalidade não tem limites. Mesmo que fossem ciganos, ali estavam, eram portanto bem-vindos.

Gioia fôra o primeiro a saltar do carretão. Ajudou os demais a descarregar a bagagem e quando o veículo partiu, ele se transfigurou...

- De quem é isso?
 - De ninguém. São terras que nos foram concedidas para a fundação da Colônia.
 - Mas há de haver um dono.
 - Não há. Não reconhecemos a propriedade privada.
 - Quem é o chefe?
 - Também não temos chefe.
 - É impossível.
 - Nós pretendemos provar, precisamente, que isso é possível, ou melhor, que isso é natural.
 - Então eu posso fazer o que quiser?
 - Pode.
 - Viver como desejo?
 - Aqui estamos precisamente para isso.
- Ele se pôs a rir, com riso de criança travessa. A fisionomia se lhe tornou resplandecente. Mas ainda não podia acreditar. Como para tirar a prova, perguntou:

— E se eu quiser andar nu?
— Será uma prova de inteligência...

Então, observando na cara dos circunstântes os efeitos da sua afoiteza, começou a despir-se. Tirou o cache-nez, o sobretudo, o chapéu e atirou-os às ervas. Ninguém se moveu para apanhá-los. Animado, descalçou as botinas e atirou-as ao córrego. A seguir, os punhos, o colarinho, o peito postiço, a gravata, a camisa. Observavam-no com seriedade, sem protesto. Então, levou ao fim a sua iniciativa: despiu-se completamente e, nu como um grego, sentiu-se criança, absolutamente feliz. Abraçou as árvores, rolou nas ervas, acariciou a terra negra no chão, onde marinham as formiguinhas, os besouros, os mil insetos desconhecidos; deu saltos, virou cambalhotas, e, por último, inteiramente bêbado de alegria e liberdade, meteu-se pelo riacho. A água subiu-lhe até os joelhos, até à cintura... Um ramo descia até à flor da corrente. Segurou no ramo, mergulhou com ele, ganhou a outra margem, a rir, a rir como uma criança, e, sem dar atenção aos companheiros, barafustar pela capoeira brava. Ainda ouviram as suas exclamações de júbilo. Depois nada.

Alguns companheiros andaram à noite pelo mato, a chamá-lo pelo nome:
— Gioia! Gioia!

Era como se gritassem: Alegria! Alegria!

Três dias depois passou pela Colônia, a correr no encalço de uma grande borboleta azul. Os trabalhadores da estrada do governo, em suas conversas, faziam referências a um gênio da planície que, de quando em quando, atravessava os campos, subia às árvores, virava cambalhotas nas ervas frescas. Era um louco. De uma loucura mansa e lírica que não causava mal a ninguém.

Sós, como abandonados no campo, os imigrantes tiveram de tomar imediatamente uma iniciativa, fosse ela qual fosse. Mas qual? E, sentados, nas suas trouxas, à beira do córrego, ficaram a discutir, sem que nenhum deles quisesse nem de longe fazer prevalecer a sua opinião. e quando o sol entrou de descer entre os pinheirais longínquos, ainda discutiam entre si. Felizmente uma lua admirável começou a subir em plena tarde, do outro lado do horizonte, ainda muito diáfana, anunciando já uma das noites luminosas que são tão frequentes naquela região de céu puro e ares limpos.

Essa gente, como dissemos, encontrava-se de um momento para o outro em plena campanha, diante da bagagem e da ferramenta, na iminência de passar a noite ao relento. Após a longa discussão ficou resolvido construir-se um rancho provisório, onde se recolhessem para fugir à intempérie. Então, Cárdias com Ciccio, o atleta fugido da prisão, e mais um homem do grupo dirigiram-se a

Santa Bárbara, cujos telhados de zinco se viam à distância. E aí, com os últimos recursos da subscrição, compraram tábuas, folhas de zinco, pregos e demais materiais necessários, trazendo tudo num carro.

Quando regressaram à beira do riacho, onde os companheiros haviam ficado, ouviram sinos distantes, Ave-Marias.

A lua aparência mais alta e mais brilhante. E junto à única palmeira daquelas redondezas havia uma cena muito animada: um homem, o mais jovem do grupo, esforçava-se por subir pelo caule, mas todas as vezes que chegava uma altura de duas braças escorregava até o chão, entre gritos e risadas dos companheiros. Mas depois de amarrar uma corda no tronco, de modo a servir de descanso, já no fim da subida, conseguiu atingir as palmas e realizar o seu intento. Tirou da cintura uma bandeira negra e vermelha, com listas longitudinais, e arvorou-a lá em cima, desfraldando-a aos ventos da tarde. Depois, escorregou pelo caule e veio a amontoar-se no chão, entre gritos e risadas. Era aquela a bandeira da Colônia, que simbolizava nas cores as tendências sociais reunidas no seu programa.

Os homens haviam iniciado a toda a pressa a construção do rancho provisório. Enquanto todos trabalhavam nessa obra, o velho abúlico, que se chamava Piero, acendeu uma fogueira, embrulhou-se na manta e acocorou-se ao pé das brasas, com ar feliz. Ciccio perguntou-lhe:

— Não ajudas, Piero?

— Não. Estou cansado de obedecer; passei a vida inteira obedecendo. Aqui faço o que quero, não faço o que não quero.

Outra vez, Cárdias ouviu este diálogo:

— Antonio, eu ainda não sei carpir e eu preciso que você me ensine...

— Não ensino a ninguém. Aqui cada um carpe como quer. Na anarquia não se ensina a ninguém.

O filósofo sorriu com tristeza e lá se foi à frente, para dar o exemplo. A incompreensão de alguns doía-lhe na alma, como um crime feito não a ele, mas a todos, à humanidade de amanhã.

Era a incompreensão do grande sonho, o mal que deveria destruí-lo.

Ciccio riu-se e continuou na sua faina.

Decorreram horas e horas de trabalho, sem trégua, à luz de um luar que parecia claridade meridiana. Quando os galos de Santa Bárbara cantaram pela primeira vez, a construção já se havia tornado mais ou menos habitável; os colonos recolheram-se e procuraram dormir enrolados nas mantas. E isso não lhes foi penoso, pois a noite estava muito fresca um silêncio cósmico dava ao sono e o vento brando que vinha da região dos pinheirais animava as brasas da fogueira.

No dia seguinte, o sol a dourar a fímbria dos bosques, os colonos acordaram com o bater espaçado e grave de uma enxada. Era Cárdias que, madrugador, havia começado a cavar as valetas ao redor do rancho, a fim de dar escoamento

às águas no caso de alguma tempestade.

Piero voltou-se para Ciccio e disse-lhe:

— Cárdias trabalha...

E o milanês:

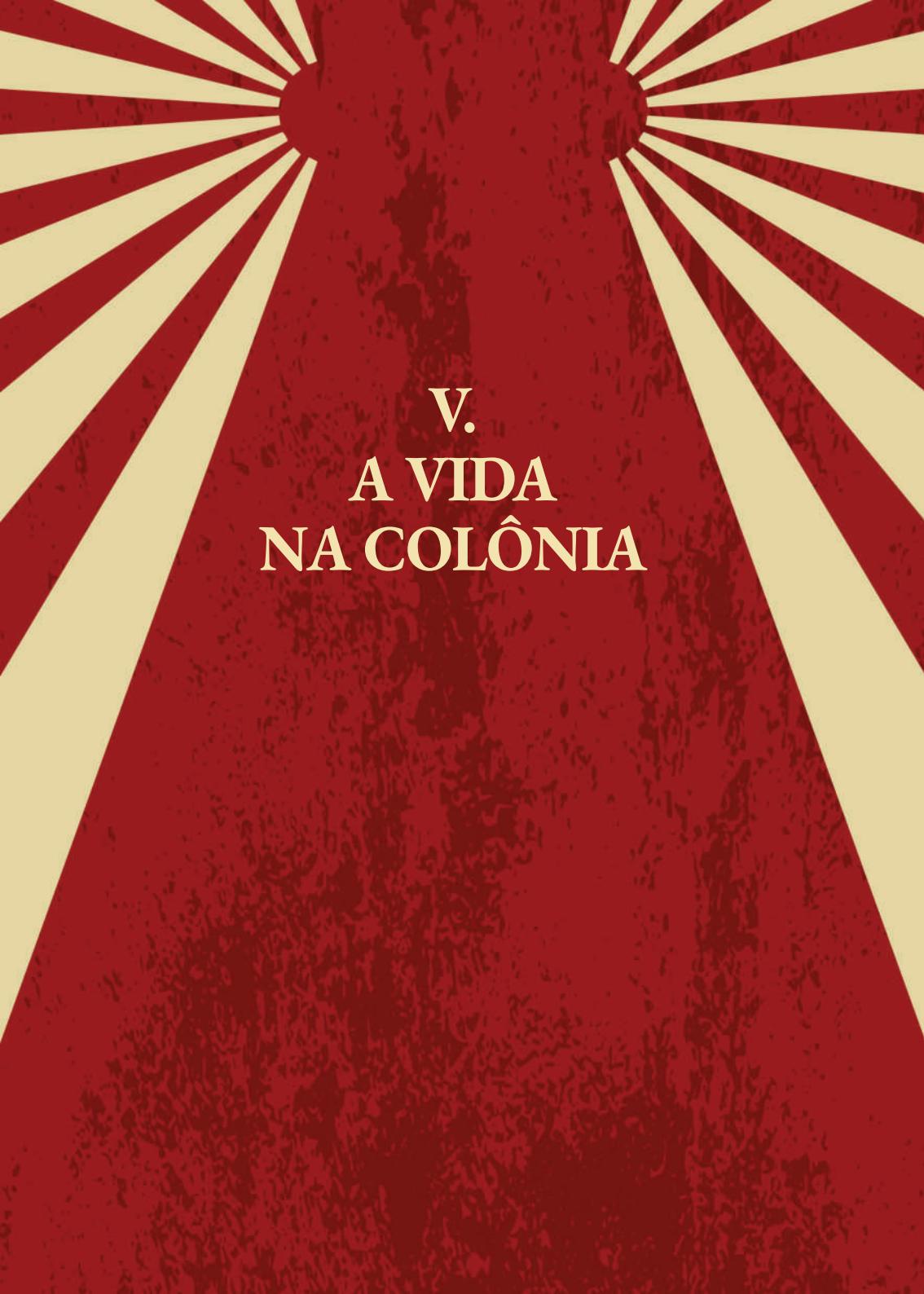
— Ma de bon, peró!

Foi à porta e com viva alegria perguntou-lhe

— Que é que você está fazendo?

— A casa de uma humanidade nova...

E continuou a bater com a enxada; mas, com o calor suava e com o suor as lunetas se lhe escorregavam tecimamente no nariz.



V.
A VIDA
NA COLÔNIA

V

A VIDA NA COLÔNIA

Certa manhã, quando os passarinhos começaram a sua granizada alegre nas árvores do terreiro, Cárdias levantou-se, correu o pano de aniagem que servia para tapar a única janela do tugúrio e espiou para fora. Clareava. O céu se fazia cor de púrpura; na planície cinzenta, levemente ondulada de colinas, os pinheiros se iam adensando na distância em manchas esfumadas. Os mais próximos, na sua conformação de gigantescas taças rasas, pareciam transbordar de champanha cor-de-rosa: era o primeiro toque de luz nas suas copas.

Tomou de um trapo branco — última lembrança daquilo que outrora tinha sido toalha — e seguiu para o riacho. De passagem, notou que os companheiros ainda dormiam. Fratello, o cachorro de Ciccio, estava enrolado no lugar em que, na véspera, ardia uma fogueira. Aves afoitas, que mariscavam inutilmente no terreiro, voaram à sua aproximação. As ervas do caminho pendiam encharcadas de orvalho e, batendo nas pernas do colono, molhavam-nas. A lama fina e gelada da beira do córrego entrou-lhe por entre os dedos dos pés, fazendo-o estremecer. Meio mergulhada na água, havia uma tábua larga; era ali que a velha Rosa, então a única mulher da Colônia, ensaboava e batia a roupa dos companheiros. Ao lado, no capim rasteiro, via-se estendida numa calça de zuarte, do Ciccio. Se a calça azul estava ali, ele nesse dia com certeza, devia envergar a outra, aquela que nos bons tempos tivera cor de ferrugem... Sorriu.

Ajoelhou-se na tábua, fazendo esforço para não afocinhar no charco. Então, no cristal da água viu o próprio retrato. Achou-se mudado, quase não se reconheceu. Estava felpudo como um teppista. Tinha a pele tisnada pelo sol, os dentes escuros. E, ensaboando o rosto com sabão de cinza, raspando com as unhas os nós da barba, lembrou-se de outros tempos. Fora um rapaz quase bonito. Em Florença, no Conservatório e depois na Escola de Agronomia, ainda estudante, as mulheres olhavam-no com ternura. E seus colegas, onde estariam eles? Teriam progredido, constituído aquilo a que chamavam família? Só ele ali estava, mais pobre que um mendigo, esmagado pelo sonho de uma humanidade melhor... Ah! Aquele sonho! Quando voltou viu a velha Rosa à janela do rancho; amarrava na cabeça um lenço de ramagens e retorcia a boca avermelhada num rito de mau humor.

— Você hoje dormiu bem?

— Ora, para que levantar... Não há o que comer...

Só então Cárdias lembrou-se de que a caixa se encontrava vazia e a dispensa inteiramente desprovida de gêneros. Coçou a cabeça. Estendeu um olhar em volta. O milharal crescido, todo trêmulo ao vento de manhã, mas nem sombra de espiga. Na horta, de canteiros bem esquadrejados, o verde apontava na terra escura. Mas para que servia aquilo? Para nada. Não havia sal, açúcar, pão, carne...

Os outros colonos foram aparecendo nos seus ranchos, interessados na conversa. Piero, sempre enrolado no cobertor, sentou-se à porta e se pôs a rir de um modo escarninho. Aquilo não era homem, era um toco de pau, daqueles que a gente encontra retorcidos mais imóveis nas tigueras. Se não lhe botassem a comida na boca, morreria de fome. Além disso, era amargo, deprimente. Só dizia palavras desgastantes, incomodativas. Que concepção tacanha tinha ele do ideal — daquele ideal que era todo luminosidade e harmonia!

na casa dos Gattai ardia fogo; uma fumaça azul saia alegremente pela única janela. Cárdias foi até à porta e olhou para dentro:

— Que é isso? Fogo? Para quê?

Lá dentro havia duas pessoas: uma blasfemou e outra se pôs a rir.

E as horas foram passando. Os sinos cantaram maciamente na distância. Dentro de pouco, como fizesse frio, todos estavam sentados num retalho de sol, a discutir bizantinismo ideológicos. Para Cárdias, aquilo não era, nem de longe, o que havia sonhado. E a culpa não era da terra, do governo local, nem mesmo das classes conservadoras que ainda não pensavam em defender-se; era o resultado das taras de milênios, da pouca inteligência de todos. E ajuntava:

— A sociedade velha deformou a nossa compreensão da vida. Somos uns pobres chineses a quem, de um momento para o outro, houvessem tirado os sapatinhos de ferro que durante milênios lhes foram deformando os pés. Estamos livres, mas não sabemos andar. Conquistamos a liberdade, mas para morrer de fome...

Os circunstantes protestavam, Piero bradou:

— E que tem você com isso? Viemos para aqui, acaso, com o intuito de constituirmos um principado em que vocês dispusessem de nós como de súditos? Nesse caso, preferimos o rei, o patrão, o carabinière!

Foi quando se ouviu um canto alegre. Era Ciccio, o gigante ruivo. Ele morava um tanto afastado, numa pequena casa, tão pequena que para nela entrar precisava curvar o reforçado busto. Quando tinha hóspede, dava o interior da casa e dormia diante da porta, com os pés ao relento... A porta e a janela não tinham folhas para fechar. Quem quisesse, entrava e saía a qualquer hora do dia ou da noite. Aquele homem não precisava de nada na vida. Não tinha nada. Não queria ter nada. O verbo “ter” nada significava para ele. Sua linguagem pobre,

escassa, ignorava os possessivos. Fizera aquela casa e chegara a ter duas mudas de roupa, “propriedade” essa que era um trambolho na sua vida: vivia a oferecê-la aos companheiros, na esperança de que alguém lhe fizesse o favor de aceitar.

Il campanil de Pisa

Pende perché diritto non pó star...

Eram os seus stornelli. Quando entrou no terreiro, mais ruivo, mais corado, mais desajeitado, com uma mecha de cabelos agressivamente espetada para a frente, os companheiros puseram-se a rir, sem mesmo saberem porquê. Sua presença era agradável e animava. Não precisava falar para transmitir coragem. Bastavavê-lo. E ele se orgulhava de ser útil mesmo dessa forma à Colônia.

— Por que riem?

— Por nada. Estamos com fome.

— Pois eu já fiz minha merenda.

Ninguém acreditou.

Então ele, sem dizer palavra, voltou ao rancho e de lá trouxe uma broa das grandes e dois palmos de salame, um jacarezinho de mate e um pacote de açúcar. Diante da alegria dos amigos, cortou um bom naco de carne e deu-o ao cachorro que, sem cerimônia, se pôs a comer. Depois entregou aquela riqueza à velha Rosa, que era assim uma espécie de “ministra” do Interior. Todos se animaram. O próprio Piero saiu do seu lugar e entrou no grupo:

— Vamos comer o resto do cachorro...

Dali a pouco a mesa estava posta e todos, alegremente, quebravam o jejum.

Piero, com a boca cheia, perguntou:

— Onde teria ele roubado?

Houve protestos: Ciccio não era ladrão.

E ele não pode ouvir tais palavras, porque já saíra, em direção a Palmeira; Cárdias conseguiu alcançá-lo.

— Companheiro, venha comer.

— Já comi.

— É mentira.

Ele não deu resposta. Adiantou-se a gingar o corpanzil. Fratello, o cão, parecia dançar à sua frente. Depois desembocando na estrada do governo, perdeu-se entre as árvores.

Certo dia os colonos ouviram uma algazarra na estrada que passava a cem metros das habitações. Poderosa voz chamava-os pelos nomes, pedindo indicações e auxílio.

Que seria?

Correram para lá.

Um carro cheio de malas e trouxas, estantes e caixotes de livros, estava parado entre as árvores. O dono de tudo aquilo era um homem alto, vermelho, de botas,

culotes, blusão e chapéu de cortiça; andava de um lado para o outro, enquanto o cocheiro ia descarregando a carga.

Uma mulher em traje de montar, caminhou em direção à colônia, ao encontro dos homens que se aproximavam. Cárdias foi o primeiro a alcançá-la.

— Não se lembra mais de mim?

— Confesso que...

— Contessa Colombo!

Abraçaram-se. Eram gente de Turim. O marido, Conde Colombo, proprietário de terras e médico de nomeada, tinha sido durante muitos anos aquilo a que nos meios se dá o nome de simpatizante. Assinava os jornais, comprava os livros, concorria nas subscrições e, como médico, não recusava serviços aos camaradas que se achavam doentes. Vivendo na alta sociedade, concorria para soltar presos, atenuava a culpa de outros e quando se tratava de arranjar emprego a algum necessitado, fazia valer o seu prestígio entre industriais e comerciantes.

Por essa altura, o marido se aproximara também. Era um belo homem, sadio e bem humorado.

Quase todos se conheciam. Malas, estantes e caixotes foram logo transportados para a Casa do Amor, de onde, mais tarde, seriam conduzidos para o rancho dos novos colonos, assim que fosse construído.

Cárdias estava vexado. Não compreendia bem como aquele homem e esposa habituados a uma vida confortável, até certo ponto faustosa, tinham abandonado as propriedades, a clínica, o seu mundo, para se meterem naquela aventura. E a sua curiosidade divertia os viajantes...

Cárdias não se conteve e perguntou:

— Como é que vocês explicam essa resolução?

O conde e a esposa, que estavam a rir, mudaram instantaneamente o humor. Foi como se Cárdia—, com a sua pergunta, tivesse revolvido em suas almas alguma chaga muito dolorosa. Inclinaram a cabeça. O rosto se lhes anuviou. A voz dele se fez ouvir, como um gemido:

— A filha morreu, tudo acabou.

E nunca mais se tocou no assunto.

Cárdias apesar de tudo, acreditou que o casal não se habituasse àquele buraco de sertão. Mas habituou-se, ambos tomaram parte ativa na vida da colônia. Trabalharam muitas vezes de enxada na mão, como se nunca tivessem feito outra coisa. E, um dia, anos depois, foram dos últimos a se retirar. A condessa chegou mesmo a confessar que ali havia encontrado uma felicidade a que jamais poderia aspirar. Era como se a filha os tivesse acompanhado, como se andasse por ali a brincar com as outras crianças. Só lhes faltava vê-la; sentiam-na por toda a parte...

A vida dos pioneiros da Colônia Cecília era, pois, a de homens abandonados a suas próprias forças, em plena natureza. Sentiam-se naufragos aportados a uma ilha deserta. É verdade que na orla do horizonte apareciam penachos de fumo subindo da cumeeira de outros ranchos e, quando o vento estava de feição, podiam ouvir, à distância, o bimbalhar dos sinos de Palmeira e de Santa Bárbara.

Mas não eram colonos comuns. Em razão dos seus princípios e intuições, jamais poderiam invocar o apoio dos hospitaleiros paranaenses ou mesmo dos europeus que ali trabalhavam, amoldados às praxes de uma sociedade velha, tida como errada pelos pioneiros e seus amigos. Eles eram mais pobres que os ermitões do deserto, pois a convicção mesma que os trouxera da Europa, nessa aventura por longínquas terras do Brasil, os impedia de receberem auxílio, fosse dos agricultores a quem chamavam de capitalistas, ou dos governantes que representavam a seus olhos uma organização inimiga. Sobrava-lhes, no entanto, a possibilidade de recorrerem a companheiros e simpatizantes do mundo inteiro, mas essa gente nunca passou de uma escassa minoria, rica de sonhos e pobre de haveres.

Todas as manhãs olhavam com angústia as plantações belas mas preguiçosas. A terra, por mais produtiva que seja, não restituía da noite para o dia, genericamente multiplicada, a semente que se lhes confia. Era preciso tempo, muito tempo, para colher os primeiros frutos. E essa espera foi terrível para os colonos. Escasseavam-lhes tudo: pão, roupa, calçado, o mais comezinho conforto. Viviam descalços, esfarrapados, mal nutridos. Quando a vida se tornava de todo impossível, alguns homens se dirigiam às localidades próximas e trabalhavam de ganho. No fim da semana, recebendo o salário, compravam sal, sabão, farinha de milho e de trigo e regressaram à Colônia. Mas essa atitude não era vista com bons olhos. Piero, o ortodoxo do grupo, que ressumar amargura, erguia os olhos do braceiro em que vivia a aquecer-lhe e perguntava-lhes:

— Achastes, afinal, o vosso patrãozinho?

Mas os pobres estavam exaustos: não respondiam. E as terras a cainhar os frutos... As mãos de Cárdias não tinham sido feitas para aquilo; empolavam-se de calos, tornavam-se pesadas e inúteis. Dentro de pouco, era só Ciccio a fazer essas escapadas pelas terras proibidas do “capitalismo e do patronato”. O antigo malfeitor dos bastionis de Milão não se cansava de tais sortidas. Levava-as a cabo, pondo na obra uma certa religiosidade de cristão primitivo. Sentia-se feliz em contribuir por essa forma para a construção daquilo que nos meios se chamava — a sociedade nova.

Apesar de tudo, a colônia progredia. Surgiram as primeiras casinhas de tábuas de pinho, de teto alcatroado, com seus móveis rudimentares, algumas sementeiras novas, a horta, a fossa sanitária. Esse progresso poderia ser considerado, se se levasse em conta que os pioneiros da Colônia Cecília eram leigos em

tais serviços. Um deles era estropiado e os demais, como vimos, de quando em quando, tinham de ir ganhar fora o pão comum.

Em fins de 1890, foi derrubada uma larga extensão de mata para a plantação do milharal, sendo ao mesmo tempo construída cerca para defendê-lo do gado dos proprietários vizinhos. Em janeiro do ano seguinte, chegaram à Colônia mais algumas famílias de camponeses. No entanto, logo no começo, viu-se com desgosto, que essa gente não harmonizava com os primeiros chegados. Homens e mulheres manifestaram desde logo o seu desencanto, por não encontrarem ali, à sua espera, o paraíso com que haviam sonhado lendo ou ouvindo ler os opúsculos de propaganda da Colônia. Dias depois, diversos desses incrédulos se retiraram para Curitiba e aí se estabeleceram, tornando-se elementos negativos, emprenhados em desencabeçar os camponeses que, de passagem para a Cecília, lhes pediam hospitalidade.

Os pioneiros da Colônia eram da massa dos apóstolos. Tinham a tenacidade irritante dos convictos. E os trabalhos agrícolas, lentos e dolorosos, prosseguiram. Foram chegando, com espaços de semanas e de meses, os Gattai, os Marinai, os Colli, os Capellari... Iniciou-se a construção de um edifício central, para as reuniões. Nos meses de março, abril e maio continuaram a chegar em turmas, numerosos camponeses, elevando-se a população da Colônia por essa altura a 150 pessoas.

Esse crescimento rápido, no entanto, confessa Cárdias, foi prejudicial. Constituíram-se grupos por famílias e os mais atilados se aproveitaram da escassa produção, em prejuízo do maior número, a política fervia. Num grotesco sistema de referendum, a população perdia o melhor do tempo em assembleias, das quais surgiam fermentadas promessas e ambições mal dissimuladas. Elegiam-se comissões, votavam-se regulamentos, gritava-se a ponto de ficar rouco. Mas — seja dito em seu abono — nunca, nem mesmo nas reuniões tumultuosas, se registrou o mais leve desrespeito à integridade física dos contrários. Mais ainda, Essa gente exasperada pela desilusão, enfraquecida pela escassez de alimento, mas livre de tutores, trabalhava sempre, fazendo o que sabia e como podia: reclamava, mas não descia à violência.

Muitas vezes, aqueles jovens de estômago vazio se apoiavam no cabo da enxada e olhavam, desfraldado no alto do coqueiro, o pavilhão que sintetizava os seus anseios. E concordavam consigo mesmos:

— D'un pó di polenta e d'un pó d'ideale si vive...

Aconteceu que, numa clara noite de novembro de 1892, um par de namorados fazia a pé a estrada de Palmeira. Um carretão que rodava penosamente com

o mesmo destino estacou diante deles.

— Prá onde vão?

— Prá Colônia.

— Querem condução?

Os dois caminhantes agradeceram ao carroceiro, atiraram as trouxas para dentro do carro e, por sua vez, trataram de subir pela traseira do veículo, sentando-se o melhor que puderam nas tábua do fundo. E a viagem prosseguiu.

A planície era imensa, banhada de luar, pontilhada de sombras escuras de pinheiros. Mas a estrada era má e o carro não tinha molas; dava cada solavanco que parecia virar de banda. A mulher ajeitava o lenço na cabeça e ria, o homem procurava arranjar-lhe um encosto com as trouxas de roupa. De um lado e de outro, a planície, o luar, as sombras em forma de taças, as mil vozes misteriosas da campanha.

Em certo ponto, o homem quis entabular conversa com o cocheiro, mas desistiu; era um alemão do Volga, gente do “mir”, mais desconfiada do que o caboclo. Não passava de “nhor sim” e “nhor não”. Súbito o veículo parou na estrada, entre duas árvores, no boqueirão de um atalho.

— A Colônia é ali.

Os viajantes desceram com palavras de agradecimento, enquanto o cocheiro chicoteou os animais, na ânsia de chegar cedo a Palmeira. Apesar do socorro daquela condução, o casal estava cansadíssimo. Principalmente a mulher, que era fina e pálida. Depois de trocarem algumas palavras entre si, os dois sobraçaram as trouxas e tomaram pelo atalho. Logo adiante, na primeira curva, viram uma claridade. Tratava-se de um aglomerado de casas ainda mais rústicas que as da planície. Ao centro erguia-se um barracão coberto de palha, com ervas a grimparem pelos esteios. Adiantaram-se cautamente. Fratello, o cachorro de Ciccio, deu o alarme. Pararam. De dentro das casas saíram alguns colonos ao seu encontro. Cárdias conheceu-os logo; eram Éleda e Anibal.

Foram hospedados na casa de Ciccio que, nos últimos tempos, andava ausente. Cárdias conta assim:

“Foi uma chegada pouco alegre. Os novos companheiros estavam cansados da viagem, prevenidos contra a Colônia, pois os dissidentes — chamemo-los assim — que se haviam estabelecidos em Curitiba, lha haviam descrito muito mais pobre e menos socialista do que ela realmente era. Também da minha parte havia uma certa frieza, pois eu acreditava que eles tivessem hesitado em vir, o que depois averiguei não ser verdade. Por isso, naquela noite Élada não me causou outra impressão a não ser a de uma criaturinha fatigada, um tanto triste. No entanto, aqueles novos companheiros mereciam toda a minha simpatia.”

Eu tinha conhecido a Élada no ano anterior, na localidade de X, numa conferência pública em que fui explicar as ideias sobre o amor livre. Lembro-me

de que, tendo-a interrogado em particular, ela me respondeu com simplicidade que o admitia. Vi-a poucos dias depois em um hospital daquela mesma cidade, enfermeira corajosa, devotada, infatigável, junto ao leito de morte daquele valioso jovem socialista que, por cinco anos, fôra seu companheiro. E os amigos me contaram naquela ocasião que a vida de Élada tinha sido uma modesta abnegação, uma luta penosa, mas inteligente e forte, por seu amigo, por seus comuns ideais.

Dela, da sua simplicidade, da sua melancolia, da força de ânimo, eu trouxe comigo um certo sentimento de simpatia e admiração, mas nunca o mais leve desejo pela mulher. era para mim uma figurinha nobre e delicada, que se impunha pelo caráter, que me satisfazia pela bondade, que me agradava como nos agrada um companheiro gentil. Os momentos em que conheci a Élada na cidadezinha de X foram vários, breves e dolorosos, mas essas impressões se tornaram claras e assim as comuniquei à nossa boa amiga Gianotta.

Aníbal é um bom companheiro, daqueles que na agitação socialista se habituaram a perder tudo, a nada ganhar. É de inteligência acima do vulgar, mas tem o coração maior do que o cérebro. Sob a aparência áspera, esconde uma delicada sensibilidade. Foi dos primeiros e dos poucos que apoiam decididamente a iniciativa desta Colônia socialista e a ajudaram grandemente, vindo depois a fazer parte dela. É um homem a quem amo, a quem estimo e prezo de todos os pontos de vista”.

“Nos primeiros dias de sua chegada à Colônia — escreve Cárdias — tive ocasião de conhecer melhor a Élada. É uma criaturinha de trinta e três anos, mas quando está tranquila e se sente bem, não parece ter mais de vinte e cinco. Ainda mais, mostra nos olhos e na carinha delicada qualquer coisa de menina. Sua expressão é quase sempre séria, de uma seriedade triste. Começou a interessar-me e muitas vezes me comproveu perguntar-lhe se não se habituava à solidão daquelas pradarias e bosques, aquela monotonia, àquela pobreza de vida. Respondeu-me que estava procurando habituar-se e que acabaria por consegui-lo. E eu encontrava nela a socialista inteligente, corajosa, boa, que tinha entrevisto na cidadezinha de X. Daí, uma simpatia, uma afeição delicada, respeitosa, acreditava eu, mas que era o alvorecer do amor.

Uma noite ela me deu uma carta para ler; tinha-a recebido de nossa amiga Gianotta, que lhe augura uma boa viagem para a Colônia. “Se vais só, acompanha lá o meu Cárdias; formareis um gentil casal. E em qualquer caso, dá-lhe um abraço e um beijo que eu lhe mando”.

No dia seguinte, perguntei-lhe, a rir:

— E quando me entregará o presente da nossa amiga Gianotta?
— Um dia, quem sabe?

— “Escute, Élada — disse-lhe uma noite à porta do rancho — você é uma moça séria, a quem se deve falar sem artifícios.

Ela me olhou e me compreendeu.

— Por que motivo você não gosta também um pouquinho de mim?

— Porque tenho receio de dar um grande desgosto a Aníbal.

— Pois fale com ele a esse respeito.

Separamo-nos sem um beijo.

Élada contou a Aníbal como uma companheira afetuosa, mas livre e sincera, deve falar ao companheiro a quem ama e preza. Aníbal respondeu-lhe como um homem que, acima de suas paixões, põe o escrupuloso respeito pela liberdade da mulher.

— Sofre... — me disse Élada.

— Era fácil prever — respondi-lhe eu. Mas acreditas que nele a parte que sofre é a melhor ou a pior do coração? Essa dor será humana, socialística, indestrutível? É a dor do punhal que mata ou a dor do bisturi que cura?

— Eis aí o que é preciso averiguar — respondeu-me Élada.

E nos afastamos, ainda dessa vez sem um beijo.

Aníbal, ele próprio, disse a mim e a Élada:

— É o preconceito, é o hábito, é um pouco de egoísmo, se vocês quiserem, mas a liberdade deve estar em primeiro lugar e acima de tudo. A verdade é que amo Élada e não tenho razão para não mais amá-la. Isso dói. Sofrerei, mas não faz mal. Tu, Cárdias, vives triste e sem amor. Élada fará bem em encher a tua vida.

— Tens ressentimento de mim ou da Élada?

— De ninguém.

Naquele dia, Élada e eu trocamos o nosso primeiro beijo. Aquela noite ela veio para minha casa. E Aníbal chorou na tristeza e no isolamento.

De manhã, quando Élada voltou para sua casa, ficou admirada de não ver o companheiro já de pé, em plena atividade, como era de seu costume. Chegou à porta do quarto e espiou para dentro. À claridade que filtrava pelas goteiras, ela viu Aníbal, deitado

de bruços na cama intacta; tinha passado a noite a chorar. E o seu choro era abafado, humilde, como o choro de uma criança.

VI
TÊM A
PALAVRA AS
PERSONAGENS



VI

TÊM A PALAVRA AS PERSONAGENS

Na Colônia Cecília não havia domingos nem feriados. Quem queria trabalhava, ou ficava em casa, ou ia para o campo. Confiava-se — um pouco de mais — na coação da necessidade. Houve um sábado, porém, em que as enxadas permaneceram nos cantos, a plantação parou onde estava e a população tratou de outro assunto.

Era, no entanto, uma instituição de experiência, de todos os pontos de vista. O que ali se passava, fosse o que fosse, devia ser documentado, estudado, transmitido ao mundo inteiro. Por isso, o caso sentimental, um dos primeiros e talvez o último, uma espécie de aula em que as personagens deviam depor sobre as próprias atitudes e sentimentos.

Realizou-se à noite, na Casa do Amor. Esse barracão, construído carinhosamente pelos primeiros chegados, não tinha sido verdadeiramente utilizado. Os quadros gregos, de uma ingenuidade primitiva, não tinham sido possíveis, pois durante muito tempo só havia uma mulher, e essa mesma era idosa, carregada de filhos, devotadíssima ao companheiro, a tesoureira da Colônia. Mais tarde os pioneiros desanimaram, brigaram entre si e muitos deles resolveram emigrar para Curitiba, onde havia trabalho fácil, regularmente remunerado, com possibilidades de uma vida burguesa que não era o ideal, mas, afinal de contas, estava mais à mão. Em Curitiba, sendo os primeiros a receberem os colonos que iam chegando, realizaram obra contrária, dizendo cobras e lagartos da instituição.

Felizmente, logo depois, apesar da campanha, chegaram muitas outras famílias, a ponto de a Colônia, em determinado período, contar para mais de trezentas almas. Os ranchos de tábuas já se contavam por mais cinquenta. Mas, de amor livre, nada. O que talvez houvesse, como por toda a parte, não passava de ligeiras conquistas, velhas como o mundo, sem o mais leve caráter social. A Casa do Amor, que ainda conservava esse nome, passou a ser casa coletiva. Ao centro, uma grande mesa de pinho sobre cavaletes. Ao redor, bancos igualmente de pinho. De dia era auditorium, uma espécie de conselho, onde todos tinham voz e podiam discutir os problemas da Colônia e, de noite, era dormitório para os rapazes que iam surgindo com a trouxa de roupas pendurada na ponta da vara.

aquela reunião foi sensacional. Chegou mesmo a assumir certa solenidade, o

que desgostava sempre aos ortodoxos. O jornalista Lorenzini, que tinha o hábito dessas coisas, sentara-se à mesa, diante de folhas de papel almaço, manejando a sua pena ágil. Gastou quase meia hora a redigir os quesitos, um requisitório especial para cada personagem. Enquanto isso, os presentes formavam grupos e conversavam sobre assuntos que não vinham ao caso.

Nos quatro cantos do pavilhão ardiam candeeiros de querosene. Quando Lorenzini levantou os olhos, viu que se encontrava diante de uma autêntica assembleia. As três personagens do drama estavam presentes: Éleda conversava num grupo de mulheres, Cárdias mantinha-se pensativo, sentado na ponta de um banco, e Aníbal esperava de cócoras num canto, ao fundo do pavilhão. Havia gente sentada nos doze bancos fronteiros à mesa, encarapitada nas grades, de cócoras ao longo da única parede lateral. Alguns, tomados de preguiça, haviam-se deitado pelo chão, de cabeça erguida como lagartos. Um par de jovens namorados subira na trave do teto e ali, de pernas penduradas sobre o recinto, arrulhava o seu amor.

O conde Colombo tinha posto o chapéu de cortiça enquanto esperava, fazia girar nervosamente o monóculo, no fura-bolos. O Professor Damiani, sempre assoberbado nas pesquisas, fazia anotações nas margens da “Eneida”. O engenheiro Grillo roía as unhas, olhos fitos nas poucas estrelas que ardiam no seu campo visual.

Em certo ponto, Lorenzini bateu palmas. Fez-se silêncio.

— Damiani, você quer ser o escrevente?

O professor custou a cair em si. Mas aceitou. E tomando um lápis, que havia perdido no bolso de Horácio, encaminhou-se para a mesa. Lorenzini deu-lhe um lugar ao seu lado. O primeiro a ser interrogado foi Aníbal. Este acedeu, com forçada serenidade, pedindo que antes do mais escrevessem esta observação: “Respondo prazerosamente a todas as perguntas, observando porém, que se o amor livre estivesse generalizado, muito sim doloroso passaria a ser não”.

Damiani afocinhou no papel. Tomada essa declaração, começou o interrogatório. A cada resposta, Damiani gatafunhar apressadamente...

— Admites na mulher a possibilidade de amar nobremente a mais de um homem ao mesmo tempo?

— Sim. Mas não em todas as mulheres.

— Reconheces nela o direito de assim proceder?

— Sim.

— Reconheces o amor livre como útil ao progresso da moral socialista e da paz social?

— Sim. Acreditava-o e continuo a acreditar porque, sem isso, o que seria da liberdade e da igualdade?

— Acreditas que a prática do amor livre sofrer a algum dos participantes?

- Sim, se a ama verdadeiramente.
- Qual deles de preferência?
- Talvez os dois. Assim o creio.
- Acreditas que o companheiro da mulher sofra com a nova afeição da companheira por outro homem?
- Sim, se a ama verdadeiramente.
- Achas que ele poderia passar por isso com indiferença?
- Sim, se não a ama, se é um grosseirão.
- E com alegria?
- Nunca, talvez. Mas poderá alegrar-se de um certo modo, se está convicto de fazer obra consoladora e digna de nossos princípios.
- Poderia desejar, sugerir, favorecer esse amor?
- Esta resposta está compreendida na anterior.
- Agora vamos ao teu caso particular. Quando Élada te comunicou o pedido de Cárdias sentiste dor?
- Não.
- Surpresa?
- Não. Na Itália eu já tinha manifestado minha maneira de sentir e, portanto, já estava preparado.
- Desdém?
- Nunca.
- Humilhação?
- Não.
- Ressentimento para com Cárdias?
- Não ressentimento, mas compaixão.
- Foi vaidade ofendida?
- Não.
- Instinto de propriedade ferido?
- Nunca pensei ser o proprietário de Élada; isso seria uma afronta para ela.
- Egoísmo ou desejo de um bem exclusivo?
- Não egoísmo, antes um certo medo de que diminuísse o seu afeto por mim.
- Temor do ridículo?
- Um pouquinho.
- Ideia de lesa-castidade conjugal?
- Fui eu casto?
- Foi espontâneo o teu consentimento?
- Sim, absolutamente.
- Foi por coerência aos princípios da liberdade?
- Um pouco por compaixão vendo Cárdias sofrer e um pouco por coerência.
- Foi compaixão dele que havia tanto tempo vivia sem amor?

- Já respondi.
- Se por acaso se tratasse de outro companheiro, supões que terias provado as mesmas sensações?
- Não posso precisar. Mas a verdade é que no caso afirmativo teria sofrido muito mais.
- Não posso precisar. Mas a verdade é que no caso afirmativo teria sofrido muito mais.
- Se se tivesse tratado de um proprietário que não fosse nosso companheiro?
- A mesma coisa.
- E de um burguês?
- Teria lamentado Élada e sofrido muito, sem poder afirmar que nesse caso a tivesse deixado...
- Sofreste muito mais antes de saber Cárdias com Élada?
- Não.
- A primeira vez?
- Sim.
- Ou qual outra vez?
- Sempre, mais ou menos.
- Choraste?
- Sim.
- Na tua dor havia ressentimento contra Élada?
- Não.
- Contra Cárdias?
- Não.
- Tristeza de isolamento?
- Um pouquinho.
- Medo de um desvio no afeto da companheira?
- Conheço suficientemente Élada para responder não.
- Temor de que Cárdias a tratasse de modo vulgar?
- Não.
- Que a tratasse gentilmente.
- Sim.
- Houve desejo de que ela gozasse de outro afeto fisiológico e intelectual?
- Não sei responder.
- Desgosto com isso?
- Se de fato, assim fosse eu não teria desprazer.
- Medo de que ela te tornasse menos pura?
- ainda desta vez conheço suficientemente Élada para responder não.
- Menos afetuosa?
- Sim.

- Instinto irrazoável e involuntário de egoísmo?
- Sabem todos que atualmente somos egoístas, mas não creio que o meu desgosto seja produzido pelo egoísmo.
- Contendo a tua dor, sentiste a satisfação de quem faz o bem?
- Por certo.
- Sentiste, embora vagamente, a necessidade de fuga?
- Não fundado, mas por esse motivo só.
- A apreciação dos outros influiu nos teus sentimentos?
- Desprezei sempre as apreciações alheias; no entanto, ter-me-ia desgostado o saber-me escarnecidido por imbecis.
- A estima pela tua companheira é sempre a mesma de antes?
- Sim.
- O afeto por ela continua a ser igual, maior ou menor?
- É o mesmo, talvez maiormente sentido.
- A repetição das ausências de tua companheira alterna a tua dor?
- Sim.
- Exaspera, talvez?
- Não.
- São para ti mais dolorosas as ausências breves?
- Não.
- E as ausências longas?
- Sim.
- Seria mais dolorosa a ausência de alguns dias?
- Aí entraria o egoísmo, pois essas ausências longas fariam de mim um pária do amor, como era Cárdias.
- Sofreste mais vendo a companheira ficar ao lado de Cárdias?
- A princípio sim.
- Ou vendo-a partir de tua casa para a casa de Cárdias?
- Agora se me tornou indiferente.
- Não seria mais aceitável que a companheira vivesse por sua própria conta e preferisse a um outro, segundo a sua vontade?
- Sim, para a tranquilidade e a liberdade de todos.
- O fato de Cárdias amá-la causa-te despeito?
- Não.
- Acreditas que o amor livre se generalizará pela rebelião das mulheres?
- Sim.
- Pelo consentimento dos homens?
- Embora os homens não queiram, quando as mulheres se rebelarem seria-mente o amor livre se dará e todos, depois, ficarão contentes.
- Por desinteressada iniciativa dos homens?

— Não. Salvo algumas exceções, que poderão dar o exemplo.

O interrogatório de Élada ficou assim registrado:

— Foste educada na moral ortodoxa?

— Sim, até os vinte anos.

— No primeiro amor da mocidade te sentiste absorvida por um só afeto?

— Sim.

— No teu segundo amor, que foi mais longo e mais intenso, amaste a algum outro contemporaneamente ao teu chorado companheiro?

— Não.

— Tiveste alguma nascente simpatia?

— Sim.

— Cultivaste-a?

— Não.

— Cultivá-la parecer-te-ia uma culpa?

— Não.

— Faltou-te oportunidade?

— Sim.

— Procuraste-a?

— Não.

— A tua afeição por L., que foi a mais breve e menos profundamente sentida, foi exclusiva?

— Sim, até que conheci Aníbal. Tive por aqueles tempos outra simpatia, mas como se costuma dizer, inocente.

— E a tua afeição por Aníbal foi exclusiva?

— Sim até que conheci Cárdias.

— Há muito tempo que admites a possibilidade de amar-se simultaneamente a duas pessoas?

— Sim.

— Foste alguma vez ciumenta?

— Algumas vezes, mas os meus ciúmes foram de breve duração.

— Entregaste-te alguma vez sem amor?

— Nunca me entreguei sem simpatia.

— E unicamente por sensualidade?

— Nunca.

— Toleraste alguma vez violências morais?

— Não.

— Surpreendeu-te a declaração de amor de Cárdias?

- Um pouco.
- Surpreendeu-te a forma breve e direta que ele usou?
- Ao contrário, agradou-me mais ainda?
- Prometeste por piedade?
- Um pouco.
- Por simpatia?
- Sim.
- O temor de fazer sofrer a teu companheiro foi verdadeiramente o único obstáculo?
- O único.
- Sentiste-te por acaso tentada pela ideia de amar a Cárdias, sem que o teu companheiro soubesse?
- Não.
- Quando lhe contaste o seu pedido exprimiste ao mesmo tempo a ideia de satisfazê-la? Fizeste-o com serenidade de ânimo?
- Sim.
- Com vergonha?
- Não.
- Sofreste adivinhando o sofrimento do companheiro? Sofreste por ele?
- Sim.
- Por ti?
- Também por mim?
- Por Cárdias?
- Principalmente por ele.
- Tomaste o teu sofrimento como prova de amor?
- Não sei responder.
- Quando procuraste Cárdias, o consentimento de teu companheiro era completo?
- Era.
- Precipitaste um pouco os acontecimento?
- Não.
- Consideraste razoável a dor do teu companheiro?
- Considerei-a como resultado dos preconceitos que, queiramos ou não, pesam sobre nós.
- Destinados a desaparecer?
- Sim, a desaparecer.
- A conduta de Cárdias perante o teu companheiro te pareceu correta?
- Sim.
- Foste para Cárdias com a consciência serena?
- Sim.

- Aumentou ele um pouquinho a felicidade de tua vida?
- Sim.
- Tu o amas sensualmente, intelectualmente ou pelo coração?
- Um pouquinho por todos os três modos.
- Tu o amas hoje um pouquinho mais do que no primeiro dia?
- Bem mais.
- Ama mais a Aníbal?
- Sim.
- Esses dois afetos simultâneos te fizeram melhor?
- Sim.
- Mais sensual?
- Não.
- Prejudicaram-te a saúde?
- Não.
- A contemporânea multiplicidade de afetos, isto a que chamamos de amor livre, te parece natural?
- Sim.
- Socialmente útil?
- Acima de tudo, socialmente útil.
- Causar-te-ia desgosto o não poder conhecer a paternidade de um filho que agora viesses a ter?
- Não.

Cárdias também respondeu a esse inquérito.

Fê-lo em documentado folheto, a que deu o nome de “Um episódio de amor livre na Colônia Cecília”. Não cabe, porém, nos moldes desta reportagem.



VII
MELANCOLIA

VII MELANCOLIA

Apesar das declarações que fizera, Aníbal mudou de conduta. Tornou-se calado, sombrio, com uma pontinha de desconfiança dos mais íntimos. Ia de manhã para a roça e voltava de noite, quando a população da Colônia estava recolhida em suas casas, conversando ao redor do fogo.

Sua atitude com Élada, que era até então de franca camaradagem, tornou-se de infinita doçura, uma doçura triste de quem fala com uma criança doente. Acabou por tratá-la como irmã, talvez como filha. Isso a ponto de ela o censurar:

— Você está com medo de mim?

Ele sacudiu a cabeça desanimado:

— Vocês se amam. Muito!

Um dia Ciccio ao chegar de Palmeira, onde trabalhava na construção da estrada do governo, com o fim de atender às necessidades mais urgentes da Colônia, trouxe algumas cartas da agência do correio. Uma delas era para Aníbal. O rapaz leu-a, revirou-a nas mãos e mostrou-se muito aflito:

— Minha irmã, que se acha em Buenos aires, está à morte e me pede que vá vê-la.

E, contra seus hábitos, contou isso a diversas pessoas. Discutiu-se, comentou-se.

— Vai então para Buenos Aires?

— Vou. Amanhã deixo vocês.

Élada assim que ficou a sós com ele, interrogou-o:

— E eu?

— Tu ficas com Cárdias. Vocês nasceram um para o outro. Poderão ser muito felizes. é isso o que eu mais desejo.

A viagem foi comunicada a Cárdias, que lamentou a partida do companheiro.

— E essa carta... Estás dizendo a verdade?

Aníbal olhou para a distância e não respondeu.

A partida devia ser muito cedo, ao alvorecer, de modo que ele não apanhasse a soalheira na estrada. Por isso, mais cedo do que de costume, Aníbal e Élada recolheram-se à sua casa. Mas não dormiram. Ficaram a conversar sobre o passado. Fizeram recomendações muito íntimas, muito particulares. Que se

escrevem enquanto vivessem nas suas lembranças. Que não forçariam uma correspondência. E ainda estavam a dizer essas coisas quando os os galos dos caboclos amiudaram, os passarinhos se puseram a cantar nas árvores. Ergueram-se, foram ao córrego, mergulharam nas águas frescas. Foi aí que Cárdias, também os encontrou. Sentados na areia prateada do córrego, ouvindo o marulho das águas nas pedras e o cantar das aves nas árvores próximas, conversaram.

— Tu não dormiste, Cárdias?

— Não.

— Nem nós...

Um passarinho esvoaçar sobre as suas cabeças; Élada fez um grande esforço para alcançá-lo e como não conseguisse, se pôs a tir.

— A carta que você recebeu não é de Buenos Aires, muito menos de sua irmã...

— Se assim fosse?

— Seria uma fuga, Aníbal!

— E depois?

— Você foge de si mesmo, de nós, da vida...

— Não. A carta é verdadeira, minha irmã me chama e eu atendo a sua súplica. Mas... se nada disso fosse verdade e eu tivesse de abandonar a vocês, fá-lo-ia, não pela minha felicidade, mas pela de vocês, porque vocês se amam. Amam-se muito.

Saíram da água a tremer de frio, vestiram-se e foram tomar café com polenta, que Élada havia preparado. Mudos. Sem uma palavra. Absorvidos em seu próprio drama.

Dali a pouco, Aníbal vestiu o casaco, botou o chapéu e saiu com a trouxa de roupa na ponta da vara. Cárdias e Élada o acompanharam, muito de perto, tocando nos seus ombros largos e fortes. Chegaram à estrada que se estendia tortuosa e deserta, por entre bosques de pinheiros. Não pararam.

Aníbal perguntou:

— Vocês até onde vão?

Élada pensou um pouco.

— Até ali...

E foram andando. Quando o sol nasceu, todos os três caminhavam juntos. Não tinham forças, não tinham coragem de despedir-se. Foi preciso que Aníbal com seu passo elástico, se distanciasse propositalmente até se perder numa curva, entre capoeiras altas. No último instante ainda lhes atirou um beijo nas pontas dos dedos. E eles o retribuíram da mesma forma.

Só então Élada e Cárdias regressaram.

Quando chegaram à boca do atalho, descansaram um pouco à sombra das árvores. E iam beijar-se quando receberam uma vaia que vinha das copas cerradas. Olharam para cima e viram Gioia a cavaleiro de um ramo. Já não parecia um ser

humano, mas um espírito da floresta. Cabeludo, barbudo, quase nu, mas alegre como um homem livre.

Os dois fizeram-lhe grande festa e tantas coisas lhe disseram que o coagiram docemente a integrar-se na coletividade, porque afinal de contas, o homem é um animal sociável. E ele ficou sendo dali por diante o poeta da Colônia, um poeta que não escrevia versos, mas vivia em graça, em sonho, em poesia!

Nos dias que se seguiram, Éleda andou por entre os casebres, sem ânimo para nada. Os cabelos despenteados caíam-lhe pelos olhos. A cabeça inclinada parecia procurar pelo chão uma sombra entre todas as sombras, dos pinheiros e dos homens. Embalde Cárdias procurou consolá-la. Mas não pode. Ele próprio permanecia abstrato, ausente. Certa noite uma mulher procurou Élada e, num tom maternal, aconselhou-a:

— Você deve “matar” esse Aníbal...

Ao que ela respondeu, a sorrir:

— Você já viu matar-se um ausente?

VII
ANIMAÇÃO

VIII A INTIMAÇÃO

— Uma tarde muito fresca, de atmosfera tão limpa que permitia ver a planície até o ponto em que os pinheiros tocavam no céu, os homens da Colônia Cecília voltaram mais cedo do serviço, chegando ao riacho arregaçaram as calças e entraram na água até os joelhos, borrifando a cara e o peito para refrescar a pele tisnada pelo sol. Longe, ouviam-se os gritos das aves da campina, procurando pouso. Nos caniços das margens, iniciava-se o diálogo merencório das rãs.

Saindo do riacho, dirigiram-se para os seus ranchos. Só Cárdias deixou-se ficar por ali, como desencorajado. A bandeira da Colônia, que envelhecia no alto do coqueiro, estava inerte e caía a prumo como trapo esquecido pelas aragens. Sobre as águas, ia-se formando, com o esfriar da tarde, uma neblina alvacentada; ele podia acompanhar com a vista o curso do regato, seguindo aquela pluma imóvel estendida pelo campo. E o agrônomo ainda estava a contemplar essa tranquila paisagem quando um homem procedente de Palmeira apresentou-se entre os casebres da Colônia.

- Boa tarde.
- Boa tarde. Que deseja?
- Venho da parte do delegado e quero falar com o dono.
- Mas aqui não há dono.
- O chefe...
- Também não há chefe.

Os colonos apareceram nas portas dos ranchos e puseram-se a rir da conversa. O visitante, porém, não gostou daquilo e, tornando a voz mais áspera, determinou:

- Pois é com você mesmo. Está intimado a comparecer ainda hoje perante o sr. delegado de polícia...
- Então eu estou preso?
- Preso, não, contando que não deixe de ir dar explicações.
- Pois irei daqui a pouco.
- Como é seu nome?
- Giovanni Rossi.
- O polícia tomou nota num papel, fez um leve cumprimento e saiu.

Piero pôs-se a rir.

— Eu sempre disse você era o patrão, o chefe...

Por causa desse comentário foi preciso reunir a Colônia e discutir o caso; serviu até para esquecer a falta do jantar.

Cárdias já não tinha o que vestir. As calças estavam esgarçadas na barra e, nas horas solenes em que calçava as velhas botinas, apresentava um ar ainda mais vencido. A camisa não tinha punhos, deixando de fora uns braços magros, peludos, enegrecidos pelo trabalho. A barba rala, tendo crescido de modo desigual, dava-lhe uma catadura de mendigo. Quanto às lunetas já as havia perdido não se lembrava onde. Assim mesmo, quis atender a intimação e partiu. Ficaria preso? Seria deportado? Como se sairia desse primeiro contato com as autoridades do país? Atirou o paletó ao ombro e saiu.

O sol já estava a esconder-se; a luz oblíqua, quase deitada, atirava-lhe uma sombra imensa sobre a campanha deserta. Pássaros fugiam à sua passagem. E sapos. E sombras alongadas que bem poderiam ser cobras. As moitas pareciam-lhe cheias de asas e de cícos que lembravam beijos, de gritinhos assustados e gemidos de rolinhas, tristes como saudades. A bolha fina, etérea, da luz começava a subir na orla crespa dos campos.

Noite fechada chegou a Palmeira. Não viu mais do que uma extensa rua de casebres que terminava no largo da igreja. Caminhando, observava os interiores humildes através das janelas baixas. Em certo ponto, parou e dirigiu-se a alguém que estava debruçado sobre a meia-porta; perguntou onde era a delegacia. Indicaram-na. Para lá se dirigiu, sendo recebido pelo escrivão, isto é, pela mesma pessoa que o havia intimado.

Sentia-se tocado pela doçura daquela noite: achou o homenzinho mais amável. Tão amável que, sem querer, lhe apertou a mão. Informou-o de que o delegado já havia ido para a casa, mas que lá mesmo o atenderia. E, levando mais longe a boa-vontade, acompanhou-o até a porta a fim de indicar-lhe melhor a residência da autoridade, no largo, duas casas depois da esquina...

Por essa altura a noite estava clara como o dia. A atmosfera parecia de cristal. A lua transparente dominava o casario pobre. Namorados conversavam nas janelas. Os últimos moleques, algures, brincavam de “tempo-será”. E aquela doçura inesperada, que o assaltaram havia pouco, continuava a derramar-se-lhe pela alma. Afinal, era um moço, um músico, um poeta... As trepadeiras que cobriam os muros perfumavam a noite, uma noite inesquecível...

Caminhou ao longo do muro e parou diante de um portão aberto. diante dele estendia-se o caminho de areia branca, entre árvores umbrosas. ao fundo havia manchas de luz. Hesitou; depois entrou. A umidade das folhagens acariciou-lhe o rosto. Seguiu assim até a velha casa chata, de uma porta e duas amplas janelas baixas, debilmente iluminadas. Bateu palmas. Ali mesmo, na sala de visitas uma

voz áspera ordenou:

— Entre!

Obedeceu. No corredor foi tocado por aquela tranquilidade infinita que parecia irradiar das coisas, como um perfume. Parou diante da porta lateral. A mesma voz sem timbre mandou-o entrar. Um velhote magro, de óculos, metido numa roupa caseira, estava estirado na cadeira de balanço e, sem dar importância à sua presença, afrouxava um cigarro de palha. Saudou-o timidamente...

Que maravilha! Atrás da autoridade havia um piano!

— É da Colônia?

— Sim senhor.

— Por que é que vocês ainda não se mostraram por aqui? Que diacho! Não custava nada, era até uma gentileza...

O piano era de Alexandria. Quis ver a marca. O teclado tinha o desbotamento característico do uso...

— Não falo por vocês. Mas lá há gente que deve compreender essas coisas. Disseram-me que há mesmo um engenheiro, filósofo, jornalista... Diga-lhe que, segundo estou informado, a República não está disposta a manter as concessões que lhe fez a Monarquia. Pelo menos no que respeita aos impostos... Compreende? O Sr. Hermann Blumenau é que soube fundar a sua colônia. Era um homem esquisitão, não jogava, não bebia e as mulheres (confessava ele na carta) não lhe custavam nada. e isso por causa da impressão moral e também para evitar a libertinagem, que é o pior dos vícios que podem prejudicar a uma colônia nova e lhe deter o desenvolvimento. Ele sacrificava tudo à sua colônia. Vivia menos do que parcamente. Não queria dar azo às competições ociosas, mostrando a essa gente que é possível acomodar-se quando se quer.

Cárdias estava longe daquela sala.

O delegado continuou:

— E dali, ele amava a sua colônia. Desde a chegada e durante muitos anos importou árvores de muitas espécies, plantas de outros países; não tinha trabalho nem despesas. Mandou buscar videiras das melhores e mais caras da Argélia, de Bordéus, da Bélgica, da Grécia e da América do Norte, pois as videiras alemãs não deram o resultado que se esperava. Chegaram as melhores árvores frutíferas da Europa e da América... Foi, além de colonizador, um grande botânico. Ora, quando eu soube que na Colônia Cecília havia um engenheiro agrônomo... como se chama ele?

— Giovanni Rossi.

— Pensei que fámos ter em Palmeira o milagre de Blumenau.

Cárdias namorava o piano. A sala estava debilmente iluminada. Por entre ramos via uma lua pálida. A claridade azul descia sobre o instrumento, diluía-se sobre toda a sala. Era aquela doçura que ele estava sentindo desde que entrara

na cidade. Um jarro abria-se em rosas, em rosas azuis. Quadros espalhados pelas paredes deviam ter sido pintados por artistas daltônicos: grandes damas azuis, aravam campinas azuis, anjos azuis voavam em céus azuis... e aquela doçura infinita penetrava até o mais profundo de seu ser. Tudo azul, tudo azul...

O homenzinho continuava a falar:

— E vocês não estão explorando devidamente as terras. Para pagar os impostos é preciso dinheiro, talvez mais do que vocês possam dispor de um dia para outro... e já há contribuições atrasadas. Tudo isso, vai somando, vai crescendo... Não tenho nada com isso, estou falando nessas coisas em benefício de vocês. Por que não fazem como os russos-alemães, os do "mir"? eles andam sempre em dia com o governo...

Cárdias acabou simpatizando com o delegado. Como ele, afinal, estava longe das suas preocupações! Vivia em outro mundo, falava outra língua, parecia um menino atrapalhado com uma caixinha de música. E o luar continuava a entrar pela janela, a ungir de azul o velho piano. Qual seria a marca do instrumento? E inclinou-se um pouco...

— Sente-se.

O colono olhou em redor e não encontrou outro assento a não ser o tamborete do piano; sentou-se nele. Nesse instante uma jovem entrou com a bandeja do café. No Paraná é assim. Ele sentiu-se humilhado, sem saber por quê. Enquanto era uma "parte" diante do delegado, tudo ia bem. Mas convidavam-no a sentar, a tomar café, uma xícara azul, fina como se fosse feita de ovo de pássaro. Perturbou-se. E quando colheu a xícara na bandeja e sorveu o precioso licor, pai e filha compreenderam que ele, o andrajoso, o barbudo, o faminto, não era o mendigo que parecia. A moça olhou-o com certa curiosidade. Era de um moreno pálido, cor das teclas do piano; os olhos eram grandes, azuis, calmos e sonhadores. Pou-sados sobre ele não mostraram repulsa, mas uma infinita doçura que o aquecia, que o animava... Então ela dirigiu-se ao pai, quase em segredo:

— Pergunte se ele toca...

O velho tirou os óculos, limpou-os na aba do paletó de riscas, e, examinando melhor a Cárdias, acabou por dizer-lhe a rir:

— Minha filha pergunta se o senhor toca piano.

Cárdias não esperou por um convite. O desejo de correr as mãos pelo teclado era tão forte que, se não lhe permitissem, ficaria doente.

Estendeu as mãos escuras, mas finas. Os dedos não haviam perdido a agilidade e o instrumento se mostrou dócil, acessível. Um turbilhão de notas cristalinas jorrou numa alegria, encheu a casa, o jardim, a praça adormecida. Poderia mesmo tocar alguma coisa? Hesitou. Não acreditava na ressurreição de seus pobres dedos. O velho e a filha esperavam alguma coisa. Uma aragem leve agitou as folhas e as sombras deram baile na janela. A inspiração venceu-lhe o receio.

Atirou as mãos abertas como dois lírios sobre o teclado, apalpando-o. Acordes graves e profundos se sucederam num ritmo exaltado, crescendo, subindo, até alcançarem o patético de uma imprecação. Então a noite parou onde estava; a aragem dormiu. A renda de sombras fez-se imóvel no quadro da janela. Ali o prelúdio entrou em declínio; os acordes se espaçaram, as notas entraram de velar-se e dentro de pouco o arquejo de uma alma exausta que procurou escalar o céu e caiu na terra, tonta de azul.

Da sua alma exilada e triste jorrou uma melodia dolorosa, uma queixa, uma imprecação dessas que a gente nunca mais esquece. As notas subiram em cachoeira do piano, precipitaram-se pela janela, encheram o jardim, casaram-se ao cheiro das madressilvas, à azulescência do luar, à melancolia da planície, à serenidade do céu; rolaram no espaço e enternecer as estrelas. O músico esqueceu-se de si, dos que o cercavam, da Colônia, da terra, de tudo.

Quando terminou, ouviram-se palmas. Como? Olhou em redor de si. Havia outras pessoas na sala. Havia vozes no jardim. Havia gente diante do portão da residência... E quando saiu, pai e filha foram acompanhá-lo até o portão. O velho apertou-lhe a mão com prazer, ofereceu-lhe a casa, e pediu que voltasse mais vezes, e a moça, por trás daquele olhar que era uma carícia, convidava-o também, mas em silêncio, para que voltasse, para que viesse fazer-se ouvir novamente...

Em caminho para a Colônia, por trilhos mal desenhados na campina, cortando as sombras dos pinheiros, ele se pôs a pensar, a pensar. Afinal — dizia com seus botões — a outra classe é mais ignorante do que ruim. Essa gente realiza o melhor daquilo que lhe foi ensinado como sendo a moral, a justiça, a honestidade, todas as coisas nobres e elevadas da vida. Tem ela, porventura, culpa de estar errada? E estará mesmo errada?

Parou angustiado. O orvalho caía levemente, suavemente sobre a campina. O silêncio era como perfume; transbordava das taças dos pinheiros.

Sim, estava errada. Aquela família, que o havia recebido, era a parte lírica de um drama que descia às contingências da tragédia; aquela jovem tão linda, tão amável, talvez sofresse, por não ter o direito de amar ao escolhido de seu coração. Teria de casar com o homem que a família e a sociedade lhe indicassem para marido. E para sempre, fosse ele quem fosse. O amor não seria levado em conta, nessa escravatura sentimental. Talvez viesse a morrer um dia sem ter conhecido o amor! E as outras? As grilhetas do preconceito? As incontentadas, as tristes, as desiludidas? E a legião infinita daquelas que atravessaram a vida, solitárias, como perdidos e inúteis tesouros dos mais elevados sentimentos? As incontáveis, que atravessam as noites como aquela, sem uma palavra de carinho, sem um beijo de amor?

Sentiu-se mais forte na sua filosofia. A Colônia Cecília, para ele, era um apostolado. Daria por ela tudo, tudo, como estava dando a mocidade, a glória,

o seu quinhão de felicidade sobre a terra. E os seus passos firmes ressoavam na noite, esmagando as ervas secas, a areia branca do caminho, as gotas de claridade dos vagalumes.

IX

O HOMEM MISTERIOSO

IX

O HOMEM MISTERIOSO

No terreiro que ficava entre a Casa do Amor e o grupo de cabanas, erguia-se uma alta fogueira de ramos secos. O brasileiro era vivo e alegre. As chamas subiam a mais de um metro de altura, prolongando-se em chuva de centelhas, em volutas de fumaça. Apreciando esse maravilhoso espetáculo, os colonos ficaram sentados às portas de suas casas, ou em bancos arrastados para fora. O pavilhão central estava muito animado. Havia gente encarapitada nas grades ou deitada pelo chão.

O regresso de Cárdias despertou interesse. Élada quis saber o que lhe havia acontecido. Mas o filósofo estava triste. Não parecia disposto a responder a todas as perguntas que lhe fazia, uma sobre outras. Sentou-se a uma tripeça que encontrou perto da fogueira e ficou-se a olhar para as brasas. Élada, que não se havia conformado com o seu mutismo, voltou a interrogá-lo:

- Desanimado?
- Um pouco.
- Cansado?
- Não.
- Então por que fica assim?
- Fome...

Puseram-se a rir. Os demais não sabiam do que se tratava e fizeram um berreiro. Cárdias procurou acalmá-los.

— Não se apressem. Dentro em pouco eu lhes prestarei contas da missão que me foi... imposta.

Ouviram-se palmas. Relanceou a vista em torno. Estava de fato, diante de uma assembleia. A população da Colônia, por aquela época, era de trezentas pessoas, aproximadamente. Teve a impressão de que toda essa gente estava ali, ao redor da fogueira, à espera de sua palavra. Élada voltou do casebre trazendo uma caneca de lata, cheia de café, e uma grossa fatia de polenta, tostada no borralho.

- Onde vocês arranjaram isso?

— Presente de Ciccio e De Paola; eles há muito tempo estão trabalhando na construção da estrada de rodagem do governo — um trabalho assassino — e o que ganham entregam à caixa da Colônia.

— Bons companheiros!

Sacudiu a cabeça, alisou os cabelos compridos e, à proporção que tomava café com polenta, se pôs a falar:

— A coisa não foi tão má como se temia, nem tão boa como seria para desejar. Conversei longamente com o delegado. É um homenzinho liberal a seu modo; lamentou que ainda não tivéssemos dado à Colônia o desenvolvimento econômico das colônias existentes por aí afora. Evocou o florescimento de Blumenau, de Joinville, de Dona Francisca. Teve elogios para o “mir” dos teuto-russos. Está certo de que nós nos metemos numa iniciativa comercial como as demais. Aceitou mesmo que estejamos animados de princípios sociais, um tanto diferentes, dos outros. Não se conforma, porém, com a escassa produção agrícola da Colônia.

— Onde vocês arranjaram isso?

— Presente de Ciccio e De Paola; eles há muito tempo estão trabalhando da estrada de rodagem do governo — um trabalho assassino — e o que ganham entregam à caixa da Colônia.

— Bons companheiros!

Sacudiu a cabeça, alisou os cabelos compridos e, à proporção que tomava o café com polenta, se pôs a falar:

— A coisa não foi tão má como se temia, nem tão boa como seria para desejar. Conversei longamente com o delegado. É um homenzinho liberal a seu modo; lamentou que ainda não tivéssemos dado à Colônia o desenvolvimento econômico das colônias existentes por aí afora. Evocou o florescimento de Blumenau, de Joinville, de Dona Francisca. Teve elogios para o “mir” dos teuto-russos. Está certo de que nós nos metemos numa iniciativa comercial como as demais. Aceitou mesmo que estejamos animados de princípios sociais, um tanto diferentes, dos outros. Não se conforma, porém, com a escassa produção agrícola da Colônia.

O Conde Colombo entalou o monóculo:

— Chamou a você unicamente para isso?

O engenheiro Grillo:

— Ele, afinal de contas, não tem nada que ver com os nossos problemas internos.

E o camarada Damiani, professor de latim e grego:

— Seremos então obrigados a apresentar um relatório ao governo sobre o maior ou menor rendimento da Colônia?

O jornalista Lorenzini mostrou-se zangado:

— Para mim a velha Monarquia era bem mais liberal do que a jovem República.

Cárdias engolindo o último gole de café e entregando a caneca a Elada, que

havia ficado de pé diante dele, se resolveu de fato, a falar:

— Camaradas, vocês precipitaram as suas conclusões. Eu ainda não contei tudo. A atitude do delegado, pelo menos do ponto de vista da organização atual, tem a sua razão de ser. Tanto mais que ele não praticou nenhuma violência; chamou apenas ao “chefe da Colônia...”

Do lado da Casa do Amor registrou-se uma algazarra. Espoucaram risadas, silvaram assobios.

Cárdias deixou passar a refrega e continuou.

— ... quis o acaso que o “chefe da Colônia”, como ele disse, fosse eu, não por me haver arrogado ou mesmo aceitado tal posto, que me encheria de ridículo, mas porque fui eu a pessoa a quem o policial entregou o papel a que ele denominou de “intimação”. Nova algazarra para a banda dos casebres. Uma mulher pede a palavra. Outras, porém, procuraram dissuadi-la, pelo menos enquanto Cárdias não tivesse, inteiramente, dado conta da sua excursão à terra inimiga. Restabelecido o silêncio, ele recomeçou o relatório:

— O homem que, por sinal, me pareceu simpático, informou-me de que sobre a Colônia pesa uma dívida de impostos atrasados. Com o advento da República, que não reconhece a concessão de terras, surgiram os impostos. Neste momento já orça por ... 850\$000. E os juros vão crescendo. No fim do ano fiscal, estarão dobrados. E irão por aí até devorarem o patrimônio coletivo. Sinto-me, pois, satisfeito devê-los aqui reunidos e tão interessados no nosso destino. Aproveito essa boa disposição para interrogar aos camaradas sobre o que devemos fazer, a fim de salvar a Colônia das exigências da Coletoria. Aí vai a pergunta: que devemos fazer?

Sucedeu-se o silêncio; a assembleia procurava a solução. Dois segundos depois, Taravis saiu da noite e levantou a mão aberta, avisando que ia falar. Era um homem alto, magro, tisnado, felpudo, de olhos inquietos e vorazes. Estava sem camisa, mostrando um torso esquelético onde se poderiam contar as costelas. A única vestimenta era uma calça de riscado, arregaçada para cima dos joelhos, mostrando pernas ósseas e felpudas. Apoiava-se, como de costume, a um bastão cheio de nós, que mais parecia uma clava. Uns chamavam-no de Troglodita, outros de Iucanãa. Falava em tom profético, com a cabeça inclinada para trás, os olhos cerrados, erguendo frequentemente a mão. Poderia servir de modelo à figura de um apóstolo. Seria, talvez, o apóstolo da Violência. Nos meios, julgavam-no atacado de “argentinismo”. Era a mania de citar, a propósito de tudo, a eficiência dos camaradas argentinos. “Ah! Se fosse em Buenos Aires...”. “Lá sim, é que as coisas fiam fino...”.

A verdade é que Taravis conseguira ser uma figura misteriosa até mesmo na Colônia Cecília, onde não se pediam papéis a ninguém, nem se consultava o passaporte dos novos aderentes. Dizia-se albanês, mas os outros albaneses da Colônia

negavam-se a reconhecê-lo como tal. Quando Taravis fazia questão disso, o que era de pouca importância numa aglomeração de homens que se diziam “sem Deus, sem Pátria e sem Lei”, eles davam de ombros, não queriam gastar palavras com assunto de tão pouca importância. Exprimia-se numa língua estranha, que tanto podia ser catalão como romântico, provençal ou mirandês. Falava de uma existência em Buenos Aires, vida de atorrante, ao relento, dormindo nos bancos das praças públicas, debaixo das pontes ou ainda nas embarcações encalhadas no tijucó das dársenas. Contava a história sombria dos “grupos” organizados para isto ou aquilo, dos assaltos a mão armada, dos golpes de audácia em proveito da causa. A causa para ele era a Causa, com C maiúsculo. Inculcava um passado de grandes lutas. Dava a entender que lá longe, a polícia pusera a prêmio a sua cabeça...

Taravis chegara à Colônia numa noite qualquer; dormira no Pavilhão e, no dia seguinte, sem maiores formalidades, se apresentara aos companheiros. entre ele e Cárdias havia um abismo. Cárdias falava a linguagem do Amor, Taravis, a do ódio. Naquele momento, iluminado pela claridade inquieta das labaredas, parecia um homem fugido das cavernas. Com a palavra, limitou-se a rugir:

— Nem um tostão para a burguesia!

Uns aprovaram, outros discordaram. surgiram discussões. Dentro do Pavilhão, os jovens objetaram:

— A burguesia tem por si a lei!

Taravis correu para a grade baixa do Pavilhão e gritou para dentro:

— Mas nós temos a força!

Alguns se aproximaram dele, perguntando-lhe qual era a força a que aludia.

— A luta de classes!

— Mas eles têm soldados!

— que quer isso dizer? Nós temos a solidariedade obreira do Paraná, do Brasil, da América, do Mundo! Se nos molestarem aqui, o proletariado internacional cruzará os braços.

— Olhava em redor, para ver os que duvidavam.

Foi então que se ouviu aquela palavra fatídica:

— Argentinismo! Argentinismo!

A discussão generalizou-se, azedou. Quando os ânimos serenaram, Cárdias ergueu a voz macia:

— Há uma medida a tomar. Não será rigorosamente revolucionária, mas nós não temos dois caminhos para escolher. A medida que eu proponho é produzir. Iniciar imediatamente uma vasta plantação de milho, vendê-la e pagar os impostos. Entregamos essa operação de caráter financeiro ao camarada Taravis, que é, entre nós, um dos mais devotados. Cada um de nós deve assumir o compromisso de, a começar de amanhã, tomar a enxada e tocar para o campo, a fim de obter

a soma que nos é exigida.

Taravis levantou novamente a mão:

— E, enquanto a terra não produz, como viveremos na Colônia? Proponho que seja criado um grupo de expropriação...

Muitas vozes se ergueram, num protesto. Surgiram discussões, altercações. Cinco minutos depois, um rapazola trepou na grade do Pavilhão e declarou:

— Já conversei com 19 companheiros, todos da minha idade, mais ou menos. Sacrifício por sacrifício. Enquanto vocês vão para a roça e plantam e colhem, nós iremos para o serviço da estrada de rodagem do governo, ganhar nosso salário, para com ele fazer face às despesas mais urgentes da coletividade. Serve?

Cárdias ficou comovido com aquelas palavras. Levantou-se da tripeça e abriu os braços, num ímpeto de abraçar a todos aqueles jovens, mas não pôde dizer nada porque a emoção lhe havia dado um nó na garganta.

Sua sombra, porém, ergueu-se sobre o terreiro, estendeu imensos braços inquietos e, desse modo, abraçou a quantos ali se encontravam.

Aproveitaram aquela reunião para assentar os pormenores da obra que ficou com o nome de “campanha pela salvação da Colônia”. Surgiram numerosas dificuldades. Cárdias, agrônomo, achou que a época era propícia para a plantação de milho. Mas faltava a semente. E, por outro lado, escasseava ferramentas. Discutiu-se muito. A reunião chegaria até o alvorecer se a solução de tais dificuldades não tivesse apresentado de um modo singelo. O conde e a condessa, que se mantinham afastados do grupo, vieram em seu socorro:

— Nós ainda dispomos de uma jóia de família que poderá ser empenhada para a compra de semente e enxadas. Depois da colheita, a Colônia poderá resgatar essa jóia, que representa muito, muito, para minha mulher.

Cárdias recusou:

— Não aprovo essa solução. Ou a Colônia tem elementos para viver por si mesma, ou deve ser dissolvida.

Nova discussão. Meia hora depois, Taravis, que não era tão ortodoxo como parecia, achou preferível ceder um pouco a perder tudo. Os demais se calaram diante de tais palavras. A condessa desacolchetou a gola do vestido e tirou do pescoço pesada corrente e medalhão de ouro. Com os polegares, destacou o oval de porcelana, onde se via o retrato de uma menina, e entregou o ouro a Taravis.

A Colombo estava comovidíssima. Abria a mão daquela lembrança por um desejo superior de ser útil à coletividade. Elada aproximou-se e, tomando-lhe as mãos, perguntou-lhe:

— Que foi?

Ela mal pode responder:

— La bambina!

O conde amparou-a e, num passo vagaroso, dizendo-lhe palavras ternas, consoladoras, conduziu-a ao rancho.

Taravis ficou de pé, onde estava. Sopesou os objetos de ouro, mostrando-os aos companheiros.

— Avalio em seiscentos mil réis; no penhor, dará folgadamente duzentos. É de quanto precisamos.

É seus olhos oblíquos, muito vivos, se enternecer na contemplação daquele punhado de ouro, ainda mais belo à claridade da fogueira.

No dia seguinte, foi à cidade e de lá voltou na boleia de um carretão carregado. Trazia vinte sacos de milho para o plantio e uma dúzia de enxadas de boa marca, com cabos de caviúna.

Dois dias depois, ao primeiro arrepio da manhã observou-se animadora atividade na Colônia. Homens e mulheres faziam grazinada no rancho, atirando água uns nos outros. No terreiro, foi servido um farto café, com gordas fatias de polenta, da véspera, tostadas no borralho. Terminada a colação, os homens maduros da Colônia tomaram a ferramenta e se encaminharam para a roça, ainda orvalhada, com uma evaporação alvadia que o vento ia diluindo. Até mesmo Piero — o abúlico — botou às costas um saco de espigas e acompanhou os demais. ao mesmo tempo, os 19 moços tomaram o caminho oposto, que ia dar no estradão, e se afastaram alegres, ao som de um velho hino:

“... e pártano cantando
colla speranza in cor...”

Uma voz, de dentro do mato, responde com o estribilho:

“Eppur la nostra idea
Non é che idea d'amor!”

Quem estaria ali no capão? Um deles lembrou-se . Devia ser Gioia.

E todos gritavam com alegria:

— Gioia! Gioia!

X O TRABALHO

X

O TRABALHO

Todas as manhãs era aquela animação. algumas mulheres ficavam na Colônia, entregues aos trabalhos caseiros. Uma forneava a broa, outra areava os caldeirões de ferro à beira do riacho. Os alimentos eram preparados em duas dessas vasilhas, penduradas numa vara, sobre forquilhas. Embaixo, ardia um fogo bravo, de nós de pinho, juntados pelo campo. A mesa grande da Casa do Amor tinha sido arrastada para o terreiro; era ali que as mulheres atiravam a polenta, talhando-a em fatias com um barbante. A pitança que a acompanhava, como de praxe, era servida numa frigideira de cobre, de meio metro de diâmetro. O pão, cozido pela manhã, era leve, alvadio e tinha casca pururuca.

À hora do almoço, os trabalhadores iam chegando. Guardavam as enxadas na Casa do Amor e iam para o rancho, a fim de se lavarem. Cárdias tinha a paixão do sol. Saindo da água, deitava-se sobre a relva, quase nu, e ali ficava até o fim do almoço. Só depois que todos haviam feito o prato e se retirado para casa, o pavilhão ou alguma macega fresca e cheirosa, é que ele ia servir-se. Não comia carne nem bebia álcool. contentava-se com muito pouco: um naco de pão, um pouco de polenta e um pé de alface. Nada mais. No entanto, era forte, talvez o mais sadio da Colônia. Afirmava nunca ter ficado doente.

À tarde, a cena se repetia com algumas variantes. Voltavam cedo, ainda com o sol e, depois da refeição, cada um deles se entregava à ocupação favorita. O Conde Colombo, o Professor Grillo e outros, que eram médicos, perdiam-se em largas conversas sobre o clima, os hábitos da população brasileira e alemã do Volga, as endemias da região. Não raro, um deles se metia pelos campos e quando regressava à Colônia era com a patrona atulhada de plantas, flores e frutos silvestres. O resto da semana era empregado no estudo das suas propriedades terapêuticas. O conde criava preás, à falta de cobaias, para as suas experiências. O Professor Parodi, de Gênova, um grande nome, interessara-se pelo caso Gioia. Regressando à Colônia o antigo guarda-livros teve de suportar a curiosidade do velho cientista.

Como foi contado, Gioia, num acesso de neurastenia, ou como queriam alguns, num gesto revolucionário de volta à natureza, tinha passado muito tempo ao relento, quase nu, comendo ervas e frutas encontradas ao acaso da

invejável vagabundagem. E êle, que era um cinquentão balofo, arruinado pela vida sedentária de trinta anos de escritório, tinha voltado do mato com aspecto bem diferente: magro, enxuto, tisnado, um brilho novo nos olhos, na pele e nos cabelos. Uma autêntica obra de rejuvenescimento. O Professor Parodi gastava horas inteiras diante dele, a mendigar-lhe respostas.

— Mas você comia tudo o que encontrava?
— Não. Primeiro provava, para saber o gosto.
— Claro. E essas ervas e frutas, algumas vezes, não lhe faziam mal?
— Os juás me davam dor de barriga...
— Mas de que é que você gostava mais?
— Dos mamões que os caboclos me permitiam colhêr; ou do pão com salame que os trabalhadores da conserva me ofereciam, para me verem de perto.

Não era isso o que o professor queria saber; ele esperava que Gioia, no seu desvairo, tivesse encontrado uma planta que, devidamente mastigada, restituísse a força e a vaidade dos verdes anos. Mas Gioia não era o caso que ele sonhava.

O Professor Damiani, da Universidade de Bruxelas, lia o seu Horácio, deitado de bruços, à sombra de um pinheiro.

Taravis entregava-se à escrita da Colônia. Para matar o tempo, organizara também o arquivo. Em grossos cadernos, ia colando as referências dos jornais. Umas eram favoráveis, outras contrárias. Em certa caixa, devidamente etiquetados, reunia os balanços mensais, a correspondência trocada com diversas personalidades, os documentos relativos à doação das terras. Trazia tudo fechado debaixo de chaves e olhava com desconfiança os que, movidos por qualquer interesse, ou simples curiosidade, manifestaram o desejo de consultar tais papéis.

Cárdias dedicava-se a outro passatempo. Transportara os bancos do pavilhão para um bosque próximo e, ali, reunia as crianças da Colônia. Não raro, filhos de caboclos da vizinhança também apareciam, movidos pela curiosidade, ou para brincarem com os meninos da sua idade. Ficavam sentados, muito quietinhos, com os olhos vivos e inteligentes na conversa de Cárdias, que dava as aulas em “brasileiro.” Entrava-se em setembro.

Por esse tempo, as tardes eram muito bonitas. O sol morria na distância, atirando ao infinito a sombra dos pinheiros. O gado mugia na planície. Os passarinhos procuravam as árvores umbrosas, para se aninharem e pela relva fresca zinia a música finíssima dos grilos. O ar cheirava a flôres de ingá e a resinas.

Cárdias colhia uma flor e mostrando-a aos discípulos se punha a decompô-la nas suas partes essenciais:

— Vocês estão vendo isto? Dentro de cada flor há uma verdadeira oficina. Elas servem para fabricar, para reproduzir as plantas de que nasceram. O trabalho da flor de laranjeira, por exemplo, é reproduzir a laranjeira de que nasceu. A flor, geralmente, compõe-se de duas partes, uma externa, representada pelo

cálice e pela corola, que vocês aqui estão vendo, e outra interna, aqui dentro do mesmo cálice, da mesma corola... O cálice é constituído por estas folhinhas verdes que se chamam sépalas e a corola, a parte mais bonita da flor, por estas folhas róseas, azuis, ou amarelas, a que chamamos pétalas... O cálice e a corola servem, quase sempre, para defender os estames e o ovário. O estame é este fiozinho que se ergue no centro da corola. Na ponta, ele tem uma cabecinha pequenina, como vocês podem ver, chamada antera, contendo um pó quase sempre dourado, chamado pólen. O ovário, por assim dizer, é o centro do cálice e da corola. Quando chega o tempo da reprodução, o pólen cai no ovário e aí, encontrando os óvulos, unem-se formando um grânulo maior, que é a semente... Por essa altura a lição já se havia tornado tão interessante que a “gente grande” da Colônia vinha juntar-se às crianças. E Cárdias, que acima de tudo era apóstolo, ia pouco a pouco se esquecendo das crianças para falar aos adultos. Dentro em breve, estava voltado para os amigos e dizia-lhes:

— Então as plantas fanerogâmicas — aquelas cujos sexos não são distingúíveis a promiscuidade é a lei e a monogamia a exceção. O casto lírio fecha na nívea corola cinco estames ao redor de um só pistilo, e a própria rainha das flores recebe ao redor do único genulário um regimento de masculinos que representa muitas vezes o múltiplo de cinco. Mas se desejais considerar os estames de uma flor como os diversos órgãos sexuais de um único masculino, pensai nas numerosas espécies de plantas que dão flores masculinas em alguns indivíduos e femininas em outros. Pensai nas coníferas dos Alpes, nas palmas dos trópicos. São nuvens de polens provenientes de milhares de masculinos que o vento transporta, rodiando, para longe, a fim de depositar nas flores femininas que os esperam. Os grânulos de pólen da mesma antera quem sabe sobre quantos pistilos descem? Quem sabe dizer por quantas anteras um gineceu é fecundado? Quando diversas variedades de plantas pertencentes a uma mesma espécie são semeadas próximas, observam-se numerosos abastardamentos. Suas flores negam a fábula da monogamia e da fidelidade conjugal. Mesmo entre os animais, a monogamia é uma exceção, quase toda ela resumida à ordem dos pássaros, onde a incubação e os cuidados com os filhotes a tornam necessária. Na história primitiva da humanidade, encontramos o matriarcado. Muito mais tarde, e sob a influência de razões econômicas e políticas, vem o patriarcado poligâmico e, por último, o patriarcado monogâmico. Mas algumas escolas filosóficas, seitas religiosas e rebeliões individuais têm afirmado em todos os tempos, até nós, o amor livre como um protesto da natureza e da razão...

Pouco a pouco, a Colônia inteira vinha para o bosque ouvir-lhe as lições.

As crianças, sentadinhas nos bancos, deixavam de compreender-lhe a linguagem, tão singela no começo. E a noite ia caindo sobre a planície, sobre os pinheirais, sobre o sertão.

De longe vinha um saudoso bimbalhar de sinos.
E um mugir de reses. E o canto dos moços que trabalhavam na rodovia do governo e que, ao anoitecer, regressavam à Colônia.

Na margem oposta do riacho, estendia-se uma planície rasa que ia terminar em pinheirais escuros; pela manhã eram levemente azuis e à tarde pareciam empoados de purpurina. Até lá se estendiam as terras da Colônia. Apenas uma parte estava cercada de mourões com um fio de arame; o restante permanecia em aberto e não raro servia de pasto aos animais da vizinhança.

Foi nessa planície que se fez a plantação de milho. Dava gosto de observar a atividade daquela gente. O próprio Piero tinha deixado de ser preguiçoso. Gioia, que era o lirismo em carne e osso, acabara por afeiçoar-se ao cabo de enxada e, como era um repositório de anedotas, di quelle più carine, não perdia a oportunidade de divertir os companheiros. Cárdias tinha por él particular estima e designava-o como “o homem que encontrou a si mesmo.”

Enfim, todos trabalhavam, dando para a obra o mais que podiam. Tal fenômeno tinha sido previsto pelos autores das mais risonhas utopias, entretanto não havia sido provado. O homem é profundamente solidário. O passado mostra-nos, nas calamidades públicas, populações inteiras, com riscos da própria vida, sacrificando-se pelo bem comum. Nas próprias sociedades burguesas, há profissões que, apesar de tudo, parecem animadas desse sentimento. O mineiro que passa a vida no fundo dos poços, entre a ameaça do grisu e de um desabamento, não foge à sua profissão. O mesmo se dá com os lixeiros, que removem os resíduos das cidades e que vivem num ambiente mortífero. Os salários em tais profissões não correspondem, nem de longe, aos perigos a que se expõem. Se eles, de fato, quisessem mudar de vida, fá-lo-iam facilmente, pois qualquer outra modesta profissão lhes asseguraria o escasso salário. No entanto, não a abandonam. A roda deles a morte faz ciranda. E eles, firmes. Esses pobres homens não sabem que estão realizando obra superior, de solidariedade humana. Nas sociedades livres, então, esse sentimento assume grandiosas proporções. Um simples apelo em prol da coletividade faz levantar todos os homens como se se tratasse de um só. Foi o que se deu na Colônia Cecília.

A planície fronteira aos ranchos, arrepiada de ervas daninhas, foi pouco a pouco revolvida por cerca de quarenta enxadas que se revezavam por turnos. A mancha negra do amanho alargava-se incessantemente. A segunda turma ia batendo os torrões com o olho da ferramenta, amontoando a erva seca, aplaniando o campo. A terceira abria os sulcos retilíneos, substituía penosamente a falta dos arados puxados por parelhas de bovinos, como se via nas empresas

ricas. Todas as manhãs, os colonos, entre o banho no riacho e a caneca de café com o naco de broa, ficavam-se a olhar para aquela mancha negra sobre a qual bailavam evaporações alvacentas. Não eram homens comuns. No fundo de cada um deles havia um poeta ou um apóstolo. Muitos sonhavam em voz alta.

— Com o excedente da colheita, construiremos um teatro, um teatro diferente, para os nossos filhos.

— Mais do que um teatro, um instituto em que tôdas as artes sejam amorosamente cultivadas. Naquelas evaporações eu vejo bailarinas dançando.

— E uma biblioteca. É uma piscina.

— E um campo de esportes.

— E um pomar.

— E um jardim.

Cárdias achou que para uma primavera que se preza, aquela macega bravia se apresentava monótona e incolor. Prometeu mandar vir sementes de flores e plantas coloridas. Um dia a planície deixaria de ser parda; cobrir-se-ia de extensas manchas róseas, azuis, amarelas, brancas, como imensa palheta de pintor. Era tão fácil realizar isso...

Taravis sorria mostrando os dentes pontudos.

— Vocês estão sonhando. Tudo isso custa caro. É preciso muito dinheiro
A palavra dinheiro enchia-lhe a boca, iluminava-lhe os olhos esbraseados.

A plantação foi rápida e terminou numa festa, uma pobre festa que os reuniu a todos ao calor da mesma fogueira. Assaram batatas no borralho e tomaram mate à moda do sul. Foram médicos da Colônia que tiveram a ideia de adotar o mate. A princípio a bebida não agradou muito. Somente Taravis, que viera da Argentina, e alguns outros se entregaram aos prazeres do chimarrão. Depois, como o mate, em pequenos jacás de taquara, ficasse mais barato que o café, o uso se foi generalizando. Gioia, enamorado da vida simples, fez-se logo apóstolo da bomba e da cuia. Levava para o serviço os petrechos e, enquanto trabalhava, a chaleira fervia na itacuruba. De hora em hora, largava a enxada, batia as mãos para tirar a terra, e, deliciado, se punha a chupar o chimarrão. De longe, o Professor Parodi, espiava-o com o rabinho do olho.

Cárdias vivia deslumbrado por tudo que o cercava. Sua simpatia pelo caboclo era notória. Estes procuravam-no frequentemente para consultar sobre a maneira de combater determinadas pragas. O agrônomo e o matuto, parecidos no jeito, na vestimenta sumária e no chapéu barato, ficavam de cócoras no caminho e, pitando, conversavam horas esquecidas.

Daí o carinho com que seu nome era pronunciado nos ranchos de algumas regiões do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



XI

A COLHEITA

XI

A COLHEITA

Durante meses a colônia assistiu, esperançosa, à transformação daquela terra negra em milharal. As sementes nasceram de um dia para outro. Era como se tivesse chovido azinhavre. Depois, as tenras plantinhas foram se desenvolvendo, deitando folhas compridas, tornando-se pé de milho. E cresceram. A princípio, davam pelo joelho dos colonos; depois lhes alcançaram a cintura. Por último, só se viam os chapéus dos homens e os lenços das mulheres que transitavam pelos carreiros. Com o tempo deitaram pendão, intumesceram, formaram as espigas, as quais, por sua vez, granularam e entraram de secar.

Iniciou-se a colheita. As espigas, durante uma semana inteira, foram transportadas para a Casa do Amor, transformada em tulha. Cárdias tomava providências contra os ratos e os gorgulhos. Por outro lado, Taravis andava numa dobradura entre a Colônia e o comércio de Palmeira. Levava amostras, procurava os negociantes, discutia preços por carro de espigas, fazia as contas das despesas, dos lucros. Certa manhã, a Colônia recebeu a visita do coletor estadual, com uma intimação, dessa vez de caráter fiscal, marcando data para o pagamento dos impostos. Era um sujeito amável. Vendo o milho amontoado no pavilhão, fez cálculos rápidos e ficou contente, pois a Colônia estava em condições de quitar-se com o governo. Desbarretou-se e lá se foi.

As coisas estavam nesse pé quando Éleda, que nos últimos tempos se mostrava arredia, deixou-se ficar em casa. No dia seguinte a mesma coisa. Alta noite, Cárdias foi bater à porta do Conde Colombo.

— Que há?

— Éleda sente-se mal.

O conde e a condessa correram para lá. De manhã, quando os colonos se levantaram para o trabalho, ouviram choro de criança nova na casa de Cárdias. Entreolharam-se. Ninguém lhes tinha falado nisso... Durante a noite Éleda dera à luz uma linda menina, a quem Cárdias atribuiria o nome de Hebe, deusa da mocidade, do amor e da alegria...

Cárdias não se importou mais com a Colônia, o milho, as mil preocupações da véspera. Sentou-se à beira da cama e ali ficou, em adoração. De quando em quando acordava a filha para a ver chorar... Depois do almoço, houve uma

romaria de mulheres ao seu rancho. A Cappellaro, a Gattai, a De Paola foram visitar mãe e filha. Quem tinha um palmo de lã e uma fruta madura fazia o seu presente. Cárdias não cabia em si. Falava só, conversava com as árvores, sorria compreensivamente para as flores, os pássaros, as nuvens.

Taravis, entretanto, se afobava na entrega do milho. Apareceu no terreiro o carreteiro do comprador, sendo recebido com entusiasmo por toda a Colônia. Daí a pouco regressou carregado de espigas. Fez mais uma, duas, três, quatro viagens, até que o pavilhão se esvaziou. Na última viagem embarcou Taravis, levando consigo um saco cheio de objetos angulosos.

— Você vai levar os livros?

— Claro. É para fazer as contas.

Isso se deu à boca da noite. O carreteiro partiu, perdendo-se entre as duas árvores da estrada. As crianças varreram a palha caída no terreiro, ajuntaram-na a um canto e puseram fogo. As chamas se elevara, iluminando o pavilhão vazio e os ranchos debilmente alumeados pelos candeeiros de querosene. Como o dia era de festa, alguns colonos se reuniram à luz daquela fogueira; trouxeram bandolim, sanfona, até mesmo uma gaita de fole, que ainda não se tinha visto, e o baile começou. Todas as conversas começaram assim:

— Amanhã, quando Taravis voltar...

Taravis, porém, não voltou no dia seguinte. Estava, naturalmente, ocupado com os negócios da Colônia. Os compradores, poderiam, talvez, ter preferido o milho debuinado e ele teve de recorrer às máquinas das colônias ricas. No dia seguinte, também não apareceu. Que teria acontecido? Dificuldades surgidas à última hora. A burguesia é assim mesmo. Vão ver que alguém está embaralhando a venda do milho para prejudicar a Colônia Cecília. Mas a porta do rancho de Taravis estava aberta. Seria isso possível? Todos sabiam que ele era o único a trancar a porta; andava com a chave no bolso. Quem sabe se já voltara, tarde da noite, e adoecera? Um homem decidido entrou no rancho. Estava tudo revolvido, como depois de mudança. Nenhuma peça de roupa. Na tarimba, só se viam as esteiras esfarrapadas. Nem ao menos o cobertor vermelho, de barras pretas, que, nas manhãs de frio, o tesoureiro atirava pelas costas, como se fosse um manto. E o arquivo? Tinham desaparecido os livros grossos dos assentamentos, os amarrados de cartas, os cadernos de recortes de jornais. O homem curioso chamou os outros. Só então a suspeita surgiu entre os colonos.

— Teria fugido com o dinheiro da colheita? Pode ser.

Foram contar a Cárdias. Ele estava a mil léguas de tal ideia. Não acreditou, nem permitiu que se pensasse mal do camarada. Mas no dia seguinte, o coletor voltou. Diante da hesitação das pessoas com quem falava, a sua amabilidade da semana anterior desaparecera. Tornou-se seco, desconfiado. E saiu com esta ameaça:

— Se vocês até amanhã não pagarem os impostos devidos à Fazenda, entrego a cobrança ao Judiciário.

Então, desde aquele momento, a espera tornou-se ansiosa. Durante o dia inteiro, na boca do caminho, interrogando a estrada que ondulava pela planície, ficaram alguns colonos. Seria possível que o companheiro não voltasse? À noite os moços, fatigados pelo trabalho na rodovia, resolveram dar um passeio a Palmeira, para ver se, por acaso, encontravam o desaparecido. Mas foi inútil. Regressaram alta madrugada e como na casa de Cárdias ainda houvesse claridade, bateram levemente à janela. Ele apareceu, com um livro na mão, marcando com o indicador a página em que havia interrompido a leitura.

— Boa-noite rapazes.

— Boa-noite, Cárdias.

— Que há de novo?

— Nem sinal do homem. Deve ter fugido com o arquivo e o dinheiro da colheita.

— Parece. Vamos ver até amanhã.

Uma voz aventurou:

— E se apresentássemos queixa à polícia?

Cárdias sobressaltou-se.

— Nunca. Nem que ele tivesse, de fato, furtado dinheiro da Colônia. Nem que ele se encontrasse estabelecido em Palmeira, a desafiar-nos.

— Nesse caso?

— Tudo perdido. Os homens ainda não estão na altura de lutar pela própria liberdade. A culpa não é deles, é da organização que os criou e educou.

Os rapazes se retiraram.

Fratello, o cachorro da Colônia, acuava alguma coisa ao longe; devia ser um gambá.

Cárdias ali ficou, debruçado na janela, a pitar e a refletir sobre os acontecimentos. Assim viu clarear o dia. O primeiro homem que apareceu no terreiro, perguntou-lhe:

— Hoje não se trabalha?

Ele sorriu tristemente.

Sim, para quê? A humanidade, em boa parte, ainda está satisfeita com a vida que leva. Criaram-na para escrava; a liberdade amedronta-a. Por isso é a primeira a tomar o partido do forte contra o fraco, do verdugo contra a vítima. É a culpa de quem é? De nós mesmos que, há milênios, abdicamos de tudo, aceitamos o que nos fazem e o que nos dão. Maravilhoso seria que a humanidade não fosse assim, que os Taravis não procedessem assim. São os Taravis que mantêm a organização de fome e de opressão em que vivem todos os Taravis.

O homem recolheu-se de novo ao seu rancho. Alguns dias depois, vieram uns

meirinhos; entraram sem pedir licença e, isentos de formalidades, puseram-se a arrolar as propriedades da Colônia, terras, ranchos, ferramentas. As reuniões se multiplicavam na Casa de Amor. Não se chegava a acordo. O essencial era pagar os impostos e não havia dinheiro para isso. Muitos partiram. Penduravam a trouxinha na vara e descalços, magoando os pés nos torrões da estrada lá se iam... Os rapazes que trabalhavam na rodovia do governo foram morar com os demais operários da estrada, em Palmeira. O conde e a condessa mudaram-se para Curitiba, onde ele abriu consultório. Os professores de grego e latim seguiram o exemplo, arranjaram meios de ganhar a vida com suas lições. Na Colônia só ficaram Cárdias, Éleda e mais alguns colonos, que não tinham para onde ir. Sobre eles, palpitava ainda, no alto da única palmeira, um farrapo negro e vermelho; era o que restava da Colônia.

Se o filósofo italiano alimentasse alguma ambição poderia ter ficado rico, sem desviar-se da burguesa honestidade. A verdade é que, segundo informam os contemporâneos, aquelas terras tinham sido concedidas a ele, pessoalmente, para nelas estabelecer uma colônia, de acordo com as suas convicções. Isto é, em linguagem corrente, as terras eram suas. Qualquer negociante de Palmeira lhe adiantaria, em seu nome, o dinheiro necessário para pagar os impostos e desenvolver a fazenda, sim a sua fazenda, que a Cecília, poderia ser transformada numa imensa e rica fazenda.... Mas ele não quis.



XII
O DRAMA

XII O DRAMA

Durante o ano que se seguiu se completou o desmantelamento da Colônia. Algumas famílias, impossibilitadas de se retirarem para outras regiões do Paraná, ali foram ficando. Pouco a pouco, adaptaram-se às novas condições. Construíram ranchos separados, cercaram os terrenos de que necessitavam para plantações de milho, horta e galinheiro. Ninguém se opôs a isso, pois a preocupação do governo, nos anos que se seguiram à Lei Áurea, foi aumentar a corrente imigratória e fixar no país os camponeses europeus. Com o tempo, aquelas famílias deveriam alargar as cercas, apossando-se, legalmente, de extensas datas de terra.

Cárdias não tomou nenhuma providência para conservação da propriedade. Nunca demonstrou resquícios de ambição. Nunca aspirou a ser fazendeiro. O que ele havia desejado — sacrificando anos de trabalho, expondo-se à crítica de muita gente — era a realização da sua utopia. Essa havia malogrado lamentavelmente. Foi para ele um período amargo.

Dispunha de profundas amizades na Itália. Enrico Ferri sentia por ele viva admiração; Leônidas Bissolati, que chegaria a ser ministro, era-lhe mais do que um companheiro, um irmão. Poderia, pois, ter voltado à Itália, com a companheira e a filha. Por outro lado, em toda a América do Sul a sua experiência tinha despertado o interesse dos governos, partidos, associações, jornais e personalidades de relevo. Conta-se que Batlle y Ordoñez, ex-presidente do Uruguai, quando exilado, fez uma demorada visita à Colônia Cecília, tendo ali, nos dias áureos, tomado o chimarrão de Gioia. Mas as crônicas não falam dessa visita. Embora. Bastaria ele manifestar o mais leve desejo e o governo do Estado, ou mesmo o governo federal, te-lo-iam chamado para o seu serviço, pois o Dr. Giovanni Rossi já havia firmado entre nós a reputação de notável agrônomo. Preferiu ficar ali, no seu rancho, diante da Casa do Amor, transformada em Casa dos Morcegos. Aquele quadro triste era um pedaço de sua mocidade. Nenhum recanto do mundo lhe ofereceria tão profundas recordações.

Pôs a sua ciência ao serviço dos agricultores da região. Chamavam-no de Palmeira, de Santa Bárbara, até de Curitiba. Os teuto-russos quiseram atraí-lo para a sua coletividade. Cárdias recusou o convite. Sua vida, com a mulher e a filha, roçava pela miséria. Tiravam da terra, cultivando-a, quase tudo o que

necessitavam. O resto era obtido com o pouco que Éleda vendia às pessoas da vizinhança. O agrônomo não cobrava nada pelos seus serviços. E os caboclos tinham-no sempre à sua disposição, fosse de dia ou de noite. Sua presença não alarmava ninguém. Era natural como a luz, como a água. Vestia-se como toda a gente da roça: calças de riscado, camisa de chita, chapéu velho, muito surrado, que já havia perdido a forma. Não raro, fazia grandes caminhadas descalço, principalmente porque esse era o seu gosto de enamorado da natureza. Éleda, por sua vez, tinha se dado bem com os vestidos daquela chita florada que os mascates, de quando em quando, iam vender por sítios e sitiucas. A menina era um encanto. Começava a andar. Papagueava as primeiras palavras. E todos se sentiam felizes naquela pobreza de franciscanos da Porciúncula. Foi ali que ele escreveu o seu livrinho.

Assim mesmo foram intimados a abandonar as terras. Aconteceu, porém, que Éleda deu à luz a segunda filha. Chamaram-na Janina. Dirigindo-se às autoridades, foi-lhe concedido o prazo necessário para o restabelecimento da esposa e a obtenção de meios com que fizessem a sua mudança. Cárdias escreveu diversas cartas, pedindo colocação. Começou a esperar.

Um dia chegou do Rio Grande do Sul proposta tentadora: ofereciam-lhe lugar de professor da Escola Superior de Agricultura, de Taquari. Aceitou. Quando ele e a mulher deliberaram partir, as filhas ficaram doentes. Foi um golpe terrível. Não compreendia isso. Como é que crianças podem ficar doentes? E como o mal se agravasse, chamou com urgência o Conde Colombo. Este chegou uma noite de Curitiba e, depois de examinar as duas meninas, abraçou tristemente o amigo... Crupe.

Impossível descrever a dor daquele homem que era todo coração. Na hora pálida do alvorecer, as duas coitadinhas fecharam os olhos e morreram. A angústia foi para ele tão funda que — diversas pessoas dão testemunho — desvairou-se. E, nesse desvario, permaneceu por algum tempo. Em Palmeira corre ainda uma versão, registrada por Alexandre Cerchiai, segundo a qual Cárdias obteve da bondade do Dr. Colombo embalsamassee as filhinhas mortas. Feito isso, recolheu-as a duas urnas de madeira, que mais pareciam caixas de violino, e colocou-as no seu quarto, como os religiosos fazem com os santos. Diante daquelas duas flores humanas, emurchedidas pela morte, ele ficava horas inteiras, em adoração.

Logo depois foi publicada a sua nomeação para professor. Com a notícia, chegou-lhe a importância necessária para a viagem. Não demorou em partir. As terras da antiga Colônia eram ansiosamente esperadas pelos pretendentes. Ademais, aquilo já não o prendia. Tinha sofrido ali de todo jeito. Sua alma se partira como um cristal finíssimo, sombra daquelas duas árvores, à beira daquele riacho de águas mansas, com um ingazeiro coberto de flores alvas e perfumadas...

No ano seguinte, vamos encontrá-lo em Taquari. Morava numa casinha baixa, no caminho da Escola. Já não era, porém, o rancho da Colônia. Tinha sala de visitas, janela com vidraças, jardinzinho bem tratado. A sala ostentava mobília austriáca, estantes carregadas de livros, flôres sobre os consolos. No canto da sala, coberto por uma toalha de crivo, com um bocal cheio de rosas, o grande piano alemão.

Cárdias, com a viagem, o trabalho na Escola, os cursos, se havia reposto, em parte, da crise moral. Mas já não era o mesmo. Vivia calado, pensativo, por vezes abstrato. Embalde a mulher o tratava como a uma criança doente, inventando cuidados e atenções. De pouco valia a solicitude. Sua tristeza era profunda, contagiente, irremediável. Assim que chegaram a Taquari, o agrônomo e a mulher conquistaram a simpatia daquela hospitaleira gente. No entanto, a vida de ambos era retraída. Por mais que lhes fizessem convites, que instassem para visitas e passeios, os dois passavam a vida sozinhos, em casa. As pessoas que trattavam com ambos sabiam perfeitamente que aquilo não era por mal-entendida vaidade do professor; afirmou-se, ao contrário, que o seu retraimento só poderia ser levado em conta de excessiva modéstia. E a curiosidade dos vizinhos ainda ficou mais aguçada ao constatar que, todas as noites, havia música naquela casa pobre, perdida no velho caminho da Escola. Que seria?

Certa madrugada, duas vizinhas que voltavam do baile, viram a janela iluminada, ouviram um planger de piano que mais parecia de órgão. A curiosidade é má conselheira. Aproximaram-se da janela e, através da vidraça, espiaram para dentro. O professor estava sentado ao piano, como num êxtase. Diante dele, sobre o instrumento, havia duas caixas de violino com duas bonecas louras, pálidas, tão pálidas que causaram arrepios às duas curiosas. Não, aquilo não eram bonecas, eram crianças mortas...

E Cárdias continuou, diante dos sarcófagos das filhas, improvisando ao plano composições que eram queixas, profundas como soluços, dolentes como rezas. E assim, élle na terra, as filhas no céu, conversavam acerca do mistério azul, faiscante de estrelas, daquela noite sobre os pampas.

Epílogo

Neste ponto a nossa personagem se desdobra: Cárdias, o filósofo, o sonhador, o poeta, o pioneiro da Colônia Cecília, morre. Em seu lugar fica o Dr. Giovanni Rossi, agrônomo, escritor, pai de família, uma das personalidades estrangeiras mais interessantes do Brasil dos fins do século XIX. Falemos, pois do Dr. Giovanni Rossi.

Dali por diante, mercê da solicitude da suave Éleda, a sua tormenta foi amainando, amainando. Do passado só lhe ficou uma saudade que andava esparsa por tudo. Ele a encontrava nos livros, nas expressões caseiras, nos objetos de uso. A propósito de qualquer coisa, no meio da mais franca alegria, ele se calava, entristecia, os olhos se lhe marejavam de lágrimas. Fôra tocado pela irmã invisível, a saudade. Uma vez, ao abrir a gaveta da velha cômoda, quedou-se imóvel para logo sufocar-se de soluços que ninguém ouviu, nem mesmo Éleda. É que ele tinha sentido um perfume velho; naquela gaveta estava guardado o resto da alfazema que a parteira da roça tinha queimado num pires, na noite do nascimento de Janina.

E os anos foram passando. Em 1895, Éleda lhe deu uma menina; em 1897, outra. E o pai, tendo fundido todos os amores em dois amores, rejuvenesceu, alegrou-se, encarou de frente a vida. E venceu. Em 1900, por ocasião do cinquentenário de Blumenau, escreveu uma página literária, que é um grito de entusiasmo por aquele pedaço de nossa terra.

Foi dos primeiros propagandistas da silvicultura, afirmando que, onde se abatesse uma árvore, deveria ser plantada uma dúzia. Pugnou pela plantação da amoreira e criação do bicho da sêda. Escreveu contra a devastação das matas e condenou as queimadas. Em 1905, foi nomeado diretor da Estação Agrícola de Santa Catarina, em Rio dos Cedros, município de Blumenau, e aí fez os primeiros estudos sobre a praga que empobrecia os plantadores de fumo. Ainda mais, dirigiu-se ao seu amigo Bissolati, então no apogeu político, e por seu intermédio obteve que o governo italiano iniciasse a importação do tabaco do sul do Brasil. Infelizmente, naquele tempo, a nossa produção ainda não era de molde a satisfazer ao mercado europeu; a iniciativa não foi adiante, mas a Régia

italiana forneceu todas as indicações que facilitassem, de futuro, tal comércio.

Nos últimos meses desse ano deixou a direção da Estação Agrícola de Rio dos Cedros e regressou à terra natal, onde havia recebido a incumbência de fundar e dirigir o “Vivaio Cooperativo della Liguria”.

Noticiando a sua partida, a “Revista Agrícola” abre o número de janeiro de 1906 com estas palavras: “A nossa revista, podemos dizer, está sem armas para combater: deixou-nos o eminent Dr. Giovanni Rossi. O nosso ilustre amigo foi para a Itália, com sua exma. família e, está nos parecendo, não voltará ao nosso Estado.” A notícia prosseguia no mesmo tom de amizade e de admiração.

Voltando à pátria, depois de quinze anos de Brasil, onde sonhou, amou e lutou, ele levou consigo, como lembrança, o cabo da enxada com que trabalhou na Colônia Cecília. Ia cheio de saudades porque contam, os velhos amigos e se comprova pela leitura de sua vasta correspondência, ele tinha pelo Brasil uma profunda e sincera afeição. Em 1905, data da partida, Éleda era uma beleza fanada, pálida, com os primeiros cabelos brancos. O companheiro repetia, enternecido, que ela era a velha mais bonita deste mundo... As filhas estavam, respectivamente, com 10 e 7 anos. Eram duas lindas gaúchas, louras e de olhos verdes. O pai afirmava que não tinha perdido nenhuma filha. Eram as mesmas. As que morreram em Palmeira nasceram em Taquari. Ele as reconhecia perfeitamente, e olho de pai não se engana... Na Itália, ocupando altos cargos, não se esqueceu do Brasil; publicou artigos e folhetos restabelecendo a verdade, por vezes deformada, sobre nossa terra e nossa gente. Em 1939, pouco antes da guerra, a família inteira ainda estava viva: O Dr. Giovanni Rossi, então com seus 83 anos, ainda tomava belos banhos de sol e fazia longas caminhadas a pé, como era seu costume; Éleda estava branquinha, um tanto curvada, o que ela por faceirice disfarçava com um grande lenço vermelho cruzado sobre o colo. Seus olhos, porém, estavam moços. Ainda brilhavam com toda a luminosidade dos céus do Brasil! E as gauchinhas? Ah! Essas, tiveram um belo futuro. Estavam grisalhas. A mais velha, depois de um belo curso, formara-se, era doutora, professora de uma Universidade. A outra, casara-se cedo, tinha duas filhas e a sua grande ambição era, um dia, ser chamada brasileiramente de — *vovó...*

Assim passou pelo Brasil de ontem uma rajada de sonho e de idealismo. Era um sonho velho como o mundo, mas que espaçadamente floresce, desabrocha ao sol do sentimento e da inteligência, a sua maravilhosa flor vermelha.

E a Colônia Cecília?

Desapareceu:

Em seu lugar está uma tapera. Alexandre Cerchiai que lá esteve, há alguns

anos, escreveu uma carta que é uma lâmina de aço. Contou-nos que, ali, “o espírito morre antes do corpo.” Os velhos aceitaram a organização milenar e fumam tranquilas cachimbadas à porta de suas casas. As crianças, filhas de caboclos, italianos e alemães do Volga, são de uma beleza sem par. Andam descalças e trazem um laço azul nos cabelos de ouro.

Mas do sonho anarquista nada resta. O governo imperial teve razão quando confiou na voracidade da terra. O sonho morreu; o colono vive, trabalha, paga o fisco e, para matar o tempo, guarda moedas de prata num velho pé-de-meia.

É um lugar como os outros.

Nada lembra a passagem do profeta.

O sonho não sobreviveu ao madeiramento da Casa do Amor.

Nem mesmo às flores daquele ingazeiro que pendia sobre as águas e embal-samava a brisa da tarde, numa brisa que vinha de longe, dos pinheirais azuis, manchados de ouro pela purpurina do sol...

Notas do Autor

Meu intuito inicial foi traduzir o pequeno trabalho “Un episódio d’amore libero nella Colonia Cecilia”, escrito e vivido pelo Dr. Giovanni Rossi que, para o caso, usou seu pseudônimo de Cárdias. O assunto, porém, me interessou de tal maneira que pus de parte as páginas do filósofo e tratei de obter novos dados, a fim de esclarecer a amargurada existência da Colônia. Depois, pintando paisagens, acentuando caracteres, comentando situações, acabei por me encontrar diante de obra minha, escrita sobre a narração do ilustre agrônomo, há mais de cinquenta anos. Faço esta ressalva, não porque pretenda louvores que não me caibam, mas para que não sejam atribuídas ao fundador da Colônia Cecília as minhas deficiências. Fique, pois, entendido que o ouro aqui existente é do escritor italiano; a obra de novelista será minha, e nela, como se faz em peças de ourivesaria, inscrevo o nome do lavrante.

Em 1932, o nome da Colônia Cecília foi lembrado pelos “Quaderni della Libertà” que, por essa época, eram publicados em São Paulo. No número 2 da aludida publicação foi reeditado “Un episódio d’amore libero nella Colonia Cecilia”, contado pelo Dr. Giovanni Rossi, sob o pseudônimo literário de Cárdias, com uma abertura escrita por Alexandre Cerchiai, onde eram igualmente citados os trechos mais interessantes do relatório elaborado, em 1893, pelo mesmo Cárdias, e publicado a expensas do semanário “Sempre Avanti”, de Livorno, e reproduzido, em 1902, pela “Protesta Umana”, de Chicago. Outro manancial de informações para os estudiosos é o grosso volume publicado em Zurique, no ano de 1897, por A. Senflemen, e no qual se encontram as cartas, notícias, relatórios e polêmicas de Cárdias sobre a Colônia Cecília. Mas esse volume é, ao que parece, igualmente inencontrável. Muito principalmente nos dias que correm. No número 5 dos “Quaderni” de São Paulo, publicação a que nos referimos linhas acima, encontra-se também uma carta de Alexandre Cerchiai. O escritor e jornalista que tantos anos residiu em São Paulo, onde morreu, se sentiu tentado pelo assunto, foi ao Paraná, dirigiu-se às localidades de Santa Bárbara

e Palmeira e aí pôde apreciar com uma pontinha de amargura o que restava da famosa colônia, em 1932, isto é, quase meio século depois de sua fundação.

Com essas e outras, embora escassas, informações, não resistimos ao desejo de evocar a curiosa tentativa encorajada pelo nosso imperador. Não tentamos descrever a acidentada história desse empreendimento de filósofos e poetas, ela já está escrita, embora seja difícil, talvez impossível, encontrá-la. Cárdias, que era jornalista e escritor de primeira água, escreveu-a melhor do que ninguém, com o sangue de seu próprio generoso coração. Procuramos, no entanto, contar aos possíveis leitores destas páginas, como o seu sonho pôde ser transplantado e conseguiu florir, embora efemeramente, naquele tempo em que nós recebíamos da formosa Península, além de ótimos trabalhadores para os campos, homens de alma inquieta que renunciavam aos bens materiais para fazerem qualquer coisa em prol dos destinos da humanidade. Eram filósofos, poetas, sonhadores de um mundo melhor. Muitos deles combateram conosco, lado a lado, para a grandeza que em parte conseguimos. Nesse número estão, entre outros, Líbero Badaró e Giuseppe Garibaldi.

Na esperança de acrescentar algumas informações às conhecidas, escrevi diversas cartas a descendentes das famílias pioneiras da Colônia Cecília, que ainda os há por aí, a prefeitos paranaenses e a colegas de imprensa capazes de me prestarem esclarecimentos; no entanto, essas cartas, talvez por deficiência de endereço, não alcançaram o resultado que esperei. Entre os poucos que me auxiliaram com o que sabiam, quero registrar aqui o nome do Sr. Francisco De Paola, residente nesta capital; do meu amigo Comendador Francisco Petinatti, que me falou das relações do então jovem Cárdias com Carlos Gomes, aluno de seu parente Professor Rossi, quando ambos viviam em Milão. A escritora Maura de Sena Pereira, de Florianópolis, me pôs em contacto com o Sr. Emmembergo Pellizzetti, de Rio do Sul, Santa Catarina, amigo pessoal de Cárdias, que me forneceu interessantíssimo material, constituído de lembranças do filósofo, já velho, aqui e na Itália.

Bricio de Abreu, diretor do “Dom Casmurro”, do Rio de Janeiro, publicou nesse jornal, em data de 18 de outubro de 1941, uma brilhante crônica da qual destacamos: “Enfim, cheguei ao meu caro François Coppée e justamente aos exemplares raríssimos de “Mon Franc Parler”, que Theophile Gautier e Georges D’Esparbés chamaram de “obras-primas da crônica do século.” Leitura dos meus 20 anos! Que saudades! Atirei-me para um divã, disposto a recordar aquelas magníficas crônicas do Paris de 1890. Logo de início, no artigo “Les Femmes et l’Anarchie”, datada de 23 de fevereiro de 1890, encontrei uma das mais curiosas

notícias que já tive sobre o Brasil.

“Par une lettre insérée dans le dernier numéro de la “Révolte”, diz Coppée — que me tombe, par hasard, sous les yeux, j’apprends qu’il existe au Brésil, dans la province de Paraná, une colonie d’anarchistes! et la lecture de cette lettre m’a vivement intéressé.

Quelques hardis compagnons, dégoûtés du vieux monde, mais désespérant sans doute de le détruire ou de le transformer par les moyens révolutionnaires, une poignée de ces désespérés qu’on appelle en Allemagne “Europamude”, ont traversé l’Atlantique et tâchent de vivre là-bas selon leurs principes, en toute liberté, sans loi ni règlement, sans Dieu ni maître. Bravo!

Et ils sont partis, pleins de courage, les émigrants. Le Brésil leur a cédé, comme à tous les colons, un terrain sur un plateau, à neuf cents mètres d’altitude; et ils y ont fondé la colonie Cecilia, un village de vingt-deux baraques, crânement baptisé Anarchie, où s’en est fini de l’impôt, du service militaire, de toutes les corvées sociales, ou chacun travaille selon ses forces, pour le bien de tous et non pour un humiliant salaire, où la fraternité n’est pas un mot, où tout est en commun!”

A carta publicada pela “Revolte” de Paris, é assinada pelo “compagnon” Cappellaro, segundo nos afirma Coppée.

Como se pode crer, a “serpente dos mares”, naquela época, ainda não existia para os jornais parisienses... e a imaginação se voltava para esse longínquo Brasil.

Em todo caso, por um desencargo de consciência, procurei na Biblioteca Nacional os jornais de 1890 e, nos pouquíssimos que folheei, nada me foi dado deparar nesse sentido. Em um dos mapas mais minuciosos e modernos do Paraná procurei o nome de “Cecilia”, como vila, aldeia ou cidade e... nada encontrei também. Deduzi que o tal Cappellaro era um “bobard” que o nosso Coppée engoliu inteirinho. Mas, a sua crônica é deliciosa, hei de traduzi-la e publicá-la aqui em “Dom Casmurro”, como um documentário do “désarroi” da imprensa francesa daquela época. O que é certo, é que, segundo nos relata Coppée e ainda segundo a carta do próprio Cappellaro, a tal colônia não vingou; ia tudo mal por falta de mulheres. As poucas que haviam seguido o “son homme” ao Brasil, apesar de “anarquistas”, não queriam ser “bem comum” da colônia. Aliás, a carta publicada pelo jornal “Revolte” de Paris, era justamente fazendo um apelo às “companheiras que ainda existissem no velho continente, para que “embarcassem para o Paraná, a fim de ajudarem a vida e o progresso da ideia.” Isso serviu a Coppée para uma série de considerações curiosíssimas sobre o “amor da mulher anarquista”, que é igual ao amor de todas as mulheres.

Mas, o que é certo, é que ninguém sabe notícias, no Brasil, da tal colônia,

nem da tal cidade de Cecília, fundada pelos “anarquistas”, com a boa-vontade do nosso governo daquela época!

Ontem quase tive um desmaio! Fiquei atarrantado durante muito tempo... e não era para menos!... Vocês verão!... Ao abrir a 2.a edição de “O Globo”, de ontem, 4.a feira, 15 de outubro, deparo com uma notícia, cujo título era “Morreu como um santo.” A nota era sobre o falecimento de um frade que viveu como um verdadeiro santo. Tinha o nome que adotou na ordem, mas o verdadeiro era Mário Cappellaro e... nascera em Cecília, no Paraná, em 1890, diz o vespertino carioca!!!

No jornal indicado pelo cronista apenas encontramos a notícia da morte de um frade, sob o título de “Morreu em cheiro de santidade.” É a seguinte:

“Na avançada idade de 71 anos faleceu ontem, no convento de Santo Antônio, frei Burchardo Sasse, da Ordem dos Mínimos de São Francisco de Assis.

Nascido na Alemanha, em 24 de novembro de 1870, ingressou no noviciado da Ordem em 1889. No ano de 1894 veio para a Bahia e, no ano seguinte, recebeu ali as ordens sacerdotais. Homem de grande resistência física e de palavra fácil, dedicou-se à pregação das Santas Missões, percorrendo, nesse caráter, vários Estados da União. Em 1931, enfermo, abandonou as missões, depois de ter realizado 50 dessas peregrinações apostólicas.

Em 1931, quando festejou as suas bodas de ouro sacerdotais, jubilou-se. Cada vez mais dominado pela moléstia, o venerando franciscano recolheu-se ao convento de Santo Antônio, onde ontem a morte o surpreendeu, cercado das preces de seus irmãos de hábito e de regra.

Hoje, às 9 horas, foi celebrada missa de “Requiem”, saindo em seguida o corpo para a necrópole de São João Batista, onde foi sepultado.

Frei Burchardo, que desaparece em odor de santidade, deixa impressa uma coletânea de Exercícios de Santo Inácio.”

Será a essa que se refere o cronista? Nesse caso não passa de uma “blague” do ilustre jornalista carioca. Um frade alemão, de 71 anos, nascido na Colônia Cecília!

Em 1940, escrevi à poetisa Da. Maura de Sena Pereira, em Florianópolis, pedindo-lhe que colhesse informações sobre os últimos anos da cidade de Cárdias. Essa escritora, amavelmente, se pôs em contacto com o Sr. José Ferreira da Silva, prefeito de Blumenau, que lhe escreveu a seguinte carta:

“Exma. Sra. — Acuso o recebimento de seu cartão. Demorei em respondê-lo porque quis me informar perfeitamente sobre o Dr. Rossi. A respeito desse médico, ninguém melhor do que o Dr. Emmembergo Pellizzetti, de Rio do Sul, poderá dar notícias, pois privou com ele por vários anos. Mando-lhe, juntou, uma carta que recebi daquele senhor, em resposta a um pedido de informações. Caso V. Exa. desejar outras notícias, o Dr. Pellizzetti informará com prazer.”

A carta a que se refere o Sr. Prefeito de Blumenau é a seguinte:

“Rio do Sul (S. Catarina) 24 de novembro de 1940. — Prezado amigo José Ferreira. — Venho satisfazer ao seu pedido. Vivi com o Dr. Rossi nos 3 primeiros anos deste século; era considerado como membro da família, seu auxiliar nos trabalhos (no Rio dos Cedros.) Em 1904, o Dr. Rossi foi dirigir a Estação Agronômica de Coqueiro, que substituirá a do Rio dos Cedros.

Em 1907 (se bem me lembro) o Dr. Rossi foi para a Itália e aí ganhava a sua vida escrevendo nas revistas de agronomia, e creio mesmo que fundou um viveiro de árvores frutíferas. Em 1923, por ocasião da minha viagem à Itália, fui visitá-lo em Pisa. Mantive correspondência com ele até 1936; depois, devido à minha precária saúde, deixei de lhe escrever e somente remeti uma carta no princípio deste ano. Rebentou a guerra e nada mais sei.

Se vive ainda, deve ter a idade de 84-85 anos. Conservo aqui muitas de suas “notas” agrícolas, que costumava remeter-me; amava muito o Brasil e sempre queria ser informado sobre a nossa vida e progresso. Como bem sabe, ele nunca foi prefeito de Blumenau. Se posso ser útil para dar informações mais interessantes sobre o Dr. Rossi (seu modo de pensar, sua vida, seus costumes) estou aqui ao seu dispor. No caso de que se venha a publicar alguma coisa sobre a “Colônia Cecília”, desejo ser informado. Abraços do velho amigo — E. Pellizzetti.

Nota — Tenho também uma fotografia do Dr. Rossi, de 1935.”

Em princípios de novembro de 1941, o Sr. Pellizzetti, que é um homem culto, amigo dos filósofos e poetas, passou por São Paulo e aqui me procurou. Nas nossas palestras, como se poderá imaginar, falamos muito de Cárdias e da sua Colônia Cecília. As lembranças do meu amável informante, muito contribuíram para a evocação da figura de Cárdias, dos seus companheiros, da vida da colônia e dos seus principais acontecimentos. A todos quantos me auxiliaram nesta obra de exumação histórica, os meus agradecimentos. Ofereço-a aos meus amigos trabalhadores italianos do Brasil: é a luminosa flor de espírito que seus antepassados trouxeram da Península, nas caixas de ferramentas com que, tão proveitosamente, colaboraram no nosso engrandecimento econômico.

Nos fins de 1904, foi fundada a Sociedade Catarinense de Agricultura, em cuja diretoria figuravam os seguintes nomes: Dr. Gustavo Lebon Régis, Coronel Antônio Pereira da Silva Oliveira, Dr. João Carlos Pereira Leite, alferes-aluno Flávio Queirós Nascimento, José Gomes da Silva Jardim e farmacêutico Raulino J. Adolfo Horn. Essa sociedade publicou uma bela revista cujo primeiro número apareceu em 1º de janeiro, tendo como diretor o Dr. Giovanni Rossi. Do seu programa, esta promessa: “A revista manterá uma secção dedicada exclusivamente ao ensino agrícola, ficando esta a cargo do ilustrado Dr. Giovanni Rossi, Diretor da Estação Agronômica do Estado, auxiliado por eminentes homens de ciência que prometeram a sua colaboração.”

Tivemos em mãos exemplares dessa revista. Sob todos os aspectos é primorosa. Não sabemos de melhor publicação particular com o mesmo fim, em todo o país, naquele tempo. O número de janeiro de 1906 abria com esta notícia:

“DR. GIOVANNI ROSSI — A nossa Revista, podemos dizer, está sem armas para o combate; deixou-nos o eminent Dr. Giovanni Rossi. O nosso ilustre amigo foi para a Itália com sua exma. família e, está nos parecendo, não voltará mais ao nosso Estado. A “Revista Agrícola” lamenta sinceramente a ausência do seu Diretor e, desejando render uma homenagem a êste homem de ciência, ao mesmo tempo que presta um serviço à lavoura catarinense, vai publicar, em edições sucessivas, os trechos mais interessantes dos relatórios apresentados por él ao Governo do Estado durante o tempo em que foi diretor da Estação Agronômica. Não encontrará o leitor, no que vai ler, frases bonitas, bem burladas, mas encontrará ensinamentos valiosos, fruto de pacientes pesquisas e de experiências continuadas.”

O primeiro trabalho refere-se à moléstia do fumo, que então se havia tornado um problema para vários Estados. Do comentário da revista depreende-se que o seu estudo foi “o primeiro trabalho em ordem cronológica” sobre tal matéria.

Na Itália, o Dr. Giovanni Rossi continuou a ser um grande amigo do Brasil. As pessoas com quem conversamos a seu respeito, falam das suas frequentes cartas, cheias de referências elogiosas à nossa gente. No que se refere à agricultura, então, ele perguntava sempre pela maneira como havíamos resolvido este ou aquele problema, elogiando nossos cientistas e administradores.

Temos em mão um trabalho muito interessante. É o folheto intitulado “Agricultura primitiva negli Stati meridionali del Brasile.” Foi publicado em Florença, no ano de 1908, no “Stabilimento Tipografico dei Minorenni Corrigendi”. O

nome do autor é seguido das suas qualidades: Diretor do Viveiro Cooperativo da Ligúria, que me informam ter sido por ele fundado, e professor da Escola Superior de Agronomia, de Taquari, Rio Grande do Sul, e Diretor da Estação Agrária do Estado de Santa Catarina. Como se vê, ele não esquecia o Brasil, tanto para lhe ser útil em suas publicações, como também para citar os cargos que aqui exerceu no início de sua carreira.

Em 1900, quando se comemorava a fundação de Blumenau, o agrônomo italiano escreveu esta página que, pelo estilo, concepção e conhecimentos que revela deveria figurar entre os mais altos gritos de entusiasmo e de admiração que o Brasil tem despertado em alma estrangeira:

“Ó Blumenau, recanto gentil do mundo descoberto por Cabral, eu desejaria ser filósofo, artista e poeta para entender e cantar a tua glória. O teu céu límpido, azul e profundo canta hinos de paz e de alegria. Mas algumas vezes é brumoso e velado, como a pobre alma humana. Nas tardes de verão inflama-se em um oceano de calor, de luz e de força sideral, terror do viandante, mas sublime doador de vida à flora opulenta; depois se cobre de espessas nuvens e desaba a chuva, entre fulgores de relâmpagos e estrondos de raios. E, nas noites serenas, as estrelas cintilam como em outros céus nunca vi e, mais do que em nenhum lugar, pesa sobre nosso pensamento a visão do infinito.

Se o teu verão é ardente e chuvoso, o teu inverno é enxuto e tépido, como uma primavera da Itália. Tão doce que a videira, apenas perdidas as folhas, os brotos já repontam, túrgidos, como mamilos de púbere precoce, desejosa de amor. Os teus montes são majestosos com seu esqueleto de granito e seu manto soberbo de florestas virgens, perenemente tocadas com todas as inimagináveis tonalidades do verde. Os teus vales são férteis, banhados pelos afluentes do largo e pitoresco Itajaí, que te beija, e ao mesmo tempo te ameaça, e algumas vezes te invade, amigo infiel e caprichoso, ó gentil cidade de Blumenau! Os teus bosques são uma maravilha para o artista e o estudioso. O ficus doliaria aí se expande solene, carregado de bromélias, de orquídeas, de begônias e de cactus: a bougainville se adorna de bactérias violáceas; a euterpe edulis abre no alto os seus elegantes pára-sóis, enquanto o astrocaryum espinhoso e o útil geonoma se confundem, na miúda multidão vegetal, com a brunfelsia de grandes flores cerúleas, com a helicônia, de amplas folhas lustrosas e rubra haste floral, com o genograma, o polypodium, o adiantum e todos os finos juncos flexuosos. Os teus bosques são ainda preciosos tesouros pelas madeiras que escondem, pelo húmus que acumulam, pelas fontes que conservam. Tenha piedade deles a bárbara foice do colono!

Nos teus bosques, à rica variedade da vida vegetal, corresponde uma variedade igualmente rica da vida animal; as industriosas larvas que se transformam em crisálidas de ouro, ou que urdem casulos estranhos dos quais sairão gigantescas borboletas de vivas cores; os grandes répteis, inócuos ou venenosos; os pássaros maravilhosos pela plumagem, como os colibris, ou estranhos pelo grito, como a araponga; os marsupiais, como a raposa; os ungulados, como o tapir e o catete; os desdentados, como o tatu; os roedores, como a pacá e a cotia; os carnívoros como a onça e o tigre; os primatas, como os macacos.

As margens dos teus rios vêm florir o ingazeiro, que fica como coberto de neve, cujas vagens são caras às crianças pela doçura das bagas; e são embalsamadas pelo perfume das brancas e delicadas flores do *hedychium coronarium*, a zingiberaceae que floresce nas serras da Europa. Os teus campos compensam a fé do trabalhador com os mais variados produtos, do arroz ao açúcar, do vinho ao café. Nos teus vergéis cintilam no sol as laranjas e maduram os enormes cachos da *Musa paradisiaca*. Os teus pastos, ó Suiça de tórrido sol, são ricos em vacas de leite, que a antiga origem holandesa recordam no seu tipo.

Ó Blumenau! O fado quer que o teu nome germânico te anuncie caríssima a Flora. E de suas flores são enredadas as casas dos teus agricultores; de flores que muitos ricos jardins invejariam, na fria Europa. De flores e de plantas raras que rodeiam e se alindam magnificamente os palacetes da tua industriosa cidade.

De flôres, eternos símbolos de poesia; de flores das tintas mais vivas, das formas mais bizarras, de inebrante perfume, é esmaltado todo o teu vasto território, que mais parece um só jardim. Mas as tuas flores mais belas e mais gentis, ó Blumenau, não são as orquídeas das tuas florestas; são as moças dos teus lares, que todas as flores vencem em beleza, na doce primavera da vida; são os recém-nascidos nos teus berços, são as crianças das tuas escolas que, sobre as ruínas da nossa civilização decrépita e mentirosa, ainda verão, um dia, talvez, esplender o futuro.”

Como dissemos em diversos passos deste livro, muito devemos do nosso trabalho a Alexandre Cerchiai. Nem todos saberão quem é, ou quem foi esse homem. Tito Batini, escritor patrício que acaba de surgir vitoriosamente com seu romance intitulado “E AGORA, QUE FAZER ?” no-lo conta, a nosso pedido, na carta que se segue. Publicando-a, prestamos homenagem a um dos mais ilustres jornalistas proletários do Brasil.

“S. Paulo, 3 de fevereiro de 1942.

Meu caro Afonso,

Sobre mestre Alexandre? Mestre Alexandre era como o chamávamos e ele não permitia. “Poldo”, diziam os seus familiares. E nós teimávamos: mestre de cá e mestre de lá. Isto aconteceu em Bauru, por volta de 1913, vésperas da primeira grande guerra; ele aparecia providencialmente, como para ensinar-nos que não se devia nem sequer pensar em eliminar os nossos semelhantes. Eu poderia ter meus nove anos e meu falecido irmão, uns sete. Fomos aguardá-lo, com nossos pais, também desaparecidos, na estação da Sorocabana. Alessandro Cerchiai devia estar no período dos 30 aos 40 anos e nos aparecia cheio de vida ainda, muito risonho, principalmente quando avistava crianças. A sua profissão seria aquela de ensinar, a pequenos e grandes, numa preocupação constante de endireitar o mundo... Amigo dos amigos; e, aos adversários, procurava explicá-los. Italiano de origem, sua crônica vem contada por outros, inclusive parentes, que sabem mais a respeito. Mas, escrevia como poucos em português e fazia-o diretamente, sem vacilações. Como você deve saber, foi também colaborador de “O Estado de São Paulo”, anos depois. O importante a assinalar é que a sua adaptação ao nosso ambiente lhe foi fácil e, entre o grande número de estrangeiros registrado pelas estatísticas, este foi um dos que vieram para praticar o bem, dedicando-se a causas humanas, que só podem valorizar o grau de desprendimento de que é capaz o homem.

Nessa noite ele vinha barbeado e diferente dos adultos daqueles tempos: não usava colete, apenas paletó-saco sobre a camisa branca, muito limpa; amarrada sob o colarinho mole uma gravata preta, de pintor; escondendo fartos cabelos, um chapelão preto que também lhe dava ares de pintor. Ou de poeta, como queira.

Vinha a chamado dos amigos que desejavam dar a seus filhos um bom professor. Não trazia doces ou presentes, mas a grande dádiva de uma bondade esparramada, e umas lições fáceis e macias como as suas próprias mãos grandes. Como professor, era um grande psicólogo prático, (foi sempre autodidata). Aos sábados, uma ou duas vezes por mês, levava-nos aos arredores da pequena cidade, onde nos dava aulas de botânica ao ar livre. Admitia, com muito bons modos, que os alunos discutissem questões relacionadas com o ensino. Lembro-me de um desacerto em que me meti (nove anos contra quase quarenta), por causa do nó-vital de uma plantinha arrancada e que me parecia normal. Ele afirmava uma degenerescência. Como não me conformasse, aconselhou-me (aconselhava, não mandava), que a levasse para casa e por lá, com vagar e com paciência — com vagar e com paciência, repetia constantemente — verificasse, consultasse e decidisse o caso, voltando à carga durante uma nova aula. A razão estava com él; reconheci-o e não me ficou nenhum recalque. Era um modelador de almas,

ao mesmo tempo em que ensinava. Haveria uma causa para a degeneração do nó-vital, explicou. A natureza não faz as coisas por fazer. Se fossemos mais adiantados, dizia, iria destrinchar-nos a dialética da natureza. As suas imagens eram simples e inesquecíveis. Começou a comparar a planta ao homem e à sociedade. Onde houvesse desarmonia e insegurança, procurássemos as causas, que deviam andar pelas raízes e pelo nó-vital..

Outra vez, dentro do salão enorme, durante uma aula.

A Sociedade Italiana Dante Alighieri era uma instituição que a política não dividira, ainda, e nada tinha a ver com as atuais “Casas da Itália”, de hoje; aquela, cedera o salão para as aulas. Desta outra feita avisou que esperássemos, pois ia à procura do elemento para a lição da tarde. Meteu-se no porão do palco e de lá voltou com a roupa suja de teias-de-aranha, trazendo um pequeno bicho negro, mamífero e de asas. Coisa impressionante a preleção de Alexandre Cerchiai sobre o morcego. Prendia-o na mão esquerda enquanto falava, procurando sobre a mistura de sua mesa um polido bisturi com que certa manhã abrira o dedão do pé do meu colega da carteira, cheio de pus. Preveniu então, que mostraria o morcego por dentro. Como poderia o mestre tão bondoso mestre Alexandre matar o bichinho, apenas para satisfazer a nossa curiosidade de saber? Não poderia substituir esta aula ao vivo, pelas gravuras dum livro? Entretanto, lembro-me de uns olhos castanho-claros, doces e inteligentes, que se moviam rapidamente, satisfeitos do trabalho. Dias antes falara-nos de liberdade. Respeitássemos a liberdade dos pássaros. Eles cantam nas gaiolas, é verdade. Mas, até mesmo o canto do homem, quando não se é cantor mecânico de ópera, (naquele tempo não havia rádio), o canto é quase sempre um lamento. As canções são queixas e os próprios soldados, quando entoam marchas, fazem-no da saudade de seus lares. Pássaros não se deviam encarcerar. Homens também não. E ali mantinha preso, ele, um inofensivo morcego. O bichinho numa das mãos e o bisturi na outra, fez-nos uma preleção sobre a morte e sobre a vida. Quem vai esquecer estas coisas? Mestre Alexandre! A vida não seria apenas cada um de nós, enquanto consegue movimentar-se. A vida seria o conjunto, todo o conjunto universal. O homem sente mais do que o animal e sofre a tortura de compreender o sofrimento, sentindo-lhe, ademais, a própria explicação; o animalzinho, não. Mas, isso não deveria dar-nos o direito de matar somente porque nós, bichos superiores, sabíamos todas essas coisas, delas nos prevalecendo. Entretanto, o homem não devia sequer estremecer diante da morte. O morcego seria morto. Ora, a vida prossegue nas outras vidas. Uma pequenina manifestação ia ser sufocada. Mas, a maior parte, que éramos todos nós, iria enriquecer-se de conhecimentos. Referveria uma bolha no cadinho da cultura que ele formava em nossas cabeças. A vida mais rica. Deu-nos as costas, adivinhamo-lhes uns movimentos, pelos cotovelos. Depois, chamou-nos para a sua mesa, ficamos como em cima

de um operado. Habilmente realizou o trabalho, explicando todo o mecanismo daquele bichinho.

Seria longo para uma carta, recordar tudo. Mas, uma palestra pública, em linguagem filosófica e especial para crianças, que mais tarde realizou, parece-nos que é digna de registo. Foi numa noite de festa e este o tema: "O grãozinho de areia." Cada um de nós, um grão de areia. Éramos grandes e éramos pequenos. O vento transportava-nos para as montanhas de areia do mundo. E só a montanha possuía valor, somente o conjunto possuía força; cada grãozinho, isolado, nada valia. Meu caro Afonso não vai querer que eu recorde tudo... Mestre ou amigo, eu não posso defini-lo. Não dava lições montado num largo colarinho duro, nem assumia importante aspecto de sabichão e admitia, até, que um mestre errasse. Excepcional, o homem, portanto.

Nos dias de festa, levava-nos algum sítio ou chácara. À frente seguia o mais alto, ou quem quisesse, levando a enorme bandeira da escola. A seguir, uma banda de música, se não me engano, a "Banda do Zezinho." E, ao lado, alguém soltando rojões. Assim era a festa... Até o dia em que se cansou e nós fomos, chorosos, despedir-nos, na mesma estação em que ele chegara. Cresci e ele envelheceu em meio a colunas de jornais, de lutas, de ingratidões e desenganos. Várias vezes palestramos, aqui em São Paulo, e nos seus jornais publicou alguns dos meus pequenos trabalhos. Mas, não me fixava como quem fixasse sua própria obra, ao ver-me preocupado, como élle, em escrever. Outras maneiras de agir, embora visando um mesmo objetivo, davam diferente forma ao barro em que também ele havia trabalhado.

Quando veio a doença irremediável, eu estava com a jornada completa dedicada a um jornal, que nós preparávamos com muito esforço e sacrifício. Não conseguia roubar meia hora para chegar ao bairro distante e ali olhar uma última vez seus cabelos já brancos, nem ouvir sua voz, a mesma que me havia ensinado coisas belas e úteis. Mas, se mestre Alexandre soubesse das verdadeiras razões dessa ausência, na certa estaria de acordo comigo na sua lógica prática, produtiva, e ao mesmo tempo cheia de sentimento. Estávamos fazendo um jornal que ensinava, falando de assuntos que outros jornais não falavam. Se ainda raciocinasse, estaria satisfeito da nossa obra. Nós somos um grãozinho de areia, cada um, que o vento leva. Fui me conformando, conformando... Até que veio a notícia definitiva. A sala em que me encontrava com os colegas atarefados, encheu-se de fumaça para mim. Nenhum farol daquela máquina férrea que o levava ao interior para banhar as nossas cabeças: cada qual cumpria um rumo diferente e não podíamos, reunidos, chorar o grãozinho de areia roubado pelo vento.

Haveria muito mais que dizer deste homem bom e útil e produtivo, que foi Alexandre Cerchiai, turmeiro da Sorocabana, lixeiro aqui em São Paulo, soldado garibaldino, jornalista, uma porção de outras profissões e, também,

grande mestre. Diremos essas coisas de outra forma, em outros lugares, que aqui o que você me pede é uma simples carta e como carta já vai longa. E' a minha homenagem e em nome de seus antigos alunos, se você me permite, uma homenagem daqueles garotos que hoje, homens feitos, andam por aí espalhados e não o esquecem, não.

Até outra vez, portanto e um abraço do

Tito Batini."

E se fosse possível recomeçar do zero? Sem patrões, sem padres e sem governo.

No final do século XIX, um grupo de imigrantes italianos desembarca no interior do Paraná com essa missão audaciosa. Liderados pelo idealista Giovanni Rossi, eles buscam fundar a Colônia Cecília — uma comunidade anarquista experimental onde tudo seria de todos, as decisões seriam coletivas e as relações seriam guiadas pelo "amor livre", longe das amarras da Igreja e do Estado.

Mas o paraíso tem um preço.

Neste romance histórico visceral, Afonso Schmidt — ele mesmo um simpatizante do anarquismo — dramatiza a história verídica desta que foi uma das mais radicais utopias tentadas em solo brasileiro.

"Colônia Cecília" narra a luta brutal pela sobrevivência contra a fome, a terra infértil e a hostilidade do mundo exterior. Mais do que isso, explora os conflitos que nascem por dentro: o ciúme que corrói o "amor livre", a inveja que desafia a propriedade coletiva e a dura realidade que testa os limites do ideal.

Um romance poderoso sobre a distância trágica entre o sonho da liberdade absoluta e a complexa natureza humana.